FUNDO: **Apolonio de Carvalho**			**BR AN,RIO GK.0.TXT.2**
NOTAÇÃO	Código Atual	Título	
Caixa	Data	**A ANL; A LUTA ARMADA; A ESQUERDA ARMADA**	
Pasta		Notas **154 páginas**	

BR AN, RIO GK. Ø.TXT.2, P.1

A luta Armada.

GK.Ø.TXT.2,19.2

Depois dos 10 anos de crescimento e de vitórias

depois dessas eleições que nos levaram ~~a~~ Lula a passo da Presidência da República, desejo que essas jornadas de trabalho sejam de reflexões profundas sobre a vocação de n/ partido, de seu papel junto às demais forças de oposição

volta às raízes

- retomada da identidade como P. amplamente democ. e dem. centralizado
- a ~~tradição~~ vocação dem. e a visão abrangente das forças populares ~~e dem.~~ necessárias às realizações plenas das mudanças já maduras em n/ sociedade
- e a ~~tradição~~ vocação socialista cujas raízes mergulham nos compromisso originais ~~se~~ tessidos com o mov. popular e com as exigencias de desenv. soc. (justiça, liberdade) no que tange à cultura - etc.

Será a maneira de o PT ser efetivamente ele próprio, ~~já que~~ (fiel a si mesmo) e de guardar sua imagem original já que, na linguagem do povo "é correndo ~~pelo n~~ para o mar ..." -

- (Essa visão clara das relações entre democracia e socialismo) é a forma de o PT ser fiel a si-mesmo e guardar sua imagem de origem, já que

~~Saúde com alegria~~ Ausente motivos saúde quero trazer aos companheiros. Meu abraço fraterno ~~a companheira~~ nesta festa ~~exemplar~~ de aniversário pt.

O roteiro anterior:

1) A experiência socialista no Leste Europeu.

2) [illegible] últimos 30 anos — a ala reformista do [illegible]

O eleição de [illegible] na RDA, no final dos anos [illegible]

As reformas [illegible] na URSS, na [illegible]

Os anos 80 e a Perestroika; [illegible]

As mudanças [illegible]

A crise da busca de caminhos [illegible] e soluções aos problemas [illegible]

As [illegible] nas demais forças do sistema socialista.

os "[illegible]", na Polônia

as resistências às exigências de reformas na RDA, [illegible]

[illegible]

3) Até onde irão essas mudanças? [illegible] próprio URSS.

[illegible]

A RDA, por exemplo [illegible] deixando [illegible] o momento dos [illegible]

O [illegible], há 6-8 meses, [illegible]

A pressão popular [illegible] de soldados, [illegible]

[illegible], restaura liberdades, multiplica os espaços [illegible]

[illegible] de [illegible]. [illegible] do [illegible] popular [illegible] de eleições a curto prazo.

[illegible] no [illegible], busca o [illegible] dos [illegible] políticos e dos programas de [illegible]. Os [illegible]

Com [illegible] os [illegible] de partida das reformas — [illegible]

[illegible] seria a [illegible] dos [illegible], [illegible] Budapest 56, [illegible]

[illegible] de 1953, na Polônia e na RDA —

[illegible]

Para os [illegible] do socialismo,

[illegible]

1

GR.8.TXT.2.P.4

Capítulo (V) (5 e I)

a relação entre democracia e socialismo

o ruptura — o elo de ruptura

o força social — as alianças

as reformas [as 2 faces da mesma medalha: Reforma — Revolução

— o sentido consequente das Reformas (o futuro, a desdoblamento)

= a prática política

= a dinâmica de massas

(Obs) = Sem essas condições,

→ pode tornar muito alto e caro para o bom o ônus da superação do elo de ruptura

a ~~supra~~ do elo de ruptura

= a ~~desagregação~~ (?) da base social

desagregação (?) e do aparelho de Estado das classes dominantes

(x) a mudança de conteúdo

Para o texto:

Capítulo (I):

a) reduzir a parte das torturas. Colocar o essencial: ser lugar na tática expressa. o método (o conteúdo) as fases

b) enriquecer a parte de análise crítica da crônica de direita

- incluir os elementos essenciais que levam à síntese das conclusões e à definição dos erros centrais

- situar nesse Q. LOPCBR minha parte de responsabilidades

d) destacar certas características e certas imagens de companhuvos

e) marcar bem a legitimidade de nosso combate e sua possível (embora difícil) continuidade.

Obs: Utilizar o método de perguntas sob formas adequadas: Cand.

Para muitos dentre nós, a ... teria o sentido de ...

Para nós, no entanto ...

Seria essa a única via? ó a única interpretação em vigor em nossas fileiras?

- Pedro nós: porque ...

Capítulo (II) Incluir, na análise do contexto da militância nascente, a imagem da época, a geração privilegiada

Capítulo (III) - as 3 militâncias

- a ruptura - e porque nós foi um drama

- lembrar a parte de "TVT" sobre o "stalinismo"

GK.Ø.TXT.2.P.5

Roteiro: Os 5 capítulos — seu lugar / sua imagem. (lá fora

— a viagem R. e Argel. O novo mundo que se abre ~~de~~ / a realidade que persiste ~~[illegible]~~

I — 1970-1979 — a) A nova conjuntura política — e se agrava dentro do país

b) A difícil e apaixonante experiência da prática política de direção

c) ~~As~~ Desafios ~~e influências~~ que se renovam

— As definições que já não admitem adiamentos

As opções iniciais. Os elos vasios

— as velhas influências que persistem.

II — 1912-1976 — As fontes e caminhos que conduzem às opções políticas.

A passarela relativamente fácil das organizações populares, nos moldes das frentes políticas.

A época. A ANL.

As primeiras experiências

III — 1936-1947

. A escola das prisões políticas.

. A visão nova (das realidades (os dilemas e desafios da época)

(da luta de classes e dos partidos políticos

— As exigências da solidariedade internacional — e

A integração com as Teses e a mensagem política do PCB.

o ciclo externo da primeira militância.

— Avanços e limitações

IV 1948 - 1968 A conquista da legalidade. A prática política engastada nas ~~[illegible]~~ instituições. ~~A visão ainda distanciada das realidades~~. [Mais

A visão idealista das novas conjunturas
- e as surpresas que esperam a Esquerda, dentro e fora do Pará:

[o impacto inesperado da guerra fria;

[a nova fase de clandestinidade (1948-58)
nosso desprepare - e o exagêro em sua condução.

[o contato com a realidade da construção socialista, na RSS -

[A legalidade consentida (1948-58)
e suas ~~[illegible]~~

V - 1970 - 1979 ... A nova época - Suas características
As forças em declínio
As novas agentes políticas.
que a definem. Sua ascensão contínua.

OPT - A experiência de
um 1º decênio de construção

GK.Ø.TXT.2, P. 8

A DÍVIDA DA ESQUERDA

Na verdade, já à chegada a Argel, o nosso protesto armado tem sua sorte selada. Não sabemos, ainda. Estamos aliás muito longe de imaginá-lo. E pensamos ter razões de sobra para isso.

Menos de um ano antes, a vitória final continuava, a nosso ver, inteiramente possível. Mais ainda: ela estava, talvez, nesse momento, mais próxima do que se podia supor.

Dois elos altos de nossa prática armada estimulam esse halo desbordante de confiança. O primeiro é a expectativa de um lançamento próximo da guerrilha rural. Ela é, para nós, o elo decisivo de nosso esquema de guerrilhas, a razão de ser maior, o alvo e o destino natural das tarefas e objetivos da forma de guerrilha iniciada nas cidades: a conquista de armas e de meios, a formação de quadros e combatentes. E, ao mesmo tempo, a base de partida, a condição-chave das escalas superiores e decisivas da guerra revolucionária: a guerra de movimento, as áreas libertadas, a mobilização ampla do povo - e a criação de um exército popular. É, assim, o centro, quase o fio condutor de nossa guerra revolucionária. L969 parece abrir essa era nova. É, assim, queiramos ou não, um ano de intensa euforia.

1969 abre, também, o ciclo alto das ações de seqüestro . Os elementos de amadorismo e improvisação dos primeiros episódios são pouco conhecidos - e não tisnam, nem de longe, sua qualidade nova, seu impacto favorável junto à população, o alcance e o sentido ético de seus objetivos e de seus resultados. São, ao mesmo tempo, por sua audácia e por sua organização minuciosa, o ponto culminante de nossa prática armada. Dão a imagem clara de uma u emonstração de forças e de meios, de escolha judiciosa de objetivos, flexibilidade face às manobras adversas, esquemas precisos de informação.

As tendências dominantes na conjuntura agem, no entanto,

GK.Ø.TXT.1,P.10

em sentido contrário.

Isolados nos choques apaixonados da luta interna de opiniões - e, em seguida, nas "solitárias" da PE, muitos de nós ignoramos ainda, nesse momento, o curso novo e adverso que os meses seguintes tinham trazido a nosso confronto armado.

O final de 1969 e início de 1970 são marcados por uma torrente contínua de quedas, perdas irreparáveis, e derrotas parciais. Na ALN, em setembro e novembro e, a seguir, em janeiro e março de 1970; no PCBR, em novembro de 1969 e janeiro/fevereiro seguintes; na VPR, em março de 1970.

A guerrilha rural está adiada sine die, com a perda, em fins de 1969, de suas áreas primordiais de lançamento, no Centro-Oeste, e dos campos de treinamento militar, no início de 1970, da VPR e do PCBR, no Centro-Sul.

É no exterior que tomamos conhecimento dessas perdas e derrotas.

* * *

O período anterior de prisão poderia ter sido,entretanto, um primeiro momento de análise e balanço de nossa trajetória recente.

Pela primeira vez, após a grandes quedas, estamos reunidos duas boas dezenas de militantes e dirigentes do PCBR. É um momento excepcional de trégua, transitoriamente afastados do isolamento absoluto e das salas de tortura.

Para muitos, o estágio no Regimento Sampaio vai durar alguns meses. Para mim, será apenas um contato de poucos dias. Ele permitiria, entretanto, um primeiro balanço de nossa conduta de prisioneiros políticos, a avaliação mais clara de nossas perdas,

as responsabilidades pessoais que estão à sua origem. É o início da avaliação de nossas forças, lá fora, apesar do isolamento absoluto a que somos relegados, e da quase completa ausência de informações.

E teria aberto o caminho, numa seqüência natural de reflexões e análise, à avaliação crítica da trajetória recente e, mesmo, da atualidade maior ou menor de nossas teses originais. E, como sua seqüência natural, das condições e perspectivas de nosso protesto armado, sob as tendências determinantes das novas conjunturas.

Faltou-nos, no entanto, uma visão mais próxima da real situação das organizações armadas e, mais que tudo, dos novos níveis das forças que orientam a repressão policial-militar.

Em mim, particularmente, pesam limitações mais precisas . Alimento, sem dúvida, as minhas primeiras dúvidas sobre o encaminhamento de nossa prática político-militar. Elas não alcançam, ainda, entretanto, a atualidade de nossa teses e projetos originais. Não abarcam o quadro geral da nova esquerda, que conheço ainda precariamente. Limitam-se, assim, à faixa restrita do PCBR. É esse meu campo inicial de análise, sem projetar-se, no momento, à trajetória recente e ao que virá, amanhã.

André e Vitor (1), apesar de todas as limitações que nos cercam, vão porém bem mais longe. Inicial a análise crítica de nosso projeto inicial, o balanço de nossa firmeza ou timidez em seu encaminhamento. E chamam, insistentemente, à busca, mesmo imprecisa, de soluções possíveis, embora parciais.

---

(1) René Louis de Carvalho e Bruno Dauster Magalhães, dirigentes, na época, do PCBR.

No fundo de mim mesmo, concordo amplamente com eles. Não tenho ainda, entretanto, fôlego e envergadura para acompanhá-los nesse empenho mais alto.

De início, receio que suas iniciativas fiquem sem audiência, no interior de nossa organização. A realidade, porém, é que não me sinto ainda com forças para levar mais longe suas pesquisas e indagações. Já tenho minhas primeiras dúvidas, tímidas mas crescentes. Elas não alcançam ainda, no entanto, o quadro político geral. Detêm-se, por enquanto, no plano particular do PCBR - sobretudo na fragilidade de suas fileiras e na precária unidade de seus núcleos de direção.

Na realidade, são apenas interrogações e conjeturas iniciais. Com elas, chegam também os primeiros temores, inicialmente imprecisos, mas crescentemente teimosos e explícitos: a curto prazo, quanto à preservação da imagem do PCBR, de sua mensagem própria, de sua identidade original; a médio prazo, embora de forma ainda pouco definida, quanto à sua própria sobrevivência, amanhã.

No momento, já não tenho ilusões sobre as motivações e influências que irão marcar, de agora em diante, sua prática político-militar. Penso nos jovens quadros dirigentes do Nordeste que, um ano atrás, brandiam a ameaça de ruptura se nossa direção central não se deslocasse, a curto prazo, para as áreas do interior mais propícias à guerrilha rural; e, com idêntica apreensão, no novo núcleo de direção do Estado do Rio de Janeiro, que abandona à sua sorte a organização partidária nas grandes empresas, ignora o rico potencial das organizações populares e suas lutas típicas, no período recente, e procura concentrar-se, de corpo inteiro, na formação de grupos táticos armados. Lembro ,

GK.Ø.TXT.2, Nº 33

também, as vacilações dos companheiros de Brasília, sob a força de atração da ALN e VPR, e a mosca azul da passagem, em curto prazo, à guerrilha no campo. Não ignoro, tampouco, as preferências de amplas faixas de nossos dirigentes, por uma associação contínua de nossa teoria e prática da luta de guerrilhas, às características da doutrina do "foco" - mesmo criticando e negando as teses "foquistas". Como o fizemos todos, aliás, por convicção plena ou simples subestimação de seu alcance - já em nossa orientação política geral, desde abril de 1968; e como iriam fazer, invariavelmente, já de corpo inteiro, todos os documentos posteriores de nosso PCBR.

Não levo, entretanto, essas dúvidas e apreensões a nossos militantes e dirigentes. Temo que não sejam levadas a um debate imediato, mesmo parcial. Pior ainda: desde o início da prisão, estou inteiramente isolado. No conjunto do PCBR e da nova esquerda, a democracia interna passa por deformações significativas. A visão privilegiada da prática de guerrilhas leva a que os militantes já não sejam iguais em direitos, nem tenham o mesmo lugar nas tarefas e no funcionamento interno da organização. Mais concretamente, só é realmente militante quem está em determinado tipo de atividade - isto é, de armas nas mãos. Militantes agora presos (ou banidos, amanhã) vamos ficar, invariavelmente, relegados a segundo plano, quando não totalmente esquecidos.

Não vou longe, portanto, em minhas dúvidas e apreensões iniciais. De qualquer forma, já em meados de 1970, já não guardo a mesma confiança integral dos primeiros tempos em nossa vitória final.

* * *

GK.Ø.TXT.2, p.34

A APROXIMAÇÃO À REALIDADE

GK.Ø.TXT. 2, P.15

As evidências chamam, portanto, a uma leitura mais acurada das novas conjunturas e à reavaliação crítica de nossa expectativa anterior. O primeiro toque de alerta é a vulnerabilidade flagrante de nossas organizações. Ela se estampa numa cascata de quedas e rupturas internas.

Já não parece haver novas fontes de recomposição de nossas fileiras sob o recesso prolongado do movimento social. A esperança de um novo surto das lutas populares, sob a vara mágica das ações de guerrilha, dilui-se há mais de um ano, sob delongas e adiamentos sucessivos. A esquerda armada já não tem espaço, apoio popular e segurança nas cidades. E não possui núcleos de organização, laços com as comunidades locais e influência política que permitam seu recuo transitório a áreas favoráveis do campo. A curto prazo, é agora praticamente impossível a combinação de nossas ações de guerrilha e da prática política de massas. Diante de nós, como agravantes, o fortalecimento contínuo do novo sistema de forças no poder, o aprimoramento de sua máquina e seus esquemas de repressão.

O isolamento crescente em relação ao conjunto da sociedade, inclusive face a algumas de suas faixas mais experientes e combativas envolve, em todos os seus elos, a esquerda armada. À sua sombra, em meados de 1970, a derrota política parece claramente definida.

Um ano antes, Marighella e Câmara Ferreira já intuem o crescente isolamento dos grupos táticos armados, nas áreas metropolitanas - e preparam, em conseqüência, seu traslado a certas regiões do interior. No PCBR, Mário Alves e outras lideranças empenham-se, na mesma época, por um recuo semelhante de nossos órgãos centrais de direção. Seria a última escala, talvez decisiva, de nossa corrida contra o tempo. Já é, entretanto, dema -

GK.Ø.TXT.2, P.36

E será assim, por certo tempo, no conjunto da nova esquerda. No MR-8, às teses tímidas de um primeiro refluxo dos centros urbanos, em fins de 1969, segue-se o projeto de uma fase nova e promissora de implantação nos meios rurais, visando à criação de uma efetiva infra-estrutura político-militar (1). Na ALN, após as quedas arrasadoras de janeiro e março de 1970, os novos núcleos dirigentes convergem para um recuo imediato das cidades (2). Na VAR, reavaliam-se os eixos da prática armada anterior. Também no PCBR, o desencadeamento da guerrilha rural continua a ser a única passarela, a chave para todas as conquistas futuras - e, num primeiro lance, para a ruptura do isolamento que sufoca e imobiliza ao conjunto da esquerda armada. As mesmas teses guiarão ainda, em maio de 1971, os deslocamentos improvisados de Lamarca, Zequinha e outroa companheiros (3) rumo ao longínquo sertão da Bahia. Elas estimularão também um ano mais tarde, a última tentativa da VPR por um novo surto da luta de guerrilhas, desta vez em Pernambuco, nas áreas de tensão social.

Seria, então, impossível ir mais longe?

Sob as difíceis condições da época, tudo tenderia a indicar que sim. Algumas iniciativas mais lúcidas e corajosas sugerem, no entanto, o contrário.

* * *

Em tres faixas da nova esquerda, as análises e propostas fogem à timidez e ao meio-termo dos recuos e reajustes transitórios - e avançam, com certa audácia, para a reavaliação integral de nossas teses e opções originais.

São poucas, sem dúvida. São, entretanto, exemplares por seu senso alto de responsabilidade militante, por seu conteúdo humano e, mais particularmente, pelo nível de coragem política

GK.Ø.TXT.2,p.37

que trazem consigo. Apresentam, entretanto, diferenças flagrantes quanto às origens, aos objetivos - e, sobretudo, aos desdobramentos que propõem.

Antes de tudo, é o caso da Ala Vermelha. Inicia seu balanço auto-crítico já antes de 1969; um ano depois, já não participa do protesto armado. Está à procura de laços de ação comum com o movimento operário e popular. Em fins de 1968, quase ao mesmo tempo, as iniciativas de José Quartim e outros companheiros (1) agitam o núcleo dirigente da VPR: é o apelo ao mergulho preferencial na prática política de massas, já que a resposta armada à ditadura militar se revela inviável. No PCBR - e muito antes que todos nós - Jacob Gorender sente as ameaças que pesam sobre a nova esquerda e chama à análise crítica de nossa trajetória e à pesquisa e debate de novas alternativas. Suas advertências não são, infelizmente, trazidas à análise crítica e ao debate amplo e aberto, no interior de nossa organização. Seria, no entanto, um primeiro e valioso estímulo a uma reflexão criativa e corajosa sobre a orientação traçada e a experiência recente. Certo, em certos escalões de direção, seu espaço de audiência seria estreito e seu trânsito relativamente difícil. A acolhida e o debate aberto estariam, no entanto, amplamente assegurados: André, Olivier, Rodrigo, eu inclusive, o boa parte dos jovens quadros em formação na Guanabara, no Paraná, no Espírito Santo, alimentaríamos o estudo de suas teses, análises e sugestões.

Não faltariam, aliás estímulos e precedentes, internos e externos. No conjunto da esquerda armada, debatem-se análises críticas, projetos e alternativas parciais. E aguçam-se, em nossas fileiras, contradições, interrogações e divergências, antigas e recentes.

GK.Ø.TXT.2.N.38

Não por acaso, poucos meses depois, o debate estará aberto sobre um tema próximo, igualmente polêmico: o refluxo - ou não - para Salvador de nossos órgãos dirigentes centrais.

A proposta de Mário Alves e de um amplo setor da direção central estimulada pelos núcleos regionais mais combativos, apoia-se em argumentos e objetivos realmente válidos. Com efeito, seria um primeiro recuo face ao confronto dia-a-dia mais difícil nas cidades; traria alívio momentâneo às precárias condições de segurança que caracterizam, nos últimos meses, nossa atividade clandestina; e permitiria, ainda, diversificar nossa espera de ação, já em si particularmente limitada.

As reservas e teses contrárias têm também seu cunho de coerência. Orientada para regiões onde não dispomos de núcleos de organização e de influência política, essa transferência não modificaria, no fundamental, nosso isolamento da sociedade e as precárias condições de segurança em que atuamos, sobretudo em São Paulo e no Rio. Parece-nos, assim, apressada e problemática, uma espécie de salto no escuro. O elemento principal em debate é, porém, seu sentido político e militar. Em boa medida, vários dentre nós tendemos a assimilar esse traslado improvisado a uma velha e conhecida tendência que trazemos conosco, desde os primeiros dias: a busca de condições favoráveis para uma passagem mais rápida ao início da guerrilha rural. Dois anos antes, ela já marcava a corrente contestatária do PCB no Estado do Rio, dividia o núcleo dirigente central do PCBR desde sua fundação; e marcava diferenças sensíveis de perspectivas imediatas, os ritmos e a imagem e o caráter da luta de guerrilhas, no conjunto de nossas organizações.

* * *

GK.Ø.TXT.2.P.19

Vinte anos mais tarde essas ressalvas podem parecer inteiramente gratuitas. Elas refletiam, no entanto, a essências de nossas divergências internas e, à sua raiz, ilusões e expectativas que nasciam das características marcantes do momento. 1969 não é um ano como os outros - pois anuncia-se como um salto de qualidade em nosso processo armado. Na opinião de algumas de nossas organizações armadas, já é possível pensar, agora, no início e no desenvolvimento imediatos da guerra de guerrilha no campo. Seria a base de partida real e palpável, longa e ardentemente esperada, de uma efetiva guerra revolucionária. É, assim, um momento intenso de euforia.

Essa expectativa estimula e acirra, vigorosamente, o concorrencialismo latente no interior da nova esquerda. A pressa em lançar e fazer avançar a organização de grupos táticos armados, em fazê-los participar de ações audaciosas nas cidades, e em desenvolver, nas áreas rurais os campos de treinamento e as bases de lançamento da guerrilha têm, assim, um acicate quase febril. Ela acirra as divergências e a luta de opiniões em cada faixa da esquerda armada. E não é para menos. Essa expectativa pressupõe, por si mesma, a conquista da hegemonia automaticamente, e sem reservas. A organização pioneira no desencadeamento da guerrilha rural - é nossa crença comum - teria todas as demais a seu lado e sob seu comando, como um escudo coletivo de solidariedade e proteção. Seu papel seria, sem dúvida, inicialmente, apenas complementar. Poderia no entanto tornar-se tanto mais necessário e mesmo imprescindível, quanto maiores fossem a experiência militar já adquirida e o cabedal acumulado de seus avanços e iniciativas, e de seu laços com o movimento social.

O PCBR está largamente em atraso, nesse terreno. Não definiu sequer suas áreas preferenciais no campo. E não conta ainda com base de lançamento, núcleos de estrutura própria, presença po

lítica junto às comunidades locais, nas faixas aparentemente mais favoráveis do interior do país. Sua linha militar recente concentra sua força de criação nas tarefas táticas imediatas - a guerrilha urbana ou suburbana, a guerrilha local - e não aborda, mesmo de longe, os desdobramentos médios e finais da guerra de guerrilhas.

É compreensível, assim, o afã quase febril de alguns de seus núcleos dirigentes em procurar limitar e corrigir, em ritmo acelerado, as defasagens, omissões e vazios largamente existentes em nossa atividade anterior. Isso explicaria a imagem nova do PCBR, no início da segunda metade de 1969: o acirramento das divergências políticas, beirando a faixa das rupturas; a condução errônea, feita de intolerância política e convivência difícil, na luta interna de opiniões; as iniciativas unilaterais de criação improvisada de centros de treinamento militar; a qualidade nova de nossa política de alianças, voltada para organizações centradas na prática armada imediata, embora isolada da população. E, em primeiro plano, o choque frontal em torno do recuo imediato a certas áreas do interior.

* * *

Um novo sinal de alerta viria do exterior, um ano e meio mais tarde. Em artigo publicado em "Révolution Brésilienne", nº 2, em Paris (1) André retoma a análise das novas conjunturas. Ao centro de suas pesquisas, o grave impasse que abala e consome a guerrilha nas cidades. Vai buscar suas raízes na contradição dia-a-dia mais profunda entre as frágeis condições em que se inicia a guerrilha, em 1968, sob um ritmo quase compulsório de urgência - e o vulto e a complexidade de suas tarefas prioritárias, voltadas para as condições e meios necessários ao lançamento da guerrilha rural.

GK.Ø.TXT.2,NP.21

Essas funções novas trazem à nossa guerrilha urbana um significado mais alto que de costume - e traços próprios originais. Centrada no interior das cidades, ela passa a ter, agora, um caráter fundamental e decisivo, pois condiciona o início da luta armada no campo - e o campo é o cenário principal da guerra revolucionária que sonhamos desenvolver; tem também um caráter inadiável imediato, pois tudo - no quadro urbano como no plano rural - vai depender de seus resultados. Passa a ter, ainda, um caráter puramente transitório, já que essas tarefas mais altas devem de ser de curta duração. Uma vez iniciada a luta armada no campo, a guerrilha nas cidades deverá cingir-se às suas tarefas tradicionais, sem dúvida extremamente importantes mas, em certa medida, secundárias e subalternas.

Essas marcas de origem ajudam, hoje, a compreender melhor impulsos e opções muitas vezes atribuídos, na época, a pressões e influências externas: a sofreguidão pelo início das ações armadas, a pressa ou quase obstinação no desencadeamento da guerrilha nas áreas rurais. Elas explicam, igualmente, a distância crescente entre as ações armadas iniciais e os problemas e aspirações do dia-a-dia da população urbana. E, mais particularmente, a subestimação de atributos e condições sociais que seriam, para a guerrilha urbana, normalmente, a chave de seu crescimento contínuo, de sua consolidação e inclusive de sua sobrevivência. Fruto de contingências imprevistas - e de êrros nossos na visão do momento oportuno de seu desencadeamento, ela se inicia num momento em que o movimento operário e popular já se acha na defensiva, sem suas organizações e suas lideranças, e o movimento estudantil está às vésperas de um refluxo quase total. Não vai dispor, em conseqüência, de bases e apoios sociais solidamente estruturados. As relações entre as lutas de classes e a luta de guerrilhas encontram-se, assim, desde o início, diluidas ou ameaçadas.

GK.Ø.TXT.2,10.22

A guerrilha urbana outorga-se, ao nascer, responsabilidades extremamente altas. Elas estão previstas, entretanto, para um curto lapso de tempo. Qualquer demora em sua aplicação pode criar-lhe, amanhã, problemas quase insolúveis. É o risco potencial que traz consigo, desde os primeiros dias: o confronto latente entre as ausências e limitações de sua organização interna e de sua base social de apoio, e o alcance de seus objetivoa finais. Nossa esquerda armada não sabe, na época, ter em conta esses riscos e ameaças. Ela pagaria caro essa primeira inadvertência.

Ano e meio depois, em meados de 1969, o adiamento contínuo da guerrilha regular no campo, o longo refluxo dos movimentos populares, e a expectativa de um prolongamento indefinido das tarefas iniciais e de seus ritmos de ação vão conduzir, inexoravelmente, a guerrilha urbana a uma situação de impasse. De iniciativa originariamente transitória, passa a enfrentar as responsabilidades e ônus de uma tarefa permanente, sem dispor ainda das condições necessárias. Sua sobrevivência corre perigo. Como todas as demais frentes de luta dependem diretamente dela, essa ameaça afeta nosso protesto armado em seu conjunto.

A pesquisa de André chama a olhar de frente esse perigo imediato. Como nos anos anteriores, não há ainda espaço, no PCBR, para as clarinadas de alerta. Ela vai permanecer sem ouvidos e sem estímulos, em nosso pequeno grupo do exterior. E não será sequer conhecida, no interior do país.

GK.Ø.TXT.2,P.23

A ATUALIDADE DE UMA ALTERNATIVA DE EMERGÊNCIA

Decorridos quase vinte anos, penso hoje que talvez fosse ainda tempo de olhar de frente a situação criada, avaliar suas incertezas, procurar num debate conjunto alternativas viáveis, embora parciais. Se o atraso nessa viragem se revelava aparentemente irrecuperável, as derrotas e advertências eram, também, duras e contínuas. Chamavam, com urgência, à reflexão crítica sobre a orientação e a prática recentes. E à procura de uma alternativa de emergência que pudesse assegurar um primeiro refluxo no enfrentamento armado, e passos iniciais de aproximação à opinião pública e ao movimento social. O primeiro lance seria a definição de respostas rápidas aos impasses mais graves, isto é, o isolamento crescente da esquerda armada e a situação desesperadora da guerrilha iniciada nas cidades, já sob uma tática de aniquilamento por parte das forças de repressão.

Os passos seguintes deveriam visar à correção da dispersão de nossas forças e à definição de critérios de ação comum. E, já no plano social e político, à busca de sintonia com a aspiração maior de nosso povo, o fim do regime de ditadura militar. Em síntese, uma tentativa política e humanamente justa, oportuna e necessária, e obviamente incerta quanto a seus resultados finais.

Seria ainda possível?

De qualquer modo, não seria fácil. No quadro amplo de nossa sociedade, neste início dos anos 1970, há a marca da época, o espírito de 1968, a reivindicação de liberdade levada quase ao absoluto. pelos setores politicamente engajados da juventude. Sob um regime autoritário que fecha todos os canais de expressão e protesto, recusa mudanças elementares longamente pleiteadas, e repele as aspirações limitadas da juventude estudantil, esse impulso de liberdade, direito de criação e justiça estimula e alimenta todas as formas e níveis ainda possíveis de contestação. (1)

GK.J.TXT.2, p.25

Na verdade, já à chegada a Argel, o nosso protesto armado tem sua sorte selada. Não sabemos, ainda. Estamos aliás muito longe de imaginá-lo. E pensamos ter razões de sobra para isso.

Menos de um ano antes, a vitória final continuava, a nosso ver, inteiramente possível. Mais ainda: ela estava, talvez, nesse momento, mais próxima do que se podia supor.

Dois elos altos de nossa prática armada estimulam esse halo desbordante de confiança. O primeiro é a expectativa de um lançamento próximo da guerrilha rural. Ela é, para nós, o elo decisivo de nosso esquema de guerrilhas, a razão de ser maior, o alvo e o destino natural das tarefas e objetivos da forma de guerrilha iniciada nas cidades: a conquista de armas e de meios, a formação de quadros e combatentes. E, ao mesmo tempo, a base de partida, a condição-chave das escalas superiores e decisivas da guerra revolucionária: a guerra de movimento, as áreas libertadas, a mobilização ampla do povo - e a criação de um exército popular. É, assim, o centro, quase o fio condutor de nossa guerra revolucionária. L969 parece abrir essa era nova. É, assim, queiramos ou não, um ano de intensa euforia.

1969 abre, também, o ciclo alto das ações de seqüestro . Os elementos de amadorismo e improvisação dos primeiros episódios são pouco conhecidos - e não tisnam, nem de longe, sua qualidade nova, seu impacto favorável junto à população, o alcance e o sentido ético de seus objetivos e de seus resultados. São, ao mesmo tempo, por sua audácia e por sua organização minuciosa, o ponto culminante de nossa prática armada. Dão a imagem clara de uma u emonstração de forças e de meios, de escolha judiciosa de objetivos, flexibilidade face às manobras adversas, esquemas precisos de informação.

As tendências dominantes na conjuntura agem, no entanto,

GK.Ø.TXT.2, p.26

em sentido contrário.

Isolados nos choques apaixonados da luta interna de opiniões - e, em seguida, nas "solitárias" da PE, muitos de nós ignoramos ainda, nesse momento, o curso novo e adverso que os meses seguintes tinham trazido a nosso confronto armado.

O final de 1969 e início de 1970 são marcados por uma torrente contínua de quedas, perdas irreparáveis, e derrotas parciais. Na ALN, em setembro e novembro e, a seguir, em janeiro e março de 1970; no PCBR, em novembro de 1969 e janeiro/fevereiro seguintes; na VPR, em março de 1970.

A guerrilha rural está adiada sine die, com a perda, em fins de 1969, de suas áreas primordiais de lançamento, no Centro-Oeste, e dos campos de treinamento militar, no início de 1970, da VPR e do PCBR, no Centro-Sul.

É no exterior que tomamos conhecimento dessas perdas e derrotas.

* * *

O período anterior de prisão poderia ter sido,entretanto, um primeiro momento de análise e balanço de nossa trajetória recente.

Pela primeira vez, após a grandes quedas, estamos reunidos duas boas dezenas de militantes e dirigentes do PCBR. É um momento excepcional de trégua, transitoriamente afastados do isolamento absoluto e das salas de tortura.

Para muitos, o estágio no Regimento Sampaio vai durar alguns meses. Para mim, será apenas um contato de poucos dias. Ele permitiria, entretanto, um primeiro balanço de nossa conduta de prisioneiros políticos, a avaliação mais clara de nossas perdas,

GK.Ø.TYT.2, p.27

as responsabilidades pessoais que estão à sua origem. É o início da avaliação de nossas forças, lá fora, apesar do isolamento absoluto a que somos relegados, e da quase completa ausência de informações.

E teria aberto o caminho, numa seqüência natural de reflexões e análise, à avaliação crítica da trajetória recente e, mesmo, da atualidade maior ou menor de nossas teses originais. E, como sua seqüência natural, das condições e perspectivas de nosso protesto armado, sob as tendências determinantes das novas conjunturas.

Faltou-nos, no entanto, uma visão mais próxima da real situação das organizações armadas e, mais que tudo, dos novos níveis das forças que orientam a repressão policial-militar.

Em mim, particularmente, pesam limitações mais precisas. Alimento, sem dúvida, as minhas primeiras dúvidas sobre o encaminhamento de nossa prática político-militar. Elas não alcançam, ainda, entretanto, a atualidade de nossa teses e projetos originais. Não abarcam o quadro geral da nova esquerda, que conheço ainda precariamente. Limitam-se, assim, à faixa restrita do PCBR. É esse meu campo inicial de análise, sem projetar-se, no momento, à trajetória recente e ao que virá, amanhã.

André e Vitor (1), apesar de todas as limitações que nos cercam, vão porém bem mais longe. Inicial a análise crítica de nosso projeto inicial, o balanço de nossa firmeza ou timidez em seu encaminhamento. E chamam, insistentemente, à busca, mesmo imprecisa, de soluções possíveis, embora parciais.

---

(1) René Louis de Carvalho e Bruno Dauster Magalhães, dirigentes, na época, do PCBR.

No fundo de mim mesmo, concordo amplamente com eles. Não tenho ainda, entretanto, fôlego e envergadura para acompanhá-los nesse empenho mais alto.

De início, receio que suas iniciativas fiquem sem audiência, no interior de nossa organização. A realidade, porém, é que não me sinto ainda com forças para levar mais longe suas pesquisas e indagações. Já tenho minhas primeiras dúvidas, tímidas mas crescentes. Elas não alcançam ainda, no entanto, o quadro político geral. Detêm-se, por enquanto, no plano particular do PCBR - sobretudo na fragilidade de suas fileiras e na precária unidade de seus núcleos de direção.

Na realidade, são apenas interrogações e conjeturas iniciais. Com elas, chegam também os primeiros temores, inicialmente imprecisos, mas crescentemente teimosos e explícitos: a curto prazo, quanto à preservação da imagem do PCBR, de sua mensagem própria, de sua identidade original; a médio prazo, embora de forma ainda pouco definida, quanto à sua própria sobrevivência, amanhã.

No momento, já não tenho ilusões sobre as motivações e influências que irão marcar, de agora em diante, sua prática político-militar. Penso nos jovens quadros dirigentes do Nordeste que, um ano atrás, brandiam a ameaça de ruptura se nossa direção central não se deslocasse, a curto prazo, para as áreas do interior mais propícias à guerrilha rural; e, com idêntica apreensão, no novo núcleo de direção do Estado do Rio de Janeiro, que abandona à sua sorte a organização partidária nas grandes empresas, ignora o rico potencial das organizações populares e suas lutas típicas, no período recente, e procura concentrar-se, de corpo inteiro, na formação de grupos táticos armados. Lembro ,

GK.Ø.TXT.2, P. 29

também, as vacilações dos companheiros de Brasília, sob a força de atração da ALN e VPR, e a mosca azul da passagem, em curto prazo, à guerrilha no campo. Não ignoro, tampouco, as preferências de amplas faixas de nossos dirigentes, por uma associação contínua de nossa teoria e prática da luta de guerrilhas, às características da doutrina do "foco" - mesmo criticando e negando as teses "foquistas". Como o fizemos todos, aliás, por convicção plena ou simples subestimação de seu alcance - já em nossa orientação política geral, desde abril de 1968; e como iriam fazer, invariavelmente, já de corpo inteiro, todos os documentos posteriores de nosso PCBR.

Não levo, entretanto, essas dúvidas e apreensões a nossos militantes e dirigentes. Temo que não sejam levadas a um debate imediato, mesmo parcial. Pior ainda: desde o início da prisão, estou inteiramente isolado. No conjunto do PCBR e da nova esquerda, a democracia interna passa por deformações significativas. A visão privilegiada da prática de guerrilhas leva a que os militantes já não sejam iguais em direitos, nem tenham o mesmo lugar nas tarefas e no funcionamento interno da organização. Mais concretamente, só é realmente militante quem está em determinado tipo de atividade - isto é, de armas nas mãos. Militantes agora presos (ou banidos, amanhã) vamos ficar, invariavelmente, relegados a segundo plano, quando não totalmente esquecidos.

Não vou longe, portanto, em minhas dúvidas e apreensões iniciais. De qualquer forma, já em meados de 1970, já não guardo a mesma confiança integral dos primeiros tempos em nossa vitória final.

* * *

GK.Ø.TXT.Q, NP.30

A EUFORIA INICIAL RETOMA FÔLEGO

GK.Ø.TXT.e,Nº 31

Agora, em Argel, a acolhida oficial discreta, mas solidária, o entusiasmo da juventude local e o cerco fraterno e estimulante das organizações populares trazem um novo sopro de confiança, alentam a euforia fácil e descuidada dos primeiros tempos. Ela vai persistir, ainda, por vários meses. A seu favor, não apenas o idealismo desbordante que trazemos conosco,mas também estímulos novos, variados e crescentes que continuam a cercar-nos, dentro e fora de Argel.

Os contatos e entrevistas dos primeiros dias sucedem-se da manhã à noite. E vão continuar assim, por semanas e semanas.

Argel é uma espécie de meca das organizações democráticas e nacionais em luta, na África e no Oriente Próximo. Suas representações desfrutam, aqui, no plano ificial, de um status próximo ao das embaixadas. É assim com a FRELIMO, o MPLA, o ANC e a OLP (1). É o caso, também, dos "Panteras Negras" norte-americanos, e, o que é para nós uma agradável surpresa, também da família Arraes. Com eles, o contato fácil é uma troca constante de surpresas e experiências. Vindos da Itália e da França, antigos companheiros e amigos, militantes de partidos de esquerda e organizações populares, a imprensa e o rádio convivem, diariamente, conosco.

Vivemos, assim, mundo inteiramente novo. Junto a El-Biar, grande subúrbio da capital, Ben-Aknoun é uma escala reconfortante, e repouso e retomada de forças. Um descanso apenas aparente, no entanto, para alguns de nós. Desde os primeiros dias, sou eleito para uma comissão de recepção chamada a coordenar as relações públicas e os contatos internacionais. Uma tarefa que nos absorve o dia e a noite, ao mesmo tempo envolvente e enriquecedora como um primeiro banho de atualidade política e cultural. - "Dos cubículos da PE para o abraço carinhoso do mundo" - é como uma de nossas companheiras, com o exagêro típico

GK.Ø.TXT.2P.32

dos jovens, resume e define essa convivência solidária, nesta primeira fase em Ben-Aknoun.

Acima de tudo, cerca-nos a acolhida generosa, multilateral e permanente, dos argelinos. Banidos e privados do direito de retorno a nosso país, somos aqui recebidos em festa. Não nos encaram como restos de um exército em derrota, mas como mulheres e homens de combate, arrancados às prisões adversas por ações audaciosas de guerrilha. Para os antigos "moudjahidines" (1), nosso combate tem traços comuns com episódios de sua guerra nacional recente, longa de oito anos, de 1954 a 1962. Sabem que estamos vivendo momentos difíceis e derrotas parciais; mas também passaram por elas, e souberam superá-las.

E sabem, também, que a luta compensa. A Argélia não é hoje um país livre e diferente? Seus chefes políticos e militares de ontem não são agora os governantes do país? Não por acaso, quem nos recebe em Ben-Aknoun, com uma solicitude simplesmente exemplar, é Ahmed Akkache, destacado dirigente do antigo PC argelino, e comandante guerrilheiro, no período recente. Enternecido e discreto, ele facilita esse ambiente de solidariedade ampla e contínua, quase de festa, em seu Centro Familiar.

À noite, após sua jornada normal de trabalho, temos o contato fácil e jovial dos cooperantes franceses destacados na Argélia, também hospedados em Ben-Aknoun. Boa parte deles são militantes de esquerda, em sua pátria. Já fora de nossa comunidade, nascem e crescem rapidamente, facilitadas pela língua comum, nossas relações com os quadros políticos e militares do MPLA e da FRELIMO, divididos entre as tarefas políticas, na Argélia, e as exigências da guerra de libertação, em sua terra natal. Com eles, vamos conhecer a lideranças de dimensão continental, como Agostinho Neto, de Angola, e Amílcar Cabral, da Aliança Cabo Verde - Guiné Bissau.

GK.8.TYT.2.P.33

E há, ainda, acima de contradições latentes que mal se dissimulam, o calor extrovertido, bem brasileiro, de nossa pequena "família dos Quarenta". E ainda a "tia" e as crianças. Ainda hoje, lembro e revivo o convívio alegre e quase familiar, nos pequenos chalés que ocupamos; as refeições ruidosas, no grande resteurante comum, servidos pelos alunos da escola local de "garçons"; e as aulas de ginástica, e os treinos de futebol, sob a batuta e o apito sábios de Altair (1). E as marcas constantes de calor humano, pontuando os episódios, bem ao estilo de uma coletividade quase inteiramente constituída de jovens. Algumas delas continuam vivas e fiéis em minha memória, como imagens ainda recentes: o desvelo comum em torno de Vera Sílvia; e o carinhoso envolvimento coletivo de Bayard Boiteux e sua família que iniciam na Argélia seu exílio forçado; e, em nosso caso particular, a serenata ao violão, misto de homenagem e intenção delicada de surpresa, sob a janela de nosso bangalô, na noite de chegada da Renée.

Decano da turma, tenho uma audiência relativamente ampla. Como antigo combatente na França, desfruto ainda de certos privilégios. De Marselha, vêm a ternura e o espírito combativo da família, com Paulette e Mathy. Mais tarde, Pierre (2) viria encher de alegria nossas noitadas, com sua arte envolvente de "causeur" e o mundo colorido de suas crônicas vividas. Junto a Akkache e Bayah, tomam corpo as amizades nascentes que a distância e o tempo, vida afora, não saberão apagar.

Mais que uma escala de repouso, Argel é, assim, uma nova escola de aprendizagem política, e um estágio de trabalho. Os contatos e debates são quase diários. Neles, ganho conhecimentos e forças novas, amplio a renascente alegria de viver. Bem relativa, por certo. Pois há uma enorme saudade da família; há, também, o misto de zelo e angústia pelos companheiros que conti

GK.Ø.TXT.2, P.34

nuam nossa luta difícil, no Brasil distante, sob a incerteza e as ameaças das prisões e dos confrontos desiguais; e ainda, a seu lado, teimosa e crescente,como sua conseqüência natural, a nostalgia da ação.

Ela se alimenta, antes de tudo, de impulsos morais: os compromissos assumidos face a nosso povo e a nossas organizações. Como sua expressão primeira, o desejo incontido, a quase obssessão de uma volta imediata.

Antes de tudo, é o sonho de retorno ao Brasil como combatente. E com o mesmo entusiasmo anterior, e a mesma confiança quase cega na viabilidade de nosso protesto armado. Em fins de 1970 e início de 1971, continuamos (eu, em particular), integrados à verdade de nossas teses e projetos de origem, na mesma confiança obstinada anterior na possibilidade de uma vitória final, sob a visão fatalista do colapso mais ou menos próximo do regime vigente, a ilusória expectativa de um novo ascenso das lutas populares, a curto prazo e, o papel quase messiânico que, nesse contexto, pensamos caber à nossa esquerda nascente. Não sabemos que, nesse momento, nossas teses e mensagens originais estão em choque aberto com as novas conjunturas. Acusamos o impacto das derrotas parciais recentes, mas não identificamos, ainda, nem seu significado nem o alcance de seus efeitos. Desconheço, ainda, as análises, pesquisas e alternativas iniciais que brotam em boa parte de nossas organizações. Continuo sem contato definido com o PCBR, e não tenho idéia sequer dos passos tímidos de sua nova direção nacional provisória; na análise da retomada econômica em curso no país.

Nessas condições, o regresso rápido iria, sem dúvida, ampliar o número de quadros e combatentes armados, e constituir um estímulo importante a nossas organizações. O confronto

GK. Ø.TYT. 2, P. 35

armado tem agora, entretanto, um novo curso e uma outra imagem, e suas exigências são muito mais altas. Impasses e desafios esperam reflexões maduras e respostas precisas e urgentes. E nós não as formulamos ainda.

Sem a visão dessa nova realidade e sem o debate inicial das sugestões, análises e alternativas, que se põem na ordem do dia, o retorno imediato iria fazer-se, sob certos aspectos decisivos, praticamente de mãos vazias.

O segundo elemento de estímulo e confiança viria, quase ao mesmo tempo, do exterior. Em menos de um mês, ocorre a viagem para Cuba, da quase totalidade de nossa turma dos "Quarenta". Ela aparece, a nossos olhos, antes e acima de tudo, como a expectativa nova de contatos mais rápidos com as organizações armadas, no interior do Brasil.

Os que ficamos em Argel não vamos, entretanto, permanecer inativos. Temos convites constantes para debates e ciclos de palestras, em vários países da Europa. vêm de organizações estudantis e instituições culturais, áreas de sindicatos tradicionalmente interessados nos problemas e nas lutas do Terceiro Mundo. Isoladamente, ou com outros companheiros, conheço a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, a Suécia, participo de encontros e seminários.

No fim do ano, Dowbor e eu estamos em Genebra, convidados da Liga dos Direitos Humanos. Como nas escalas recentes, a acolhida é envolvente e calorosa. Trazemos a denúncia da ditadura militar, de suas leis de exceção, suas violências e seus crimes, a repressão generalizada em todo o país. Insistimos, particularmente, na explicação de nosso protesto armado. E, de maneira especial, nas razões humanas e políticas dos seqüestros de diplomatas, um tema que choca e sensibiliza a opinião pública, em toda a Europa.

GK.Ø.TXT.2,P.36

Sem dúvida, os seqüestros ferem os direitos humanos, os critérios e normas de regimes de democracia e, mais particularmente, os princípios de solidariedade e respeito entre os povos, na pessoa de seus representantes oficiais. São atos de violência idealizados e realizados por minorias, sem o aval da grande massa da população, em nosso país e no resto do mundo.

Não podem, porém, nas condições brasileiras, nivelar - se às ações de "terrorismo", caralogadas no conceito internacional. Trazem marcas diferenciais expressamente definidas, sobretudo por seu conteúdo ético e humano, sob uma ditadura militar que não hesita em recorrer, friamente, face às forças de esquerda, ao terrorismo oficial. No imediato pós-64, o ódio e a insensatez revelam-se em lances ainda isolados de suplício, como no afogamento de mãos amarradas de Raimundo Soares, no rio Guaíba. Em 1968, alcançam o nível mais alto da tentativa de genocídio, como no plano de explosão do Gasômetro do Rio de Janeiro, elaborado por oficiais superiores da Aeronáutica, à sombra do PARASAR, e sua seqüência imediata na eliminação de militantes e dirigentes de esquerda. A partir de fins de 1969, é o assassínio calculado de certa gama de prisioneiros políticos. Bastaria lembrar o assassinato de Marighela e Pedro Ruivo, em emboscadas urbanas; de Câmara Ferreira e Mário Alves sob as torturas; e o corpo ainda vivo e sadicamente mutilado de João Lucas Alves, na prisão de Linhares.

Em Genebra, procuramos mostrar que, no Brasil de 1970, o recurso ao seqüestro não é uma escolha gratuita e arbitrária. Longe disso, ele tem, sob o regime aberto de exceção em que vivemos, um caráter nitidamente compulsório. Procuramos, ao mesmo tempo, lembrar que os embaixadores não representam apenas seus povos de origem, mas também Estados e interesses de influência considerável (e as vezes determinante) na economia e nas posições políticas de nosso país. Constituem, assim, por si mesmos, a moeda de mais alto valor de troca nos guichês da ditadura militar. E, em

conseqüência, um trunfo decisivo e irrecusável em nosso empenho por salvar as vidas ameaçadas de dezenas de combatentes, segregados e torturados nas prisões.

Nossa estadia na Suiça vai ser, no entanto, muito curta. Segundo consta, na época, as multinacionais de origem suiça, Nestlé à frente, pressionam o Conselho Federal de Berna. De qualquer forma, nossa expulsão é decidida em poucos dias. A intolerância e a brutalidade da medida chocam, entretanto, setores amplos da opinião pública. Estamos no país dos cantões, onde a autonomia regional é algo intocável, e as resistências não demoram. Em Genebra, a Liga dos Direitos Humanos retarda nossa partida, sob protestos variados, por toda uma semana. Continuamos solicitados para entrevistas, conferências, visitas às cidades próximas. Como se nada houvesse.

O próprio Secretário do Interior, diante de jornalistas surpresos, disfarça, com dificuldade, certa dose de mal estar e desconcerto, ao notificar-nos a decisão do Govêrno:

- "Por favor, não interpretem esta medida como um ato de expulsão. Pedimos, apenas, que deixem nosso país ...".

* * *

Estamos no início de dezembro. Dias depois, a Europa recebe, surpresa, a notícia de um novo seqüestro de diplomata, desta vez, ainda, no Brasil. Por coincidência, trata-se agora, do embaixador suiço. Dowbor e eu estamos já de volta, em Argel. E temos um imento trabalho para convencer os jornalistas de toda a Europa - imprensa, rádio, televisão - de que não se trata, no mínimo que seja, de um gesto de represália das organizações armadas brasileiras, face à nossa expulsão recente de Genebra...

* * *

GK.Ø.TXT.2, P.38

As primeiras notícias chegadas do Brasil são também estimulantes. Um dos dirigentes nacionais do PCBR informa que nossa organização faz avanços no contato e na ação comum com outras faixas da nova esquerda. Em conseqüência do último seqüestro, setenta companheiros liberados das prisões são acolhidos no Chile de Allende e da Unidade Popular. E há, ainda, a carta recente, de 20 de junho, de Câmara Ferreira, toda tecida com nossos velhos laços de amizade, e transbordante de confiança e otimismo. Agora, informa ele, nossas organizações armadas se articulam numa frente revolucionária. É bem verdade que o início das ações guerrilheirasras no campo está, compulsoriamente, adiado por certo tempo.Em compensação, a guerrilha nas cidades deve intensificar-se.

Sem reconhecê-lo explicitamente, a carta deixa entrever a carência de quadros e combatentes. Não por acaso, o centro de nossa prática armada passam a ser, agora, as operações de seqüestro. No exterior, somos já mais de meia centena de militantes e dirigentes, arrancados às prisões nos últimos meses. Coerentemente, Câmara insiste, com empenho, em nosso regresso. Sejam quais forem as dificuldades. E o mais depressa possível.

Sem dúvida, procura trazer-nos um novo sôpro de ânimo,nesses momentos difíceis. Silencia, portanto, sobre problemas graves, mais de perto ligados, na fase atual, às condições reais de nossas organizações. Como as quedas sucessivas dos núcleos de direção da ALN, em janeiro e março recentes; em março e abril,no MR-8 e na VPR - e, em seguida, na VAR. Ou como as ameaças de ruptura interna que corroem nossa esquerda armada. Messes atrás, eu ignorava ainda tudo isso. Agora, conheço parte desses episódios, por confidências isoladas, as vezes fortuitas, dos próprios companheiros de exílio.

Nas condições brasileiras, a luta armada aparece assim, como a única forma possível de negar o que aí está, para criar o novo que se deseja. O confronto com a ditadura militar aproxima, assim, a idéia de liberdade e a idéia de revolução. O protesto armado é sua forma de expressão direta, sua decorrência momentânea e natural.

Já no plano restrito da esquerda armada, a opção inicial continua arraigada nas consciências pela justeza de suas origens, o calor dos compromissos assumidos, a lembrança do exemplo e do sacrifício dos companheiros caídos. Dar as costas a esse código de honra seria, simplesmente, degradar a imagem moral do revolucionário. Em outras palavras, aceitar a pecha deprimento de "desbunde" (1), segundo o implacável vocabulário da época.

Essas influências turvam a leitura dos episódios, fecham, em boa medida, os espaços à análises críticas e à pesquisa de mediações. Em algumas de nossas organizações, sob a cortina dos fatores morais e da ética revolucionáris, o purismo ideológico e a intolerância política dão seu tom conhecido. Duvidar da viabilidade do protesto armado é conciliar com os responsáveis pelo que aí está. (2)

A esquerda armada não é, entretanto, um corpo homogêneo. Está, ao contrário, cheia de contradições. Elas explicam a convivência de vetos formais e da repulsa indignada à mínima hesitação sobre a justeza do caminho iniciado, com as pesquisas e análises críticas que se cruzam e se sucedem, no interior de nossas organizações. A dureza desse confronto pode ser avaliada pela sorte que lhes é reservada, sob a forma de punições sumárias e discriminações implacáveis que, em parte, persistem ainda hoje.

À sua raiz, há um burocratismo exacerbado, que se torna típico da nova esquerda. E há a influência da velha mística partidária, estimulando o autoritarismo dos núcleos dirigentes. Tudo isso le

GK.Ø-TXT.2,P.40

varia mais tarde à cegueira dos"justiçamentos".

O PCBR teria, por suas características, um espaço próprio nessas análises críticas e na busca de alternativas e mediações. Tem um enorme potencial de contradições internas e está naturalmente aberto à luta de opiniões. O espírito de inovação e as análises críticas marcam já a imagem de alguns de seus dirigentes antes mesmo de sua criação e ainda no interior do PCB. Em 1965 e 1967, cria-se uma forte corrente contestatária à linha política em vigor. Ela vai estimular, em curto prazo, toda uma floração de propostas 'e alternativas políticas, face ao regime de ditadura militar.

No Rio Grande do Sul, com Jacob Gorender e Elói Martins, é a visão original de um caminho armado intimamente ligado à prática política de massas. Ela traz uma advertência precisa: sem articulação profunda e permanente com os movimentos populares , a luta armada não tem futuro. Em Niterói, desde 1965, quatro alternativas estão em confronto. Duas delas têm por base de partida as lutas de classes e as demonstrações populares, com seu desenvolvimento contínuo, a caminho de insurreições e choques parciais. Miguel Batista, eu e outros companheiros pugnamos por elas, ainda sob a inércia das grandes greves e lutas populares que compõem, na cidade e no campo, a situação pré-revolucionária de 1963/64. Nesse contexto, o caminho armado seria um componente necessário, possivelmente indispensável, mas complementar e talvez secundário. As duas outras alternativas preconizam o recurso imediato à luta armada. A guerrilha rural é seu objetivo direto, e deve desdobrar-se, seja em contato crescente com as lutas do povo, seja isoladamente, preparando as condições necessárias a uma futura guerra de movimento. Na Guanabara, Jover Telles e Armando

GK.Ø.TXT.2, P.41

Frutuoso (1) propõem o recurso imediato à luta armada, em relação crescente com a população. Seu cenário principal é o campo.

Em Belo Horizonte, em conjunto com jovens companheiros da "Corrente" de Minas, Mário Alves recolhe, amplia e enriquece essas teses e propostas iniciais. Na época, é a mais rica e bem estruturada das propostas alternativas que se gestam no interior de nossa "Corrente" nacional. Será, assim, o ante-projeto da linha geral de orientação do PCBR, em abril de 1968.

Esse impulso, quase uma vocação, de análises e inovações continuará presente em maior ou menor medida, no período imediato. Em 1968/69, o PCBR define-se por uma ampla política de frente, embora limitada ainda ao campo da luta armada. Elabora-se uma primeira análise crítica da doutrina do "foco", à luz da experiência revolucionária recente em Cuba. Em outubro,numa nova análise da conjuntura política, alerta-se quanto à aproximação de uma fase agravada de repressão política às forças populares. No domínio da organização e da prática político-militar, modificam-se os critérios de estrutura, até aí apoiados em moldes administrativos comuns. Um documento interno redigido por Mário Alves recorda as regras fundamentais de segurança, nas condições de clandestinidade. Definem-se formas imediatas e novas de guerrilha, secundárias porém mais sensíveis ao cobtato com a população: a guerrilha suburbana, na periferia das grandes cidades; a guerrilha local (2), junto às áreas do campo marcadas por contínuas tensões sociais. No confronto interno de idéias, a produnda-se a análise da esquerda tradicional. O documento "Reencontro histórico, ou simples mistificação?" analisa as características da teoria e da prática do PC do B, e denuncia a infiltração sorrateira de alguns de seus dirigentes e militantes em nossa organização. Redigido por Mário Alves é o mais rico e profundo documento do PCBR, em toda a sua trajetória.

GK.B.TXT.2, P.42

A elaboração política, sob os impactos e contradições da época, a pesquisa de alternativas, e o debate de idéias são, pois, quase uma prática comum no PCBR dos primeiros tempos. Mais precisamente, de seu primeiro ano de atividade. A partir daí, estanca-se, claramente, seu impulso de inovação e criatividade. Estranhamente, as contradições internas já não intervêm, nesse período, como um estímulo à dúvida criadora e à busca de formas e caminhos alternativos. As formas novas de burocratismo, próprias da esquerda armada agravam as velhas deformações herdadas da esquerda tradicional. Esse imobilismo agrava-se após as grandes quedas de fins de 1969 e início de 1970 A pesquisa e a elaboração passarão por uma fase de eclipse parcial demorado. É assim, em 1970, quando o "Documento de Julho" (1) limita o ângulo de suas observações a aspectos da nova conjuntura econômica, e a tentativas limitadas e já ilusórias e inviáveis, no plano da prática de massas e da política de organização. E será também assim, de forma já mais contundente, em 1971, nos debates preparatórios do seu último Encontro Nacional. Sob um distanciamento profundo da população trabalhadora, a prática político-militar já não cria estímulos nem condições favoráveis a novos surtos de criatividade. Mais que antes, o PCBR parece guiar-se, em forma quase exclusiva, por dois dilemas distintos mas convergentes: o sentimento e dever de honra da continuidade do combate comum; e a visão constante da guerrilha rural, como a solução única de todos os problemas. Como na visão romântica de Câmara Ferreira, dois anos antes, tudo continua a depender do "poder convincente do exemplo", da força criadora e transformadora da ação.

GK.8.TXT.2,P.43

Essa diluição do senso crítico e do empenho de inovação reflete-se, amplamente, em nosso pequeno núcleo de banidos e exilados do PCBR, em Ban-Aknoum. Também aqui, as dúvidas e desafios continuam presentes. Apesar da distância, avaliamos o alcance das perdas e quedas que se sucedem; e os efeitos de nosso isolamento em relação à massa da população. Não nos animamos,no entanto, a trazer a debate, essas primeiras apreensões. E tampouco esboçamos qualquer análise crítica de nossa orientação política inicial. Não faltariam, no entanto, condições para isso. Há, entre nós, militantes capazes e cheios de iniciativa, integrantes de escalões de direção do período recente. A iniciativa de André é sua prova evidente.

- Por que, então, esse vazio de iniciativas, essa ausência de responsabilidade militante?

Antes de tudo, penso hoje, pela pressão de escrúpulos morais imperiosos. Estamos em liberdade, em conseqüência de iniciativas corajosas das organizações armadas, e fruimos, aqui fora, de condições privilegiadas de segurança. Em contraste, no interior do país, nossos companheiros continuam, em condições dia-a-dia mais difíceis, o combate comum. Isso legitima, bem mais que antes, a nossos olhos, suas responsabilidades e seu poder de decisão. Julgar e debater, isolados no exterior, sem qualquer consulta prévia e às costas dos militantes, a orientação geral coletivamente traçada, desde 1968, à qual os novos dirigentes continuam a dar seu aval e procuram, à sua maneira, por em prática, parece-nos inteiramente fora da ética militante.Na forma e no conteúdo, é uma opção paralisante de renúncia e omissão. Ela reflete nossa prática burocrática anterior, moldada na condição subalterna dos militantes face às instâncias de direção. Sua resultante inevitável seria a persistência, meses a fio, de uma atitude de renúncia e imobilismo, equivalente a menosprezo e indiferença em relação à sorte dos companheiros em luta e, em conseqüência, ao próprio destino de nossa organização.

GK.Ø.TXT.2.P.44

* * *

A análise crítica e o debate político já não podem, entretanto, ser adiados. A solução é transferí-los para o auditório de origem, no Brasil. Embora restrito e disperso, ele é nosso centro único de decisões.

O contato direto com o Comitê Central do PCBR passa a ser, em conseqüência, a condição-chave para qualquer iniciativa ou proposta inovadora. Mais que nunca, tudo se canaliza para a idéia da volta, a curto prazo, a nosso país.

Entre 1970 e 1973, essa idéia toma a forma de quase uma obsessão. Prima sobre as análises de conjuntura, a imagem do militante, a própria personalidade de cada um. Transferência gratuita de deveres e responsabilidade, espécie de renúncia tacitamente aceita à própria identidade pessoal, ela atrofia e paralisa, inclusive, a luta interna de opiniões. Fora das matrizes originais, isoladas na pátria distante, não há espaço para a pesquisa e a dúvida criadora, seja em relação à trajetória recente, seja quanto às opções iniciais.

Em fins de 1972, a queda do último núcleo de direção nacional, no Recife e no Rio, acelera os preparativos de regresso.

O trampolim restante é, ainda, o Chile. Dali se refazem os últimos contatos e pontos de apoio. Um ano antes, sonhava-se com uma revoada parcial de militantes. Agora, prepara-se o vôo isolado de alguns dirigentes. Seria, sem dúvida, um salto no desconhecido. O protesto armado já não é mais o arquipélago de ilhotas isoladas dos primeiros dias. É um aglomerado íntimo e reduzido de combatentes de várias organizações, em particular da VAR, da ALN, do PCBR. Fazem a luta como um apostolado. Parte deles compreende a inutilidade desse sacrifício (1). Mas persistem, já que a pequena família de combatentes não recua da ética

e dos princípios adotados - e espera, com um exagero compreensível mas fora da realidade, a ajuda dos que estamos fora.

No exterior, bem ou mal, pressentimos estas dificuldades. Trata-se, no entanto, do último núcleo de direção, e de militantes que ainda esperamos, ardentemente, nossa vez de voltar.

Tentar o longo salto é, assim, acima das realidades que bem ou mal se adivinham, a decorrência natural das responsabilidades assumidas, sob o halo e o espírito da ética, isto é, com uma dose grande de confiança. Para alguns, na esperança de levar adiante o confronto armado, apesar de suas condições desiguais; para outros (eu entre eles), na firma visão de um debate de idéias buscando caminhos possíveis e novas soluções.

Em setembro de 1973, o golpe militar fecha, entretanto, os últimos horizontes. Na França, será a busca incessante, difícil e angustiosa de recontato com os companheiros dispersos. No interior, sem as reservas humanas e a ajuda ansiosamente esperada, é a luta já sem qualquer esperança, o sacrifício heróico e quase anônimo dos últimos remanescentes de nossas organizações.

O protesto armado chega à sua hora final.

Na verdade, uma derrota cercada de indiferença, quase ignorada da grande massa da população.

GK.Ø.TXT.2, P. 46

A EUFORIA INICIAL RETOMA FÔLEGO

GK.Ø.TXT.2, P.47

Agora, em Argel, a acolhida oficial discreta, mas solidária, o entusiasmo da juventude local e o cerco fraterno e estimulante das organizações populares trazem um novo sopro de confiança, alentam a euforia fácil e descuidada dos primeiros tempos. Ela vai persistir, ainda, por vários meses. A seu favor, não apenas o idealismo desbordante que trazemos conosco,mas também estímulos novos, variados e crescentes que continuam a cercar-nos, dentro e fora de Argel.

Os contatos e entrevistas dos primeiros dias sucedem-se da manhã à noite. E vão continuar assim, por semanas e semanas.

Argel é uma espécie de meca das organizações democráticas e nacionais em luta, na África e no Oriente Próximo. Suas representações desfrutam, aqui, no plano ificial, de um status próximo ao das embaixadas. É assim com a FRELIMO, o MPLA, o ANC e a OLP (1). É o caso, também, dos "Panteras Negras" norte-americanos, e, o que é para nós uma agradável surpresa, também da família Arraes. Com eles, o contato fácil é uma troca constante de surpresas e experiências. Vindos da Itália e da França, antigos companheiros e amigos, militantes de partidos de esquerda e organizações populares, a imprensa e o rádio convivem, diariamente, conosco.

Vivemos, assim, mundo inteiramente novo. Junto a El-Biar, grande subúrbio da capital, Ben-Aknoun é uma escala reconfortante, e repouso e retomada de forças. Um descanso apenas aparente, no entanto, para alguns de nós. Desde os primeiros dias, sou eleito para uma comissão de recepção chamada a coordenar as relações públicas e os contatos internacionais. Uma tarefa que nos absorve o dia e a noite, ao mesmo tempo envolvente e enriquecedora como um primeiro banho de atualidade política e cultural. - "Dos cubículos da PE para o abraço carinhoso do mundo" - é como uma de nossas companheiras, com o exagêro típico

GK.Ø.TXT.2, P. 48

dos jovens, resume e define essa convivência solidária, nesta primeira fase em Ben-Aknoun.

Acima de tudo, cerca-nos a acolhida generosa, multilateral e permanente, dos argelinos. Banidos e privados do direito de retorno a nosso país, somos aqui recebidos em festa. Não nos encaram como restos de um exército em derrota, mas como mulheres e homens de combate, arrancados às prisões adversas por ações audaciosas de guerrilha. Para os antigos "moudjahidines" (1), nosso combate tem traços comuns com episódios de sua guerra nacional recente, longa de oito anos, de 1954 a 1962. Sabem que estamos vivendo momentos difíceis e derrotas parciais; mas também passaram por elas, e souberam superá-las.

E sabem, também, que a luta compensa. A Argélia não é hoje um país livre e diferente? Seus chefes políticos e militares de ontem não são agora os governantes do país? Não por acaso, quem nos recebe em Ben-Aknoun, com uma solicitude simplesmente exemplar, é Ahmed Akkache, destacado dirigente do antigo PC argelino, e comandante guerrilheiro, no período recente. Enternecido e discreto, ele facilita esse ambiente de solidariedade ampla e contínua, quase de festa, em seu Centro Familiar.

À noite, após sua jornada normal de trabalho, temos o contato fácil e jovial dos cooperantes franceses destacados na Argélia, também hospedados em Ben-Aknoun. Boa parte deles são militantes de esquerda, em sua pátria. Já fora de nossa comunidade, nascem e crescem rapidamente, facilitadas pela língua comum, nossas relações com os quadros políticos e militares do MPLA e da FRELIMO, divididos entre as tarefas políticas, na Argélia, e as exigências da guerra de libertação, em sua terra natal. Com eles, vamos conhecer a lideranças de dimensão continental, como Agostinho Neto, de Angola, e Amílcar Cabral, da Aliança Cabo Verde - Guiné Bissau.

E há, ainda, acima de contradições latentes que mal se dissimulam, o calor extrovertido, bem brasileiro, de nossa pequena "família dos Quarenta". E ainda a "tia" e as crianças. Ainda hoje, lembro e revivo o convívio alegre e quase familiar, nos pequenos chalés que ocupamos; as refeições ruidosas, no grande resteurante comum, servidos pelos alunos da escola local de "garçons"; e as aulas de ginástica, e os treinos de futebol, sob a batuta e o apito sábios de Altair (1). E as marcas constantes de calor humano, pontuando os episódios, bem ao estilo de uma coletividade quase inteiramente constituída de jovens. Algumas delas continuam vivas e fiéis em minha memória, como imagens ainda recentes: o desvelo comum em torno de Vera Sílvia; e o carinhoso envolvimento coletivo de Bayard Boiteux e sua família que iniciam na Argélia seu exílio forçado; e, em nosso caso particular, a serenata ao violão, misto de homenagem e intenção delicada de surpresa, sob a janela de nosso bangalô, na noite de chegada da Renée.

Decano da turma, tenho uma audiência relativamente ampla. Como antigo combatente na França, desfruto ainda de certos privilégios. De Marselha, vêm a ternura e o espírito combativo da família, com Paulette e Mathy. Mais tarde, Pierre (2) viria encher de alegria nossas noitadas, com sua arte envolvente de "causeur" e o mundo colorido de suas crônicas vividas. Junto a Akkache e Bayah, tomam corpo as amizades nascentes que a distância e o tempo, vida afora, não saberão apagar.

Mais que uma escala de repouso, Argel é, assim, uma nova escola de aprendizagem política, e um estágio de trabalho. Os contatos e debates são quase diários. Neles, ganho conhecimentos e forças novas, amplio a renascente alegria de viver. Bem relativa, por certo. Pois há uma enorme saudade da família; há, também, o misto de zelo e angústia pelos companheiros que conti

GK.Ø-TXT.2, P.50

nuam nossa luta difícil, no Brasil distante, sob a incerteza e as ameaças das prisões e dos confrontos desiguais; e ainda, a seu lado, teimosa e crescente,como sua conseqüência natural, a nostalgia da ação.

Ela se alimenta, antes de tudo, de impulsos morais: os compromissos assumidos face a nosso povo e a nossas organizações. Como sua expressão primeira, o desejo incontido, a quase obssessão de uma volta imediata.

Antes de tudo, é o sonho de retorno ao Brasil como combatente. E com o mesmo entusiasmo anterior, e a mesma confiança quase cega na viabilidade de nosso protesto armado. Em fins de 1970 e início de 1971, continuamos (eu, em particular), integrados à verdade de nossas teses e projetos de origem, na mesma confiança obstinada anterior na possibilidade de uma vitória final, sob a visão fatalista do colapso mais ou menos próximo do regime vigente, a ilusória expectativa de um novo ascenso das lutas populares, a curto prazo e, o papel quase messiânico que, nesse contexto, pensamos caber à nossa esquerda nascente. Não sabemos que, nesse momento, nossas teses e mensagens originais estão em choque aberto com as novas conjunturas. Acusamos o impacto das derrotas parciais recentes, mas não identificamos, ainda, nem seu significado nem o alcance de seus efeitos. Desconheço, ainda, as análises, pesquisas e alternativas iniciais que brotam em boa parte de nossas organizações. Continuo sem contato definido com o PCBR, e não tenho idéia sequer dos passos tímidos de sua nova direção nacional provisória; na análise da retomada econômica em curso no país.

Nessas condições, o regresso rápido iria, sem dúvida, ampliar o número de quadros e combatentes armados, e constituir um estímulo importante a nossas organizações. O confronto

GK.B.TXT.2,P.51

armado tem agora, entretanto, um novo curso e uma outra imagem, e suas exigências são muito mais altas. Impasses e desafios esperam reflexões maduras e respostas precisas e urgentes. E nós não as formulamos ainda.

Sem a visão dessa nova realidade e sem o debate inicial das sugestões, análises e alternativas, que se põem na ordem do dia, o retorno imediato iria fazer-se, sob certos aspectos decisivos, praticamente de mãos vazias.

O segundo elemento de estímulo e confiança viria, quase ao mesmo tempo, do exterior. Em menos de um mês, ocorre a viagem para Cuba, da quase totalidade de nossa turma dos "Quarenta". Ela aparece, a nossos olhos, antes e acima de tudo, como a expectativa nova de contatos mais rápidos com as organizações armadas, no interior do Brasil.

Os que ficamos em Argel não vamos, entretanto, permanecer inativos. Temos convites constantes para debates e ciclos de palestras, em vários países da Europa. vêm de organizações estudantis e instituições culturais, áreas de sindicatos tradicionalmente interessados nos problemas e nas lutas do Terceiro Mundo. Isoladamente, ou com outros companheiros, conheço a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, a Suécia, participo de encontros e seminários.

No fim do ano, Dowbor e eu estamos em Genebra, convidados da Liga dos Direitos Humanos. Como nas escalas recentes, a acolhida é envolvente e calorosa. Trazemos a denúncia da ditadura militar, de suas leis de exceção, suas violências e seus crimes, a repressão generalizada em todo o país. Insistimos, particularmente, na explicação de nosso protesto armado. E, de maneira especial, nas razões humanas e políticas dos seqüestros de diplomatas, um tema que choca e sensibiliza a opinião pública, em toda a Europa.

GK.Ø.TXT.2, P. 52

Sem dúvida, os seqüestros ferem os direitos humanos, os critérios e normas de regimes de democracia e, mais particularmente, os princípios de solidariedade e respeito entre os povos, na pessoa de seus representantes oficiais. São atos de violência idealizados e realizados por minorias, sem o aval da grande massa da população, em nosso país e no resto do mundo.

Não podem, porém, nas condições brasileiras, nivelar - se às ações de "terrorismo", caralogadas no conceito internacional . Trazem marcas diferenciais expressamente definidas, sobretudo por seu conteúdo ético e humano, sob uma ditadura militar que não hesita em recorrer, friamente, face às forças de esquerda, ao terrorismo oficial. No imediato pós-64, o ódio e a insensatez revelam-se em lances ainda isolados de suplício, como no afogamento de mãos amarradas de Raimundo Soares, no rio Guaíba. Em 1968, alcançam o nível mais alto da tentativa de genocídio, como no plano de explosão do Gasômetro do Rio de Janeiro, elaborado por oficiais superiores da Aeronáutica, à sombra do PARASAR, e sua seqüência imediata na eliminação de militantes e dirigentes de esquerda. A partir de fins de 1969, é o assassínio calculado de certa gama de prisioneiros políticos. Bastaria lembrar o assassinato de Marighela e Pedro Ruivo, em emboscadas urbanas; de Câmara Ferreira e Mário Alves sob as torturas; e o corpo ainda vivo e sadicamente mutilado de João Lucas Alves, na prisão de Linhares.

Em Genebra, procuramos mostrar que, no Brasil de 1970, o recurso ao seqüestro não é uma escolha gratuita e arbitrária. Longe disso, ele tem, sob o regime aberto de exceção em que vivemos, um caráter nitidamente compulsório. Procuramos, ao mesmo tempo , lembrar que os embaixadores não representam apenas seus povos de origem, mas também Estados e interesses de influência considerável (e as vezes determinante) na economia e nas posições políticas de nosso país. Constituem, assim, por si mesmos, a moeda de mais alto valor de troca nos guichês da ditadura militar. E, em

GK.Ø.TYT.2, P.53

conseqüência, um trunfo decisivo e irrecusável em nosso empenho por salvar as vidas ameaçadas de dezenas de combatentes, segregados e torturados nas prisões.

Nossa estadia na Suiça vai ser, no entanto, muito curta. Segundo consta, na época, as multinacionais de origem suiça, Nestlé à frente, pressionam o Conselho Federal de Berna. De qualquer forma, nossa expulsão é decidida em poucos dias. A intolerância e a brutalidade da medida chocam, entretanto, setores amplos da opinião pública. Estamos no país dos cantões, onde a autonomia regional é algo intocável, e as resistências não demoram. Em Genebra, a Liga dos Direitos Humanos retarda nossa partida, sob protestos variados, por toda uma semana. Continuamos solicitados para entrevistas, conferências, visitas às cidades próximas. Como se nada houvesse.

O próprio Secretário do Interior, diante de jornalistas surpresos, disfarça, com dificuldade, certa dose de mal estar e desconcerto, ao notificar-nos a decisão do Govêrno:

- "Por favor, não interpretem esta medida como um ato de expulsão. Pedimos, apenas, que deixem nosso país ...".

* * *

Estamos no início de dezembro. Dias depois, a Europa recebe, surpresa, a notícia de um novo seqüestro de diplomata, desta vez, ainda, no Brasil. Por coincidência, trata-se agora, do embaixador suiço. Dowbor e eu estamos já de volta, em Argel. E temos um imento trabalho para convencer os jornalistas de toda a Europa - imprensa, rádio, televisão - de que não se trata, no mínimo que seja, de um gesto de represália das organizações armadas brasileiras, face à nossa expulsão recente de Genebra...

* * *

GX.Ø.TXT.2,N.54

As primeiras notícias chegadas do Brasil são também estimulantes. Um dos dirigentes nacionais do PCBR informa que nossa organização faz avanços no contato e na ação comum com outras faixas da nova esquerda. Em conseqüência do último seqüestro, setenta companheiros liberados das prisões são acolhidos no Chile de Allende e da Unidade Popular. E há, ainda, a carta recente, de 20 de junho, de Câmara Ferreira, toda tecida com nossos velhos laços de amizade, e transbordante de confiança e otimismo. Agora, informa ele, nossas organizações armadas se articulam numa frente revolucionária. É bem verdade que o início das ações guerrilheirasras no campo está, compulsoriamente, adiado por certo tempo.Em compensação, a guerrilha nas cidades deve intensificar-se.

Sem reconhecê-lo explicitamente, a carta deixa entrever a carência de quadros e combatentes. Não por acaso, o centro de nossa prática armada passam a ser, agora, as operações de seqüestro. No exterior, somos já mais de meia centena de militantes e dirigentes, arrancados às prisões nos últimos meses. Coerentemente, Câmara insiste, com empenho, em nosso regresso. Sejam quais forem as dificuldades. E o mais depressa possível.

Sem dúvida, procura trazer-nos um novo sôpro de ânimo,nesses momentos difíceis. Silencia, portanto, sobre problemas graves, mais de perto ligados, na fase atual, às condições reais de nossas organizações. Como as quedas sucessivas dos núcleos de direção da ALN, em janeiro e março recentes; em março e abril,no MR-8 e na VPR - e, em seguida, na VAR. Ou como as ameaças de ruptura interna que corroem nossa esquerda armada. Messes atrás, eu ignorava ainda tudo isso. Agora, conheço parte desses episódios, por confidências isoladas, as vezes fortuitas, dos próprios companheiros de exílio.

GX.Ø.TXT.2, P.55

Essa face negativa está ausente no painel de Toledo (1).

Sua carta tem, entre nós, por isso mesmo, um duplo efeito: estimula, em parte, o permanente anseio coletivo de um retorno em curto prazo ao Brasil; em parte, aviva as dúvidas que já despontam sobre a situação real de nossas forças, no interior.

* * *

1971 vai trazer novas surpresas e advertências. As notícias do país agora são mais freqüentes. Em contraposição, são também preocupantes. Uma a uma, elas confirmam análises e avaliações conhecidas desde tempos atrás - e em que, até o momento, eu teimava em não acreditar.

Tres semanas após nossa chegada, Renée desce no aeroporto de Argel. É da primeira turma de familiares que nos visitam. Depois de Vera Sylvia e Carlos Minc, sou o novo privilegiado.

Durante todo um mês de férias, ela vai empenhar-se, a fundo, em fazer-me compreender os momentos difíceis que vive nossa esquerda armada. Antes de tudo, tenta reduzir a euforia que encontra entre nós:

-"Vocês estão inteiramente fora da realidade" - insiste ela, com apreensão e com firmeza. - "Pior ainda: vocês não querem olhar de frente a nova situação que existe no país".

E é verdade. No interior e no exterior, é como se tivéssemos os olhos fechados para a vida e a sociedade em movimento, lá fora. Em meu caso parricular, a velha mística partidária que me acompanha desde os anos 30 estimula a recusa íntima e quase instintiva a toda análise ou testemunho que não se amolde a nos -

(1) Joaquim Câmara Ferreira, dirigente da Ação de Libertação Nacional.

GK.Ø.TXT.2, P.56

sas previsões. As advertências esvaem-se, sem espaço e sem eco , e perdem qualquer cunho de legitimidade, mesmo se provêm das pessoas mais próximas e queridas. Resisto, assim, o tempo todo a esse esforço quase apaixonado de persuasão. No fundo de mim mesmo, penso ter razões poderosas para isso. Os argumentos de Renée, contestam, frontalmente, as "verdades" de minha organização. E as "razões de partido" são para mim, ainda nessa época, tanto ou mais fortes que "razões de Estado". Entre nós dois é o choque entre o que se chama, na esquerda, o "espírito de partido", apoiado em postulados assumidos como verdades definitivas e, portanto, incontestáveis - e, de outro lado, sua convivência diária e direta com a real situação política existente no Brasil. Em outras palavras, entre meu zelo doentio pelos compromissos militantes, colocados além de todos os laços sociais - e inclusive, se necessário, acima do Bem e do Mal - e o senso agudo de realismo que Renée traz consigo, fortalecido pelo zelo íntimo e humano por minha vida e pela vida de nossos filhos. Ou, mais concretamente talvez: entre meu romantismo revolucionário que substitui as realidades por nossos sonhos e desejos - e sua avaliação racional daquilo que, nesse instante, é possível fazer. Em síntese, duas leituras da realidade - diferentes em seu conteúdo e em seus efeitos - mas sob o mesmo empenho comum de recusa visceral, resistência e combate à ditadura militar. Ela sabe que estamos catalogados como "irrecuperáveis", na linguagem da alta hierarquia militar e de seus servidores do DOI-CODI. E sabe, também, que os chamados irrecuperáveis já temos cartas marcadas, no código de morte das forças de repressão. O chefe da equipe militar-policial que nos acompanhava, na viagem Rio-Argel, já o deixara claro, numa advertência bem ao estilo do esquadrão da morte: -"Não voltem. Se voltarem, vamos matá-los". (1).

GK.Ø.TXT.2,P.57

Meses mais tarde, Jeová e Fleury (1) seriam as primeiras vítimas desse tribunal de crime e ódio. Coqueiros, Eudaldo e Cerveira, viriam pouco depois. (2)

Para Renée, nesse momento, o retorno é, portanto, um suicídio. É uma realidade que traz nos olhos e na alma, e de que,nem por sombra, arredaria pé. Por estranho que possa parecer, é entre nós a primeira divergência séria, no curso de quase trinta anos . O pomo de discórdia está fixado, antes e acima de tudo, na escolha do local de nosso próximo encontro. Para ela, deve continuar a ser no exterior. Propõe-se a deixar o trabalho, tão logo Izabel e Raul saiam da prisão - e a vir para Argel ou Paris, onde for,para ficarmos juntos. Para mim, ao contrário, os novos encontros devem fazer-se lá mesmo, no Brasil. E sem demora. Como os demais, vivo sob a idéia obssessiva de um retorno rápido que, em nosso otimismo, todos julgamos não apenas possível, mas relativamente fácil.

São posições quase irreversíveis. Apesar de todos os seus argumentos, Renée não consegue, desta vez, convencer-me.

* * *

Em poucos meses, no entanto, as notícias e os novos testemunhos que chegam vão confirmar suas críticas e ponderações.

Após a passagem pelo Chile, vários companheiros do PCBR, recém saídos da prisão - Vera, Nanci, Belluzo, Elinor, Vitório (3), Bruno, René Louis e outros, trazem a Argel uma imagem de confronto armado bem diferente do que imaginamos. Antes de tudo, uma visão nova dos seqüestros que, até agora,têm para mim, um significado extremamente alto. É certo que, em seus primeiros lances, eles guardam um cunho acentuado de amadorismo. Com a audácia e a habilidade que exibem nos episódios seguintes, passam a constituir,

GK.Ø.TXT.2, P.58

a meus olhos, o ponto alto de nossas ações armadas. Trazem, ainda, a imagem clara das ações eminentemente políticas, quase uma exceção em nossa prática de guerrilha. Isolado no exterior, aberto à super-avaliação fácil de nossas forças, tendo a ver, nesses episódios, demonstrações repetidas de força e amadurecimento. E a confundir êxitos parciais e localizados e momentâneos com a marca já definida de um novo equilíbrio de forças, no plano geral. Nivelo, assim, em minhas análises, a parte e o todo, o que é apenas aparente e o que é efetivo e real; os elementos determinantes da conjuntura em curso - e seus aspectos apenas transitórios e circunstanciais.

Os novos episódios permitem agora vê-los de corpo inteiro e conhecer sua face oculta, feita ainda de fraquezas e limitações. Eles tornam evidente que a nova esquerda ainda não tem fôlego para um confronto demorado - mesmo parcial - com as forças de repressão. Se a ditadura recusa nossas propostas, e reage, o êxito final torna-se incerto, a espera faz-se longa e difícil. Nos primeiros seqüestros, tudo se resolvia em poucos dias; a decisão final nascia da pressão direta e quase isolada de nossos destacamentos armados; e o govêrno preservava ao máximo a vida dos diplomatas concernidos. Na operação mais recente, as negociações arrastam-se por um mês e uma semana, de 7 de dezembro a 13 de janeiro seguinte; o govêrno busca a eliminação fria dos destacamentos guerrilheiros - e deixa ao sabor das circunstâncias a sobrevivência, ou não, do diplomata prisioneiro. Em última instância, são fatores externos, conjunturais, inprevistos mas ponderáveis, que têm o papel determinante na ruptura do bloqueio oficial.

Por si mesmas, portanto, nossas forças e iniciativas já não desempenham, hoje, o mesmo papel determinante e decisivo. Antes, o recurso ao seqüestro era o centro de nossa tática de guerrilha urbana; na situação presente, sua sorte parece previamente

GK.Ø.TXT.2.P.59

selada - e, provavelmente, já não voltará a repetir-se.

Dilui-se, assim, a nossos olhos, sua imagem anterior: uma espécie de instrumento de miragem que ocultava e invertia, sob uma superioridade circunstancial e aparente, a correlação real das forças em presença. O seqüestro não é, apenas, no plano político e no plano técnico, o elo culminante de nossa guerra de guerrilhas; é, também, por sua presença fugaz na cena do confronto armado, sua instância final.

GK.Ø.TXT.2, P. 60

A APROXIMAÇÃO À REALIDADE

GK.B-TXT.2,P.61

As evidências chamam, portanto, a uma leitura mais acurada das novas conjunturas e à reavaliação crítica de nossa expectativa anterior. O primeiro toque de alerta é a vulnerabilidade flagrante de nossas organizações. Ela se estampa numa cascata de quedas e rupturas internas.

Já não parece haver novas fontes de recomposição de nossas fileiras sob o recesso prolongado do movimento social. A esperança de um novo surto das lutas populares, sob a vara mágica das ações de guerrilha, dilui-se há mais de um ano, sob delongas e adiamentos sucessivos. A esquerda armada já não tem espaço, apoio popular e segurança nas cidades. E não possui núcleos de organização, laços com as comunidades locais e influência política que permitam seu recuo transitório a áreas favoráveis do campo. A curto prazo, é agora praticamente impossível a combinação de nossas ações de guerrilha e da prática política de massas. Diante de nós, como agravantes, o fortalecimento contínuo do novo sistema de forças no poder, o aprimoramento de sua máquina e seus esquemas de repressão.

O isolamento crescente em relação ao conjunto da sociedade, inclusive face a algumas de suas faixas mais experientes e combativas envolve, em todos os seus elos, a esquerda armada. À sua sombra, em meados de 1970, a derrota política parece claramente definida.

Um ano antes, Marighella e Câmara Ferreira já intuem o crescente isolamento dos grupos táticos armados, nas áreas metropolitanas - e preparam, em conseqüência, seu traslado a certas regiões do interior. No PCBR, Mário Alves e outras lideranças empenham-se, na mesma época, por um recuo semelhante de nossos órgãos centrais de direção. Seria a última escala, talvez decisiva, de nossa corrida contra o tempo. Já é, entretanto, dema -

GK.Ø.TXT.2, P.62

siado tarde.

Os fatos iriam mostrá-lo, poucos meses depois. Fins de 1969 e início de 1970, o adversário põe as mãos sobre as bases guerrilheiras, ainda em fase de organização, em Goiás e sul do Pará. Do início ao fim de 1970, sucedem-se as quedas dos centros de treinamento militar da VPR, dos COLINA e, mais recentemente, do PCBR, em faixas distintas do Centro-Sul. Ao cerco que se estreita sobre as formações urbanas de combate junta-se agora o impasse da guerrilha rural. O dilema é frio e transparente: daqui em diante, ou se prepara pacientemente um novo e longo período de implantação e acumulação de forças - ou a guerrilha no campo estará fora de cogitações.

* * *

Não soubemos pressentir e assimilar essas advertências redobradas. A subestimação do adversário e, como sua irmã gêmea, a ausência de humildade na avaliação de nossas forças turvam, em todo esse período, a leitura fiel das conjunturas. Agora, as verdades entram por nossos olhos.

Não serão, entretanto, aceitas facilmente.

Sem dúvida, vão levar-nos a reflexões novas e à busca de formas de adaptação às duras contingências que nos rodeiam. Em várias organizações armadas, admitem-se e debatem-se recuos transitórios, mediações, reajustes. Não se vai, entretanto, mais longe. As mediações e alternativas, hoje como ontem, continuarão a ter como razão de ser e objetivo central o lançamento próximo da guerra de guerrilhas no campo - encarada ainda como o elo decisivo e o fio condutor de nosso protesto armado.

GK.Ø.TXT.2,P.63

E será assim, por certo tempo, no conjunto da nova esquerda. No MR-8, às teses tímidas de um primeiro refluxo dos centros urbanos, em fins de 1969, segue-se o projeto de uma fase nova e promissora de implantação nos meios rurais, visando à criação de uma efetiva infra-estrutura político-militar (1). Na ALN, após as quedas arrasadoras de janeiro e março de 1970, os novos núcleos dirigentes convergem para um recuo imediato das cidades (2). Na VAR, reavaliam-se os eixos da prática armada anterior. Também no PCBR, o desencadeamento da guerrilha rural continua a ser a única passarela, a chave para todas as conquistas futuras - e, num primeiro lance, para a ruptura do isolamento que sufoca e imobiliza ao conjunto da esquerda armada. As mesmas teses guiarão ainda, em maio de 1971, os deslocamentos improvisados de Lamarca, Zequinha e outroa companheiros (3) rumo ao longínquo sertão da Bahia. Elas estimularão também um ano mais tarde, a última tentativa da VPR por um novo surto da luta de guerrilhas, desta vez em Pernambuco, nas áreas de tensão social.

Seria, então, impossível ir mais longe?

Sob as difíceis condições da época, tudo tenderia a indicar que sim. Algumas iniciativas mais lúcidas e corajosas sugerem, no entanto, o contrário.

* * *

Em tres faixas da nova esquerda, as análises e propostas fogem à timidez e ao meio-termo dos recuos e reajustes transitórios - e avançam, com certa audácia, para a reavaliação integral de nossas teses e opções originais.

São poucas, sem dúvida. São, entretanto, exemplares por seu senso alto de responsabilidade militante, por seu conteúdo humano e, mais particularmente, pelo nível de coragem política

GK.Ø.TXT.2, P.64

que trazem consigo. Apresentam, entretanto, diferenças flagrantes quanto às origens, aos objetivos - e, sobretudo, aos desdobramentos que propõem.

Antes de tudo, é o caso da Ala Vermelha. Inicia seu balanço auto-crítico já antes de 1969; um ano depois, já não participa do protesto armado. Está à procura de laços de ação comum com o movimento operário e popular. Em fins de 1968, quase ao mesmo tempo, as iniciativas de José Quartim e outros companheiros (1) agitam o núcleo dirigente da VPR: é o apelo ao mergulho preferencial na prática política de massas, já que a resposta armada à ditadura militar se revela inviável. No PCBR - e muito antes que todos nós - Jacob Gorender sente as ameaças que pesam sobre a nova esquerda e chama à análise crítica de nossa trajetória e à pesquisa e debate de novas alternativas. Suas advertências não são, infelizmente, trazidas à análise crítica e ao debate amplo e aberto, no interior de nossa organização. Seria, no entanto, um primeiro e valioso estímulo a uma reflexão criativa e corajosa sobre a orientação traçada e a experiência recente. Certo, em certos escalões de direção, seu espaço de audiência seria estreito e seu trânsito relativamente difícil. A acolhida e o debate aberto estariam, no entanto, amplamente assegurados: André, Olivier, Rodrigo, eu inclusive, o boa parte dos jovens quadros em formação na Guanabara, no Paraná, no Espírito Santo, alimentaríamos o estudo de suas teses, análises e sugestões.

Não faltariam, aliás estímulos e precedentes, internos e externos. No conjunto da esquerda armada, debatem-se análises críticas, projetos e alternativas parciais. E aguçam-se, em nossas fileiras, contradições, interrogações e divergências, antigas e recentes.

GK.Ø.TXT.2, P.65

Não por acaso, poucos meses depois, o debate estará aberto sobre um tema próximo, igualmente polêmico: o refluxo - ou não - para Salvador de nossos órgãos dirigentes centrais.

A proposta de Mário Alves e de um amplo setor da direção central estimulada pelos núcleos regionais mais combativos, apoia-se em argumentos e objetivos realmente válidos. Com efeito, seria um primeiro recuo face ao confronto dia-a-dia mais difícil nas cidades; traria alívio momentâneo às precárias condições de segurança que caracterizam, nos últimos meses, nossa atividade clandestina; e permitiria, ainda, diversificar nossa espera de ação, já em si particularmente limitada.

As reservas e teses contrárias têm também seu cunho de coerência. Orientada para regiões onde não dispomos de núcleos de organização e de influência política, essa transferência não modificaria, no fundamental, nosso isolamento da sociedade e as precárias condições de segurança em que atuamos, sobretudo em São Paulo e no Rio. Parece-nos, assim, apressada e problemática, uma espécie de salto no escuro. O elemento principal em debate é, porém, seu sentido político e militar. Em boa medida, vários dentre nós tendemos a assimilar esse traslado improvisado a uma velha e conhecida tendência que trazemos conosco, desde os primeiros dias: a busca de condições favoráveis para uma passagem mais rápida ao início da guerrilha rural. Dois anos antes, ela já marcava a corrente contestatária do PCB no Estado do Rio, dividia o núcleo dirigente central do PCBR desde sua fundação; e marcava diferenças sensíveis de perspectivas imediatas, os ritmos e a imagem e o caráter da luta de guerrilhas, no conjunto de nossas organizações.

* * *

GK.L.TXT.2, P.66

Vinte anos mais tarde essas ressalvas podem parecer inteiramente gratuitas. Elas refletiam, no entanto, a essências de nossas divergências internas e, à sua raiz, ilusões e expectativas que nasciam das características marcantes do momento. 1969 não é um ano como os outros - pois anuncia-se como um salto de qualidade em nosso processo armado. Na opinião de algumas de nossas organizações armadas, já é possível pensar, agora, no início e no desenvolvimento imediatos da guerra de guerrilha no campo. Seria a base de partida real e palpável, longa e ardentemente esperada, de uma efetiva guerra revolucionária. É, assim, um momento intenso de euforia.

Essa expectativa estimula e acirra, vigorosamente, o concorrencialismo latente no interior da nova esquerda. A pressa em lançar e fazer avançar a organização de grupos táticos armados, em fazê-los participar de ações audaciosas nas cidades, e em desenvolver, nas áreas rurais os campos de treinamento e as bases de lançamento da guerrilha têm, assim, um acicate quase febril. Ela acirra as divergências e a luta de opiniões em cada faixa da esquerda armada. E não é para menos. Essa expectativa pressupõe, por si mesma, a conquista da hegemonia automaticamente, e sem reservas. A organização pioneira no desencadeamento da guerrilha rural - é nossa crença comum - teria todas as demais a seu lado e sob seu comando, como um escudo coletivo de solidariedade e proteção. Seu papel seria, sem dúvida, inicialmente, apenas complementar. Poderia no entanto tornar-se tanto mais necessário e mesmo imprescindível, quanto maiores fossem a experiência militar já adquirida e o cabedal acumulado de seus avanços e iniciativas, e de seu laços com o movimento social.

O PCBR está largamente em atraso, nesse terreno. Não definiu sequer suas áreas preferenciais no campo. E não conta ainda com base de lançamento, núcleos de estrutura própria, presença po

GK.Ø.TXT.2, P.67

lítica junto às comunidades locais, nas faixas aparentemente mais favoráveis do interior do país. Sua linha militar recente concentra sua força de criação nas tarefas táticas imediatas - a guerrilha urbana ou suburbana, a guerrilha local - e não aborda, mesmo de longe, os desdobramentos médios e finais da guerra de guerrilhas.

É compreensível, assim, o afã quase febril de alguns de seus núcleos dirigentes em procurar limitar e corrigir, em ritmo acelerado, as defasagens, omissões e vazios largamente existentes em nossa atividade anterior. Isso explicaria a imagem nova do PCBR, no início da segunda metade de 1969: o acirramento das divergências políticas, beirando a faixa das rupturas; a condução errônea, feita de intolerância política e convivência difícil, na luta interna de opiniões; as iniciativas unilaterais de criação improvisada de centros de treinamento militar; a qualidade nova de nossa política de alianças, voltada para organizações centradas na prática armada imediata, embora isolada da população. E, em primeiro plano, o choque frontal em torno do recuo imediato a certas áreas do interior.

* * *

Um novo sinal de alerta viria do exterior, um ano e meio mais tarde. Em artigo publicado em "Révolution Brésilienne", nº 2, em Paris (1) André retoma a análise das novas conjunturas. Ao centro de suas pesquisas, o grave impasse que abala e consome a guerrilha nas cidades. Vai buscar suas raízes na contradição dia-a-dia mais profunda entre as frágeis condições em que se inicia a guerrilha, em 1968, sob um ritmo quase compulsório de urgência - e o vulto e a complexidade de suas tarefas prioritárias, voltadas para as condições e meios necessários ao lançamento da guerrilha rural.

GK.Ø.TXT.2, P.68

Essas funções novas trazem à nossa guerrilha urbana um significado mais alto que de costume - e traços próprios originais. Centrada no interior das cidades, ela passa a ter, agora, um caráter fundamental e decisivo, pois condiciona o início da luta armada no campo - e o campo é o cenário principal da guerra revolucionária que sonhamos desenvolver; tem também um caráter inadiável imediato, pois tudo - no quadro urbano como no plano rural - vai depender de seus resultados. Passa a ter, ainda, um caráter puramente transitório, já que essas tarefas mais altas devem de ser de curta duração. Uma vez iniciada a luta armada no campo, a guerrilha nas cidades deverá cingir-se às suas tarefas tradicionais, sem dúvida extremamente importantes mas, em certa medida, secundárias e subalternas.

Essas marcas de origem ajudam, hoje, a compreender melhor impulsos e opções muitas vezes atribuídos, na época, a pressões e influências externas: a sofreguidão pelo início das ações armadas, a pressa ou quase obstinação no desencadeamento da guerrilha nas áreas rurais. Elas explicam, igualmente, a distância crescente entre as ações armadas iniciais e os problemas e aspirações do dia-a-dia da população urbana. E, mais particularmente, a subestimação de atributos e condições sociais que seriam, para a guerrilha urbana, normalmente, a chave de seu crescimento contínuo, de sua consolidação e inclusive de sua sobrevivência. Fruto de contingências imprevistas - e de êrros nossos na visão do momento oportuno de seu desencadeamento, ela se inicia num momento em que o movimento operário e popular já se acha na defensiva, sem suas organizações e suas lideranças, e o movimento estudantil está às vésperas de um refluxo quase total. Não vai dispor, em conseqüência, de bases e apoios sociais solidamente estruturados. As relações entre as lutas de classes e a luta de guerrilhas encontram-se, assim, desde o início, diluidas ou ameaçadas.

GK.Ø.TXT.2,P.69

A guerrilha urbana outorga-se, ao nascer, responsabilidades extremamente altas. Elas estão previstas, entretanto, para um curto lapso de tempo. Qualquer demora em sua aplicação pode criar-lhe, amanhã, problemas quase insolúveis. É o risco potencial que traz consigo, desde os primeiros dias: o confronto latente entre as ausências e limitações de sua organização interna e de sua base social de apoio, e o alcance de seus objetivoa finais. Nossa esquerda armada não sabe, na época, ter em conta esses riscos e ameaças. Ela pagaria caro essa primeira inadvertência.

Ano e meio depois, em meados de 1969, o adiamento contínuo da guerrilha regular no campo, o longo refluxo dos movimentos populares, e a expectativa de um prolongamento indefinido das tarefas iniciais e de seus ritmos de ação vão conduzir, inexoravelmente, a guerrilha urbana a uma situação de impasse. De iniciativa originariamente transitória, passa a enfrentar as responsabilidades e ônus de uma tarefa permanente, sem dispor ainda das condições necessárias. Sua sobrevivência corre perigo. Como todas as demais frentes de luta dependem diretamente dela, essa ameaça afeta nosso protesto armado em seu conjunto.

A pesquisa de André chama a olhar de frente esse perigo imediato. Como nos anos anteriores, não há ainda espaço, no PCBR, para as clarinadas de alerta. Ela vai permanecer sem ouvidos e sem estímulos, em nosso pequeno grupo do exterior. E não será sequer conhecida, no interior do país.

GK.Ø.TXT.2, p. 70

A ATUALIDADE DE UMA ALTERNATIVA DE EMERGÊNCIA

GK.Ø.TXT.2.P.71

Decorridos quase vinte anos, penso hoje que talvez fosse ainda tempo de olhar de frente a situação criada, avaliar suas incertezas, procurar num debate conjunto alternativas viáveis, embora parciais. Se o atraso nessa viragem se revelava aparentemente irrecuperável, as derrotas e advertências eram, também, duras e contínuas. Chamavam, com urgência, à reflexão crítica sobre a orientação e a prática recentes. E à procura de uma alternativa de emergência que pudesse assegurar um primeiro refluxo no enfrentamento armado, e passos iniciais de aproximação à opinião pública e ao movimento social. O primeiro lance seria a definição de respostas rápidas aos impasses mais graves, isto é, o isolamento crescente da esquerda armada e a situação desesperadora da guerrilha iniciada nas cidades, já sob uma tática de aniquilamento por parte das forças de repressão.

Os passos seguintes deveriam visar à correção da dispersão de nossas forças e à definição de critérios de ação comum. E, já no plano social e político, à busca de sintonia com a aspiração maior de nosso povo, o fim do regime de ditadura militar. Em síntese, uma tentativa política e humanamente justa, oportuna e necessária, e obviamente incerta quanto a seus resultados finais.

Seria ainda possível?

De qualquer modo, não seria fácil. No quadro amplo de nossa sociedade, neste início dos anos 1970, há a marca da época, o espírito de 1968, a reivindicação de liberdade levada quase ao absoluto. pelos setores politicamente engajados da juventude. Sob um regime autoritário que fecha todos os canais de expressão e protesto, recusa mudanças elementares longamente pleiteadas, e repele as aspirações limitadas da juventude estudantil, esse impulso de liberdade, direito de criação e justiça estimula e alimenta todas as formas e níveis ainda possíveis de contestação. (1)

GK.Ø.TXT.2,P.72

Na verdade, já à chegada a Argel, o nosso protesto armado tem sua sorte selada. Não sabemos, ainda. Estamos aliás muito longe de imaginá-lo. E pensamos ter razões de sobra para isso.

Menos de um ano antes, a vitória final continuava, a nosso ver, inteiramente possível. Mais ainda: ela estava, talvez, nesse momento, mais próxima do que se podia supor.

Dois elos altos de nossa prática armada estimulam esse halo desbordante de confiança. O primeiro é a expectativa de um lançamento próximo da guerrilha rural. Ela é, para nós, o elo decisivo de nosso esquema de guerrilhas, a razão de ser maior, o alvo e o destino natural das tarefas e objetivos da forma de guerrilha iniciada nas cidades: a conquista de armas e de meios, a formação de quadros e combatentes. E, ao mesmo tempo, a base de partida, a condição-chave das escalas superiores e decisivas da guerra revolucionária: a guerra de movimento, as áreas libertadas, a mobilização ampla do povo - e a criação de um exército popular. É, assim, o centro, quase o fio condutor de nossa guerra revolucionária. L969 parece abrir essa era nova. É, assim, queiramos ou não, um ano de intensa euforia.

1969 abre, também, o ciclo alto das ações de seqüestro. Os elementos de amadorismo e improvisação dos primeiros episódios são pouco conhecidos - e não tisnam, nem de longe, sua qualidade nova, seu impacto favorável junto à população, o alcance e o sentido ético de seus objetivos e de seus resultados. São, ao mesmo tempo, por sua audácia e por sua organização minuciosa, o ponto culminante de nossa prática armada. Dão a imagem clara de uma u emonstração de forças e de meios, de escolha judiciosa de objetivos, flexibilidade face às manobras adversas, esquemas precisos de informação.

As tendências dominantes na conjuntura agem, no entanto,

GK.Ø.TXT.2, P.73

em sentido contrário.

Isolados nos choques apaixonados da luta interna de opiniões - e, em seguida, nas "solitárias" da PE, muitos de nós ignoramos ainda, nesse momento, o curso novo e adverso que os meses seguintes tinham trazido a nosso confronto armado.

O final de 1969 e início de 1970 são marcados por uma torrente contínua de quedas, perdas irreparáveis, e derrotas parciais. Na ALN, em setembro e novembro e, a seguir, em janeiro e março de 1970; no PCBR, em novembro de 1969 e janeiro/fevereiro seguintes; na VPR, em março de 1970.

A guerrilha rural está adiada sine die, com a perda, em fins de 1969, de suas áreas primordiais de lançamento, no Centro-Oeste, e dos campos de treinamento militar, no início de 1970, da VPR e do PCBR, no Centro-Sul.

É no exterior que tomamos conhecimento dessas perdas e derrotas.

* * *

O período anterior de prisão poderia ter sido,entretanto, um primeiro momento de análise e balanço de nossa trajetória recente.

Pela primeira vez, após a grandes quedas, estamos reunidos duas boas dezenas de militantes e dirigentes do PCBR. É um momento excepcional de trégua, transitoriamente afastados do isolamento absoluto e das salas de tortura.

Para muitos, o estágio no Regimento Sampaio vai durar alguns meses. Para mim, será apenas um contato de poucos dias. Ele permitiria, entretanto, um primeiro balanço de nossa conduta de prisioneiros políticos, a avaliação mais clara de nossas perdas,

GK.Ø.TXT.2, p.74

as responsabilidades pessoais que estão à sua origem. É o início da avaliação de nossas forças, lá fora, apesar do isolamento absoluto a que somos relegados, e da quase completa ausência de informações.

E teria aberto o caminho, numa seqüência natural de reflexões e análise, à avaliação crítica da trajetória recente e, mesmo, da atualidade maior ou menor de nossas teses originais. E, como sua seqüência natural, das condições e perspectivas de nosso protesto armado, sob as tendências determinantes das novas conjunturas.

Faltou-nos, no entanto, uma visão mais próxima da real situação das organizações armadas e, mais que tudo, dos novos níveis das forças que orientam a repressão policial-militar.

Em mim, particularmente, pesam limitações mais precisas. Alimento, sem dúvida, as minhas primeiras dúvidas sobre o encaminhamento de nossa prática político-militar. Elas não alcançam, ainda, entretanto, a atualidade de nossa teses e projetos originais. Não abarcam o quadro geral da nova esquerda, que conheço ainda precariamente. Limitam-se, assim, à faixa restrita do PCBR. É esse meu campo inicial de análise, sem projetar-se, no momento, à trajetória recente e ao que virá, amanhã.

André e Vitor (1), apesar de todas as limitações que nos cercam, vão porém bem mais longe. Inicial a análise crítica de nosso projeto inicial, o balanço de nossa firmeza ou timidez em seu encaminhamento. E chamam, insistentemente, à busca, mesmo imprecisa, de soluções possíveis, embora parciais.

---

(1) René Louis de Carvalho e Bruno Dauster Magalhães, dirigentes, na época, do PCBR.

GK.8-TXT.2, p. 75

No fundo de mim mesmo, concordo amplamente com eles. Não tenho ainda, entretanto, fôlego e envergadura para acompanhá-los nesse empenho mais alto.

De início, receio que suas iniciativas fiquem sem audiência, no interior de nossa organização. A realidade, porém, é que não me sinto ainda com forças para levar mais longe suas pesquisas e indagações. Já tenho minhas primeiras dúvidas, tímidas mas crescentes. Elas não alcançam ainda, no entanto, o quadro político geral. Detêm-se, por enquanto, no plano particular do PCBR - sobretudo na fragilidade de suas fileiras e na precária unidade de seus núcleos de direção.

Na realidade, são apenas interrogações e conjeturas iniciais. Com elas, chegam também os primeiros temores, inicialmente imprecisos, mas crescentemente teimosos e explícitos: a curto prazo, quanto à preservação da imagem do PCBR, de sua mensagem própria, de sua identidade original; a médio prazo, embora de forma ainda pouco definida, quanto à sua própria sobrevivência, amanhã.

No momento, já não tenho ilusões sobre as motivações e influências que irão marcar, de agora em diante, sua prática político-militar. Penso nos jovens quadros dirigentes do Nordeste que, um ano atrás, brandiam a ameaça de ruptura se nossa direção central não se deslocasse, a curto prazo, para as áreas do interior mais propícias à guerrilha rural; e, com idêntica apreensão, no novo núcleo de direção do Estado do Rio de Janeiro, que abandona à sua sorte a organização partidária nas grandes empresas, ignora o rico potencial das organizações populares e suas lutas típicas, no período recente, e procura concentrar-se, de corpo inteiro, na formação de grupos táticos armados. Lembro ,

GK.Ø.TXT.2, P. 76

também, as vacilações dos companheiros de Brasília, sob a força de atração da ALN e VPR, e a mosca azul da passagem, em curto prazo, à guerrilha no campo. Não ignoro, tampouco, as preferências de amplas faixas de nossos dirigentes, por uma associação contínua de nossa teoria e prática da luta de guerrilhas, às características da doutrina do "foco" - mesmo criticando e negando as teses "foquistas". Como o fizemos todos, aliás, por convicção plena ou simples subestimação de seu alcance - já em nossa orientação política geral, desde abril de 1968; e como iriam fazer, invariavelmente, já de corpo inteiro, todos os documentos posteriores de nosso PCBR.

Não levo, entretanto, essas dúvidas e apreensões a nossos militantes e dirigentes. Temo que não sejam levadas a um debate imediato, mesmo parcial. Pior ainda: desde o início da prisão, estou inteiramente isolado. No conjunto do PCBR e da nova esquerda, a democracia interna passa por deformações significativas. A visão privilegiada da prática de guerrilhas leva a que os militantes já não sejam iguais em direitos, nem tenham o mesmo lugar nas tarefas e no funcionamento interno da organização. Mais concretamente, só é realmente militante quem está em determinado tipo de atividade - isto é, de armas nas mãos. Militantes agora presos (ou banidos, amanhã) vamos ficar, invariavelmente, relegados a segundo plano, quando não totalmente esquecidos.

Não vou longe, portanto, em minhas dúvidas e apreensões iniciais. De qualquer forma, já em meados de 1970, já não guardo a mesma confiança integral dos primeiros tempos em nossa vitória final.

* * *

GK.Ø.TXT.2,P.77

A EUFORIA INICIAL RETOMA FÔLEGO

GK.Ø.TXT.2,P.78

Agora, em Argel, a acolhida oficial discreta, mas solidária, o entusiasmo da juventude local e o cerco fraterno e estimulante das organizações populares trazem um novo sopro de confiança, alentam a euforia fácil e descuidada dos primeiros tempos. Ela vai persistir, ainda, por vários meses. A seu favor, não apenas o idealismo desbordante que trazemos conosco, mas também estímulos novos, variados e crescentes que continuam a cercar-nos, dentro e fora de Argel.

Os contatos e entrevistas dos primeiros dias sucedem-se da manhã à noite. E vão continuar assim, por semanas e semanas.

Argel é uma espécie de meca das organizações democráticas e nacionais em luta, na África e no Oriente Próximo. Suas representações desfrutam, aqui, no plano ificial, de um status próximo ao das embaixadas. É assim com a FRELIMO, o MPLA, o ANC e a OLP (1). É o caso, também, dos "Panteras Negras" norte-americanos, e, o que é para nós uma agradável surpresa, também da família Arraes. Com eles, o contato fácil é uma troca constante de surpresas e experiências. Vindos da Itália e da França, antigos companheiros e amigos, militantes de partidos de esquerda e organizações populares, a imprensa e o rádio convivem, diariamente, conosco.

Vivemos, assim, mundo inteiramente novo. Junto a El-Biar, grande subúrbio da capital, Ben-Aknoun é uma escala reconfortante, e repouso e retomada de forças. Um descanso apenas aparente, no entanto, para alguns de nós. Desde os primeiros dias, sou eleito para uma comissão de recepção chamada a coordenar as relações públicas e os contatos internacionais. Uma tarefa que nos absorve o dia e a noite, ao mesmo tempo envolvente e enriquecedora como um primeiro banho de atualidade política e cultural. - "Dos cubículos da PE para o abraço carinhoso do mundo" - é como uma de nossas companheiras, com o exagêro típico

GK.Ø.TXT. 2, P. 79

dos jovens, resume e define essa convivência solidária, nesta primeira fase em Ben-Aknoun.

Acima de tudo, cerca-nos a acolhida generosa, multilateral e permanente, dos argelinos. Banidos e privados do direito de retorno a nosso país, somos aqui recebidos em festa. Não nos encaram como restos de um exército em derrota, mas como mulheres e homens de combate, arrancados às prisões adversas por ações audaciosas de guerrilha. Para os antigos "moudjahidines" (1), nosso combate tem traços comuns com episódios de sua guerra nacional recente, longa de oito anos, de 1954 a 1962. Sabem que estamos vivendo momentos difíceis e derrotas parciais; mas também passaram por elas, e souberam superá-las.

E sabem, também, que a luta compensa. A Argélia não é hoje um país livre e diferente? Seus chefes políticos e militares de ontem não são agora os governantes do país? Não por acaso, quem nos recebe em Ben-Aknoun, com uma solicitude simplesmente exemplar, é Ahmed Akkache, destacado dirigente do antigo PC argelino, e comandante guerrilheiro, no período recente. Enternecido e discreto, ele facilita esse ambiente de solidariedade ampla e contínua, quase de festa, em seu Centro Familiar.

À noite, após sua jornada normal de trabalho, temos o contato fácil e jovial dos cooperantes franceses destacados na Argélia, também hospedados em Ben-Aknoun. Boa parte deles são militantes de esquerda, em sua pátria. Já fora de nossa comunidade, nascem e crescem rapidamente, facilitadas pela língua comum, nossas relações com os quadros políticos e militares do MPLA e da FRELIMO, divididos entre as tarefas políticas, na Argélia, e as exigências da guerra de libertação, em sua terra natal. Com eles, vamos conhecer a lideranças de dimensão continental, como Agostinho Neto, de Angola, e Amílcar Cabral, da Aliança Cabo Verde - Guiné Bissau.

E hã, ainda, acima de contradições latentes que mal se dissimulam, o calor extrovertido, bem brasileiro, de nossa pequena "família dos Quarenta". E ainda a "tia" e as crianças. Ainda hoje, lembro e revivo o convívio alegre e quase familiar, nos pequenos chalês que ocupamos; as refeições ruidosas, no grande resteurante comum, servidos pelos alunos da escola local de "garçons"; e as aulas de ginástica, e os treinos de futebol, sob a batuta e o apito sábios de Altair (1). E as marcas constantes de calor humano, pontuando os episódios, bem ao estilo de uma coletividade quase inteiramente constituída de jovens. Algumas delas continuam vivas e fiéis em minha memória, como imagens ainda recentes: o desvelo comum em torno de Vera Sílvia; e o carinhoso envolvimento coletivo de Bayard Boiteux e sua família que iniciam na Argélia seu exílio forçado; e, em nosso caso particular, a serenata ao violão, misto de homenagem e intenção delicada de surpresa, sob a janela de nosso bangalô, na noite de chegada da Renée.

Decano da turma, tenho uma audiência relativamente ampla. Como antigo combatente na França, desfruto ainda de certos privilégios. De Marselha, vêm a ternura e o espírito combativo da família, com Paulette e Mathy. Mais tarde, Pierre (2) viria encher de alegria nossas noitadas, com sua arte envolvente de "causeur" e o mundo colorido de suas crônicas vividas. Junto a Akkache e Bayah, tomam corpo as amizades nascentes que a distância e o tempo, vida afora, não saberão apagar.

Mais que uma escala de repouso, Argel é, assim, uma nova escola de aprendizagem política, e um estágio de trabalho. Os contatos e debates são quase diários. Neles, ganho conhecimentos e forças novas, amplio a renascente alegria de viver. Bem relativa, por certo. Pois hã uma enorme saudade da família; hã, também, o misto de zelo e angústia pelos companheiros que conti

GK.Ø.TXT.2,P.81

nuam nossa luta difícil, no Brasil distante, sob a incerteza e as ameaças das prisões e dos confrontos desiguais; e ainda, a seu lado, teimosa e crescente,como sua conseqüência natural, a nostalgia da ação.

Ela se alimenta, antes de tudo, de impulsos morais: os compromissos assumidos face a nosso povo e a nossas organizações. Como sua expressão primeira, o desejo incontido, a quase obssessão de uma volta imediata.

Antes de tudo, é o sonho de retorno ao Brasil como combatente. E com o mesmo entusiasmo anterior, e a mesma confiança quase cega na viabilidade de nosso protesto armado. Em fins de 1970 e início de 1971, continuamos (eu, em particular), integrados à verdade de nossas teses e projetos de origem, na mesma confiança obstinada anterior na possibilidade de uma vitória final, sob a visão fatalista do colapso mais ou menos próximo do regime vigente, a ilusória expectativa de um novo ascenso das lutas populares, a curto prazo e, o papel quase messiânico que, nesse contexto, pensamos caber à nossa esquerda nascente. Não sabemos que, nesse momento, nossas teses e mensagens originais estão em choque aberto com as novas conjunturas. Acusamos o impacto das derrotas parciais recentes, mas não identificamos, ainda, nem seu significado nem o alcance de seus efeitos. Desconheço, ainda, as análises, pesquisas e alternativas iniciais que brotam em boa parte de nossas organizações. Continuo sem contato definido com o PCBR, e não tenho idéia sequer dos passos tímidos de sua nova direção nacional provisória; na análise da retomada econômica em curso no país.

Nessas condições, o regresso rápido iria, sem dúvida, ampliar o número de quadros e combatentes armados, e constituir um estímulo importante a nossas organizações. O confronto

GK.O.TXT.2, P.82

armado tem agora, entretanto, um novo curso e uma outra imagem, e suas exigências são muito mais altas. Impasses e desafios esperam reflexões maduras e respostas precisas e urgentes. E nós não as formulamos ainda.

Sem a visão dessa nova realidade e sem o debate inicial das sugestões, análises e alternativas, que se põem na ordem do dia, o retorno imediato iria fazer-se, sob certos aspectos decisivos, praticamente de mãos vazias.

O segundo elemento de estímulo e confiança viria, quase ao mesmo tempo, do exterior. Em menos de um mês, ocorre a viagem para Cuba, da quase totalidade de nossa turma dos "Quarenta". Ela aparece, a nossos olhos, antes e acima de tudo, como a expectativa nova de contatos mais rápidos com as organizações armadas, no interior do Brasil.

Os que ficamos em Argel não vamos, entretanto, permanecer inativos. Temos convites constantes para debates e ciclos de palestras, em vários países da Europa. vêm de organizações estudantis e instituições culturais, áreas de sindicatos tradicionalmente interessados nos problemas e nas lutas do Terceiro Mundo. Isoladamente, ou com outros companheiros, conheço a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, a Suécia, participo de encontros e seminários.

No fim do ano, Dowbor e eu estamos em Genebra, convidados da Liga dos Direitos Humanos. Como nas escalas recentes, a acolhida é envolvente e calorosa. Trazemos a denúncia da ditadura militar, de suas leis de exceção, suas violências e seus crimes, a repressão generalizada em todo o país. Insistimos, particularmente, na explicação de nosso protesto armado. E, de maneira especial, nas razões humanas e políticas dos seqüestros de diplomatas, um tema que choca e sensibiliza a opinião pública, em toda a Europa.

GK.O-TXT. R. p.83

Sem dúvida, os seqüestros ferem os direitos humanos, os critérios e normas de regimes de democracia e, mais particularmente, os princípios de solidariedade e respeito entre os povos, na pessoa de seus representantes oficiais. São atos de violência idealizados e realizados por minorias, sem o aval da grande massa da população, em nosso país e no resto do mundo.

Não podem, porém, nas condições brasileiras, nivelar - se às ações de "terrorismo", caralogadas no conceito internacional . Trazem marcas diferenciais expressamente definidas, sobretudo por seu conteúdo ético e humano, sob uma ditadura militar que não hesita em recorrer, friamente, face às forças de esquerda, ao terrorismo oficial. No imediato pós-64, o ódio e a insensatez revelam-se em lances ainda isolados de suplício, como no afogamento de mãos amarradas de Raimundo Soares, no rio Guaíba. Em 1968, alcançam o nível mais alto da tentativa de genocídio, como no plano de explosão do Gasômetro do Rio de Janeiro, elaborado por oficiais superiores da Aeronáutica, à sombra do PARASAR, e sua seqüência imediata na eliminação de militantes e dirigentes de esquerda. A partir de fins de 1969, é o assassínio calculado de certa gama de prisioneiros políticos. Bastaria lembrar o assassinato de Marighela e Pedro Ruivo, em emboscadas urbanas; de Câmara Ferreira e Mário Alves sob as torturas; e o corpo ainda vivo e sadicamente mutilado de João Lucas Alves, na prisão de Linhares.

Em Genebra, procuramos mostrar que, no Brasil de 1970, o recurso ao seqüestro não é uma escolha gratuita e arbitrária. Longe disso, ele tem, sob o regime aberto de exceção em que vivemos, um caráter nitidamente compulsório. Procuramos, ao mesmo tempo , lembrar que os embaixadores não representam apenas seus povos de origem, mas também Estados e interesses de influência considerável (e as vezes determinante) na economia e nas posições políticas de nosso país. Constituem, assim, por si mesmos, a moeda de mais alto valor de troca nos guichês da ditadura militar. E, em

GK.0.TXT.2, p. 84

conseqüência, um trunfo decisivo e irrecusável em nosso empenho por salvar as vidas ameaçadas de dezenas de combatentes, segregados e torturados nas prisões.

Nossa estadia na Suiça vai ser, no entanto, muito curta. Segundo consta, na época, as multinacionais de origem suiça, Nestlé à frente, pressionam o Conselho Federal de Berna. De qualquer forma, nossa expulsão é decidida em poucos dias. A intolerância e a brutalidade da medida chocam, entretanto, setores amplos da opinião pública. Estamos no país dos cantões, onde a autonomia regional é algo intocável, e as resistências não demoram. Em Genebra, a Liga dos Direitos Humanos retarda nossa partida, sob protestos variados, por toda uma semana. Continuamos solicitados para entrevistas, conferências, visitas às cidades próximas. Como se nada houvesse.

O próprio Secretário do Interior, diante de jornalistas surpresos, disfarça, com dificuldade, certa dose de mal estar e desconcerto, ao notificar-nos a decisão do Govêrno:

- "Por favor, não interpretem esta medida como um ato de expulsão. Pedimos, apenas, que deixem nosso país ...".

* * *

Estamos no início de dezembro. Dias depois, a Europa recebe, surpresa, a notícia de um novo seqüestro de diplomata, desta vez, ainda, no Brasil. Por coincidência, trata-se agora, do embaixador suiço. Dowbor e eu estamos já de volta, em Argel. E temos um imento trabalho para convencer os jornalistas de toda a Europa - imprensa, rádio, televisão - de que não se trata, no mínimo que seja, de um gesto de represália das organizações armadas brasileiras, face à nossa expulsão recente de Genebra...

* * *

GK.O.TYT.2,P.85

As primeiras notícias chegadas do Brasil são também estimulantes. Um dos dirigentes nacionais do PCBR informa que nossa organização faz avanços no contato e na ação comum com outras faixas da nova esquerda. Em conseqüência do último seqüestro, setenta companheiros liberados das prisões são acolhidos no Chile de Allende e da Unidade Popular. E há, ainda, a carta recente, de 20 de junho, de Câmara Ferreira, toda tecida com nossos velhos laços de amizade, e transbordante de confiança e otimismo. Agora, informa ele, nossas organizações armadas se articulam numa frente revolucionária. É bem verdade que o início das ações guerrilheirasras no campo está, compulsoriamente, adiado por certo tempo.Em compensação, a guerrilha nas cidades deve intensificar-se.

Sem reconhecê-lo explicitamente, a carta deixa entrever a carência de quadros e combatentes. Não por acaso, o centro de nossa prática armada passam a ser, agora, as operações de seqüestro. No exterior, somos já mais de meia centena de militantes e dirigentes, arrancados às prisões nos últimos meses. Coerentemente, Câmara insiste, com empenho, em nosso regresso. Sejam quais forem as dificuldades. E o mais depressa possível.

Sem dúvida, procura trazer-nos um novo sôpro de ânimo,nesses momentos difíceis. Silencia, portanto, sobre problemas graves, mais de perto ligados, na fase atual, às condições reais de nossas organizações. Como as quedas sucessivas dos núcleos de direção da ALN, em janeiro e março recentes; em março e abril,no MR-8 e na VPR - e, em seguida, na VAR. Ou como as ameaças de ruptura interna que corroem nossa esquerda armada. Messes atrás, eu ignorava ainda tudo isso. Agora, conheço parte desses episódios, por confidências isoladas, as vezes fortuitas, dos próprios companheiros de exílio.

1/ 21, às 20,00 hs.
2/ ma das Palmeiras –
1/1 35
Arouca

Ch. 8. TXT. 2, p. 86

GK.Ø.TXT.2,P.87

— golpeando-os, com os pontos, no bosso ponto —
em todas as forças de desespero,
que para jogar um cartel
final.

Enquanto eles se vergam,
sob a dor e a surpresa, (com
desabilidade —)
para a esquina próxima.

Não adiantou
fiz, à muito chegado todo um
dispositivo policial antes cumplido. Tinha-se posto em
movimento.
A casa de Romeu é, agora, um "quer-a-pensar"
~~com um "quer-a-pensar"~~ — Está cercado.
— e/ Dois me contam dizendo quando,
a presidente/a carrida, sinto as bolas zunirem
dos lados, e a cura de mim. (Consigo.
mais ainda
chegar —
esquina (mas (caio —

GK.Ø.TXT.2, P.88

Pg 1/ 1º ¶ - linha 9: (Beida), em Argel.

- final do ¶: rua ..?.. com a rua ..?.. no Bairro de Botafogo.

- Pg 5/ - linha 11: ... (uma aura de) Tensões permanentes (?), (a aparência de ...)

- Pg 6/ - 1º ¶/ 1º ¶ - linha 4: (e nossa jovem) nova (esquerda ...), na época, (mal (inicia(?)) ----

2º ¶ - 10º linha - (....., "processo de cadernetas" -) - e (não saíria) ...

4º ¶ - 5ª linha:

... ("se vai"). Sem dúvida, (cada pulsação ...)

- 8ª linha: (... retaliação? Vamos,) assim, (para a liberdade) ...

- 9º linha: (... nostalgia da volta), a transparente consciência da ~~urgente~~ (necessidade da volta).

Pg 7 - 1º ¶ - 1º linha:

(aqueles que), talvez, nunca mais voltemos a ver.

2º ¶ - linha 4ª: (..... correndo) o dia todo, sem cansar-se nunca, (visitando) ...

- 5ª linha: (... companheiras). (Lembro-me de (nosso último) ...

- 6ª linha: (..... Divisionário,) e das (visitas anteriores) .....

3º ¶ - 7ª linha: questões (de vigilância). (Na verdade, não) tive (em contas) ...

- 11ª linha: (situação). Creio, porém (que o fator principal foi ....)

- linhas 12 e 13:

... (divergências). Apressadamente, a meu ver, (sente-se na contingência de dar ----)

Pg 8 - 2º ¶ - 5ª linha: (condutor) aos (debates que ...)

- 3º ¶ - 9ª linha: mais ainda, num (momento em que) ... (preocupar-nos).

8ª linha: (quinte) E (repetir ...) (Essa) cautela impunha-se ...)

– Pg 8:

Ainda o 3º §: (... vida) Eu ~~algo~~ hiato estranho estimulava dúvidas e preocupações. Estaria preso? ou começava a deixar o PCBR – e a transferir-se a outra organização? (mas ... sem) ~~[illegible]~~ dar-nos a mínima satisfação? Fosse como fosse, (as regras de ...) ...

Ch.: Cortão: [Era estranho ... desconfiar]

(aparelhos e locais de reunião (com heridos), (os "pontos" ...) direção.

Essas medidas foram ~~[illegible]~~ começaram a pôr-se em prática – mas com atrasos sensíveis.

Cabe (lembrar que, já nessa época, ... adicionais). (Até o último momento) entretanto, (hesitamos em ...) – (organização): Adubados no confronto difícil com o [illegible], esses traços de confiança explicam-se, facilmente, no quadro geral. Em mim, particularmente, ~~[illegible]~~ outros fatores. O PCBR estava dividido. (Presente o companheiro ...

Pg 9 3ª linha: (... o outro lado). Por coincidência, era o meu. (Ética)

1º § – 5ª linha: (... pessoas) específicas (respectivas). Despreocupa-me, assim, a esperança que a ~~[illegible]~~ aparência estranha e anormal do companheiro e questão fosse reconhecida e condenada pelos que, entre nós, depositam suas posições. ~~(Essa espera ...~~ (O. debates próximos, a pedaria) nesse sentido.

~~[illegible]~~ 9ª linha: (~~[illegible]~~ para) nosso (PCBR).

Cortão: Era necessário, portanto assegurar-lhes o máximo de vigor contraído.

[É sob essas tensões que, face à ausência de Romeu, dirigi-me, quase antimilitarmente, para sua residência. Sei que ela é relativamente cobrida – mas nessa recessão da direção tão dita no cal – o dia seguinte – e é necessário estabelecer esse documento – confronto. Seria, aliás, a última "colher a cabo": (Romeu está ~~[illegible]~~ seu No dia seguinte, Romeu ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ "aparelho"

~~[illegible]~~ de (... eu "opuesto")

(No dia seguinte, ele assinou ...?

[O "acaso" tanto conspira] No pequeno [illegible] de caso ...

GK.Ø.TXT.2,P.90

A DÍVIDA DA ESQUERDA

Nossa opção, sem outras formas de ação alternativas, pelo caminho armada pode parecer, numa primeira análise, uma espécie de contrapartida direta e contundente à visão fatalista, dominante no PCB da época, de um caminho pacífico e institucional para o socialismo. Em 64/68, sem dúvida, definem-se assim os polos da luta de opinião, no interior de seu comitê central.

A verdade, no entanto, vai mais longe. A orientação política traçada em seu vº Congresso, não descarta, inteiramente, o apelo à luta armada. Esvazia-o, deslocá-o apenas da cena política principal. Admite-o, entretanto, como recurso eventual e esporádico, sob as surpresas e zigue-zague da luta de classes. E, ainda assim, limita sua eventualidade a condições muito precisas. Antes de tudo, a luta armada não deve surgir da iniciativa dos trabalhadores, nem constituir a base de partida ou o fio condutor da tática revolucionária das forças de esquerda. Seu campo é mais restrito: o de uma resposta contingencial a golpes militares possíveis, ou a tentativas semelhantes das forças de reação. Essa resposta não deve ser isolada, mas desenvolver-se, em aliança com setores do aparelho de estado e outras forças democráticas de nosso país.

A partir de 1960, o recurso à ação armada está incluído, portanto em nossas conjeturas políticas - mas apenas como uma hipótese, face a conjunturas que, na época, em sã consciência, os dirigentes do PCB avaliamos mal e, em boa medida, não consideramos prováveis (1).

Agora, o trauma e a humiliação de 1º de abril trazem, de um jato, dúvidas e reservas profundas face a esse eixo político de orientação. Para uma parte sensível dos militantes e dirigentes, é a hora da reflexão crítica aprofundada e da busca de outros caminhos, alternativas e soluções.

Outros fatores também presentes, antes e depois de 64, agem no mesmo sentido.

Na verdade, os anos 60 não são uma fase comum na história de nosso povo. 1961/64, são, em particular, um período rico de revelações : um nivel mais alto de organização e um novo conteúdo nas lutas que se desenvolvem no campo, através das ligas camponesas; um forte impulso de unidade no movimento sindical, expresso em greves econômicas e políticas amplas; e avanços iniciais sensíveis nas bandeiras e lutas estudantis e em faixas da inteletualidade.

GK.Ø.TXT.2,P.92

A visão final, e sei escala do socialismo não nasce, como se apregoa em certos círculos, de nossa opção inicial pelo caminho armado. Nossa história recente, desde os anos 20 e 30, mostra, bem o contrário. Ela não provém, tampouco, prioritariamente, da cópia de modelos revolucionários externos. Suas raízes são outras, diversificadas e originais.

Para a juventude politicamente engajada, marcada pelo espírito de 68, ela surge, em parte, da exigência e do anseio de renovação e liberdade, que são as marcas da época; da recusa visceral ao autoritarismo cego dos governantes, e, quase como sua conseqüência natural, da sugestão alternativa de uma sociedade nova, aberta a mudanças e inovações e, porisso mesmo, não-opressora. A idéi de liberdade aproxima-se, confunde-se, com as teses e os caminhos da revolução.

Para ela, como para o conjunto do povo, há ainda, nesse momento toda uma caravana de estímulos e influências: as guerras nacionais e o desmoronamento virtual do colonialismo, o exemplo contagioso do Vietnam sob a iniciativa e a força criadora do povo, as grandes lutas e temas de mudanças dos estudantes, nos Estados Unidos e, sobretudo na Europa.

No Brasil, outras influências, internas e externas, agem no mesmo sentido. Antes de tudo, o éco e as sequelas das lutas populares dos anos 61/63. E, como sua sequência, as manifestações de inconformismo, sob formas variadas, face ao regime de ditadura militar.

No interior de nossas organizações armadas, a influência da vitória recente da revolução cubana, e a irradiação do modelo de socialismo em contrução na China, têm, sem dúvida, uma auréola e um espaço muito grande. Não são, entretanto, influências pioneiras em nossa visão de uma alternativa socialista. Desde antes, essa perspectiva tem entre nós outras origens ben definidas. Vêm, naturalmente da mensagem central dos partidos comunistas e de suas dissidências recentes. Exprime-se, desde há alguns anos, no Programa Socialista da POLOP que, em boa parte, influencia a teoria e a prática de várias organizações armadas em formação - do MNR ao MR-8, dos COLINAS à VPR e à VAR, da ALDE ao MRT. O dilema ditadura

GK.Ø.TXT.2,P.93

militar - ou - regime socialista vai aparecer, no curso de nosso combate, como seu reflexo natural.

Às vezes, essa meta é apenas sugerida. O PCBR e outras organizações abrem a escala aparentemente diversa de "um governo popular". Sua origem, seu caminho de gestação, a fonte e a composição de suas forças armadas, as raizes de classe de seus centros de decisão já são, entretanto, características definidas de uma antesala do socialismo.

E dificilmente não seria assim. Antes de tudo, há a herança recente do PCB, cuja prática política nos quarenta anos anteriores, está marcada pela visão da "revolução a curto prazo", a propaganda de"um poder revolucionário sem a definição clara das escalas necessárias de aproximação", o imediatismo na busca dos objetivos finais. A escala de pos-guerra - 1945/1947 - é uma exceção curta de apenas tres anos. As tendências radicais retomam fôlego a partir de 1948, sob os desafios da nova conjuntura internacional (1).

Sem dúvida, os modelos das últimas revolução socialistas influem profundamente na esquerda armada. No caso particular da OLAS, sua irradiação vai contagiar nossas organizações, mais particularmente quanto a certos traços específicos da revolução cubana:a crítica devastadora do papel dos partidos comunistas, a propaganda da revolução centrada, inicialmente, em áreas do campo,a direção da luta armada e do processo revolucionário por um Comando Político-Militar. E, como seu traço mais definido, um socialismo a curtíssimo prazo, segundo os traços específicos de sua experiência nacional. A idéia do socialismo tem, entretanto,já nesse momento,cores e sugestões variadas. Não por acaso, ela é, também, a meta comum de várias entidades novas de oposição que emergem recentemente,das classes e camadas médias, na cidade e no campo - e dos setores mais combativos e politicamente engajados da igreja.

GK.Ø.TXT.2,p.99

Ao mesmo tempo, reivindicações ~~aliadas~~ variadas de cidadania, em faixas modestas das forças armadas. Tudo converge para a pressão comum pela execução rápida das reformas de base, pela abrangência dos direitos e por mais amplas liberdades políticas e sociais.

É um período atípico em que franjas novas da população se incorporam à prática política com suas características e formas próprias de ação. ~~Xxxtambém,xxxfasexdaxxrebeliões~~ É a fase ~~daxreix~~ em que se pleiteia a reforma agrária - na lei ou na mara. E também, o momento das rebeliões dos sargentos em Brasília - e, no Rio, das demonstrações de rua de cabos e marinheiros, articulados com certas faixas do movimento sindical. Como pano de fundo, as crises políticas sucessivas.

Essa nova abrangência das lutas populares, acumula experiências e projeta novas forças e agentes políticos. O golpe militar fecha caminhos, na época, a seus meios legais de atuação. A partir de 64/66, esses agentes vão estimular e enriquecer, sob formas variadas, a resistência à ditadura militar. Tenderão a criar organizações autônomas como o MNR e, em seguida, a REDE e o MAR (1). E estarão presentes, inclusive, entrelaçados a outras forças de oposição, em tentativas armadas ainda prematuras. Como A coluna movel que, em 1966, atravessa parte do Rio Grande do Sul e será detida no Paraná; e. como em 1967, o esboço de uma primeira base guerrilheira em Caparaó. Já agora distantes da população, e sem perspectivas imediatas claras, seriam, entretanto, estímulo e rastilho para novas iniciativas armadas. É o caso, de imediato, do foco isolado guerrilheiro que estudantes universitários e operários de Niterói tentariam criar, em 1966/67 , no sudoeste do Paraná.

A nova esquerda vive, ainda, nessa época, sua fase de gestação, sob a forma inicial das correntes contestatárias surgidas no interior do PCB e do PCdB. Por suas origens e por suas características, essas primeiras iniciativas armadas desbordam, de longe, o quadro limitado das crises internas da esquerda tradicional. Vão servir, entretanto, de acicato ao inconformismo e à inquietação que crescem em suas fileiras. O exemplo do MR-8 original, em Niteroi é apenas uma primeira mostra.

No mesmo sentido, agem influências internas e externas antigas

GK-Ø-TXT. 2, p. 95

O PCBR está presente, de corpo inteiro, nesses erros e acertos.

Para ele, a derrubada da ditadura militar, só será possível através da luta armada, amplamente apoiada nas lutas do povo. Ela deve ser organizada e dirigida por um partido político de novo tipo - que pensamos fazer nascer do PCB. Em suas teses iniciais, o PCBR recusa a cópia de modelos externos, critica a doutrina do foco guerrilheiro rural(1), condena as ilusõe e influências revisionistas(2) presentes ainda em setores de esquerda. Traz, no interior da nova esquerda, a visão mais ampla das relações entre a luta de guerrilha e o movimento popular. Proclama, inclusive, sua ligação íntima, quase orgânica e, mesmo - o que é inteiramente novo - sua simultaneidade e interdependência.

O caminho da revolução tem, assim, dois eixos convergentes: a luta de guerrilhas, abrindo caminho a um exército popular e a uma guerra de movimento; e as greves, demonstrações, e formas altas de luta dos trabalhadores, na cidade e no campo, a caminho dos choques insurreicionais. O cenário principal da guerra revolucionári a é o campo; ao mesmo tempo, as cidades têm um papel contínuo e crescente e, na fase inicial, também determinante. É o que indicam, ainda em 1968, sua linha política e sua linha militar.

As novas realidades pressionam, no entanto, em outro sentido. Como o conjunto da esquerda armada, nasce sob o cerco de teses e modelos diversos. As teses da OLAS, a visão de soluções radicais imediatas, colhidas no Programa Socialista da POLOP, a clarinada de exaltação da experiência revolucionária cubana - embora sob a imagem parcialmente deformada de seu modelo político-militar - contida no livro de Regis Debray (3) estão presentes, cruzam-se e confrontam-se, na menagem política e na prática de nossa organização. Seus efeitos vão fazer-se sentir, contraditoriamente, em torno de questões essenciais: ao papel dirigente de um partido político, opõem-se as concessões outorgadas à doutrina do "foco"; (4) o conteúdo popular e democrático do protesto armado ofusca-se ante a visão de objetivos radicais, a curto prazo; o caráter prolongado da guerra revolucionária mantém-se com dificuldade face às pressões por uma ação de guerrilha imediata, na cidade e no campo. Sua mensagem reduz-se, assim, a um modelo de tipo novo - mas inteiramente híbrido,

GK.Ø.TXT.2, P.96

misto de inovações corajosas e, ao mesmo tempo, componentes deformadores copiados de modelos diversos.

Traz, assim, consigo, contradições profundas. Aberto à luta ampla de opiniões, conhecerá em sua curta trajetória crises internas e ameaças de cisões. Mais ainda:guarda atrasos sensiveis em relação aos níveis já alcançados na luta de guerrilhas, pelas demais organizações.

Está presente, entretanto, em todas as vicissitudes da nova esquerda,inclusive entre os últimos e abnegados combatentes dos momentos finais. Com seu ardor criativo - e com suas fraquezas - é, assim, do início ao fim, uma parte modesta mas fiel integrante de nossa luta comum: um protesto armado que se diliu, se fragmenta, dispersa-se, cambaleia e vai desaparecer - mas que, guiado por seus compromissos de honra - viáveis ou inviáveis nas condições da época, não esmorece. E não capitula.

GK.Ø.TXT.2,P.97

Uma luta generosa feita em nome do povo mas, praticamente, ignorada pelo povo. Esse desfecho quase humilhante nada retira de sua justeza, de suas razões profundas e da consciência e generosidade de seus participantes. Abre flancos largos, no entanto, a calúnias e deformações. Sua imagem real continua, ainda hoje, desconhecida da maior parte da grande massa da população. E espera o estudo acurado dos anos 60, a partir de posições de esquerda. É um desafio que só recentemente começamos a enfrentar.

Sem dúvida, nesse conjunto, há toda uma sequência de erros graves, omissões, marcas de imaturidade e despreparo, ilusões messiânicas, desvios de caminho. Mas estímulos e razões para sua pesquisa e análise aprofundadas - e, sobretudo, para a busca de suas raízes. Porque não surgem por acaso. Vêm de influências recentes e heranças antigas - e, em particular, de um PCB que, à parte sua generosidade, sua fidelidade aos trabalhadores e seu espírito de luta, lega à nova esquerda vazios profundos e deformações desfigurantes.

Lembro-me de ter vivido, em outros momentos, essas mesmas angústias e alegrias, contrastes e surpresas semelhantes. Nascem, igualmente, da confiança excessiva nas forças próprias e de uma vulnerabilidade jamais aceita ou sonhada aos golpes do adversário: como em abril de 64, também - embora em condições diversas - em julho de 35, novembro de 37, fevereiro e maio de 47, 24 de agosto de 54. O despreparo evidente e a pressa em abrir espaços às ações decisivas estão presentes, não só em 1967/69 - mas também em julho e em novembro de 35, em janeiro de 1948 e agosto de 1950 (1).

Em cada um desses episódios, um primeiro traço comum: apoiam-se em faixas ainda restritas de participação popular. Trazem, entretanto, um mesmo desejo de justiça, o mesmo patrimônio de anseios de liberdade e a mesma sede de mudanças; e a recusa inafiançável aos contrastes sociais agravados, e a regimes de arbítrio.

Eu já vira isso, sob o mesmo entusiasmo juvenil e o mesmo desafio improvisado a grupos privilegiados tradicionais e a ditaduras recentes. E a mesma confiança sem falha, levada ao absoluto, na possibilidade - e, ainda mais ainda - na proximidade da vitória. E os mes-

mos

GK.B.TXT.2, p.98

Uma luta generosa feita em nome do povo mas, praticamente, ignorada pelo povo. Esse desfecho quase humilhante nada retira de sua justeza, de suas razões profundas e da consciência e generosidade de seus participantes. Abre flancos largos, no entanto, a calúnias e deformações. Sua imagem real continua, ainda hoje, desconhecida da grande massa da população. E espera o estudo acurado dos anos 60, a partir de posições de esquerda. É um desafio que só recentemente começamos a enfrentar.

Sem dúvida, nesse conjunto, há toda uma sequência de erros graves, omissões, marcas de imaturidade e despreparo, ilusões messiânicas, desvios de caminho. Mas estímulos e razões para sua pesquisa e análise aprofundadas - e, sobretudo, para a busca de suas raízes. Porque não surgem por acaso. Vêm de influências recentes e heranças antigas - e, em particular, de um PCB que, à parte sua generosidade, sua fidelidade aos trabalhadores e seu espírito de luta, lega à nova esquerda vazios profundos e deformações desfigurantes.

Lembro-me de ter vivido, essas mesmas angústias e alegrias, contrastes e surpresas semelhantes, em outros momentos. Nascem, igualmente, da confiança excessiva nas forças próprias e de uma vulnerabilidade jamais aceita ou sonhada aos golpes do adversário: como em abril de 64, também - embora em condições diversas - em julho de 35, novembro de 37, fevereiro e maio de 47, 24 de agosto de 54. O despreparo evidente e a pressa em abrir espaços às ações decisivas estão presentes, não só em 1967/69 - mas também em julho e em novembro de 35, em janeiro de 1948 e agosto de 1950 (1).

Em cada um desses episódios, um primeiro traço comum: apoiam-se em faixas ainda restritas de participação popular. Trazem, entretanto, um mesmo desejo de justiça, o mesmo patrimônio de anseios de liberdade e a mesma sede de mudanças; e a recusa inafiançável aos contrastes sociais agravados, e a regimes de arbítrio.

Eu já vira isso, sob o mesmo entusiasmo juvenil e o mesmo desafio improvisado a grupos privilegiados tradicionais e a ditaduras recentes. E a mesma confiança sem falha, levada ao absoluto, na possibilidade - e, ~~ainda~~ mais ainda - na proximidade da vitória. E os mes-

~~nos-anos~~

GK.Ø.TXT.2, p.99

mos erros. E, em boa medida, as mesmas lições, não obstante as variações de tempo e espaço. E influências semelhantes, internas e externas.

Algo que insiste em repetir-se - ou renovar-se - na história da esquerda sempre dividida, toda ungida da condição de porta-voz do povo e da justeza de suas lutas, sonhadora e despreparada, capaz de todos os heroismos e sacrifícios:mas sem as bases seguras de um caminho nacional próprio, e sem a visão clara das realidades e da disparidade de forças em presença.

E, sobretudo, sem memória.

vez

Eu já senitra isso em outras escalas de minha formação militante.

GK.Ø.TXT.2.P.100

Nossa opção, sem outras formas de ação alternativas, pelo caminho armado pode parecer, numa primeira análise, uma espécie de contra-partida direta e contundente à visão fatalista, dominante no PCB da época, de um caminho pacífico e institucional para o socialismo. Em 64/68, sem dúvida, definem-se assim os polos da luta de opinião, no interior de seu comitê central.

A verdade, no entanto, vai mais longe. A orientação política traçada em seu VI Congresso, não descarta, inteiramente, o apelo à luta armada. Evacua-o, deslocá-o apenas da cena política principal. Admite-o, entretanto, como recurso eventual e esporádico, sob as surpresas e ziguezagues da luta de classes. E, ainda assim, limita-o em eventualidade e condições muito precisas. Antes de tudo, a luta armada não deve surgir de iniciativa dos trabalhadores, nem constituir a base de partida ou o fio condutor da tática revolucionária das forças de esquerda. Seu campo é mais restrito: o de uma resposta contingencial a golpes militares possíveis, ou a tentativas semelhantes das forças de reação. Essa resposta não deve ser isolada, mas desenvolver-se, em aliança com setores do aparelho de estado e outras forças democráticas de nosso país.

A partir de 1960, o recurso à ação armada está incluído, portanto em nossas conjeturas políticas - mas apenas como uma hipótese, face a conjunturas que, na época, em sua consciência, os dirigentes do PCB avaliamos mal e, em boa medida, não consideramos prováveis (1).

Agora, o trauma e a humilhação de 1º de abril trazem, de um golpe, dúvidas e reservas profundas face a esse eixo político de orientação. Para uma parte sensível dos militantes e dirigentes, é a hora da reflexão crítica aprofundada e da busca de outros caminhos, alternativas e soluções.

Outros fatores também presentes, antes e depois de 64, agem no mesmo sentido.

Na verdade, os anos 60 não são uma fase comum na história de nosso povo. 1961/64, são, em particular, um período rico de revelações : um nível mais alto de organização e um novo conteúdo nas lutas que se desenvolvem no campo, através das ligas camponesas; um forte impulso de unidade no movimento sindical, expresso em greves econômicas e políticas amplas; e avanços iniciais sensíveis nas bandeiras e lutas estudantis e em faixas da inteletualidade.

GK.Ø-TXT.2, P.301

Nossa opção, sem outras formas de ação alternativas, pelo caminho armado pode parecer, numa primeira análise, uma espécie de contra-partida direta e contundente à visão fatalista, dominante no PCB da época, de um caminho pacífico e institucional para o socialismo. Em 64/68, sem dúvida, definem-se assim os polos da luta de opinião, no interior de seu comitê central.

A verdade, no entanto, vai mais longe. A orientação política traçada em seu 5º Congresso, não descarta, inteiramente, o apelo à luta armada. Levanta-o, deslocá-o apenas da cena política principal. Admite-o, entretanto, como recurso eventual e esporádico, sob as surpresas e zigue-zague da luta de classes. E, ainda assim, limita sua eventualidade a condições muito precisas. Antes de tudo, a luta armada não deve surgir da iniciativa dos trabalhadores, nem constituir a base de partida ou o fio condutor da tática revolucionária das forças de esquerda. Seu campo é mais restrito: o de uma resposta contingencial a golpes militares possíveis, ou a tentativas semelhantes das forças de reação. Essa resposta não deve ser isolada, mas desenvolver-se, em aliança com setores do aparelho de estado e outras forças democráticas de nosso país.

A partir de 1950, o recurso à ação armada está incluído, portanto em nossas conjeturas políticas - mas apenas como uma hipótese, face a conjunturas que, na época, em sã consciência, os dirigentes do PCB avaliamos mal e, em boa medida, não consideramos prováveis (1).

Agora, o trauma e a humilhação de 1º de abril trazem, de um golpe, dúvidas e reservas profundas face a esse eixo político de orientação. Para uma parte sensível dos militantes e dirigentes, é a hora da reflexão crítica aprofundada e da busca de outros caminhos, alternativas e soluções.

Outros fatores também presentes, antes e depois de 64, agem no mesmo sentido.

Na verdade, os anos 60 não são uma fase comum na história de nosso povo. 1961/64, são, em particular, um período rico de revelações : um nível mais alto de organização e um novo conteúdo nas lutas que se desenvolvem no campo, através das ligas camponesas, um forte impulso de unidade no movimento sindical, expresso em greves econômicas e políticas amplas; e avanços iniciais sensíveis nas bandeiras e lutas estudantis e em faixas da inteletualidade.

GK.Ø.TXT.2,P.102

ao mesmo tempo, reivindicações ~~aliadas~~ variadas de cidadania, em faixas modestas das forças armadas. Tudo converge para a pressão comum pela execução rápida das reformas de base, pela abrangência dos direitos e por mais amplas liberdades políticas e sociais.

É um período atípico em que franjas novas da população se incorporam à prática política com suas características e formas próprias de ação. ~~E também, a fase das rebeliões~~ É a fase ~~da reia~~ em que se pleiteia a reforma agrária - na lei ou na mara. E também, o momento das rebeliões dos sargentos em Brasília - e, no Rio, das demonstrações de rua de cabos e marinheiros, articulados com certas faixas do movimento sindical. Como pano de fundo, as crises políticas sucessivas.

Essa nova abrangência das lutas populares, acumula experiências e projeta novas forças e agentes políticos. O golpe militar fecha caminhos, na época, a seus meios legais de atuação. A partir de 64/66, esses agentes vão estimular e enriquecer, sob formas variadas, a resistência à ditadura militar. Tenderão a criar organizações autônomas como o MNR e, em seguida, a REDE e o MAR (1). E estarão presentes, inclusive, entrelaçados a outras forças de oposição, em tentativas armadas ainda prematuras. Como A coluna movel que, em 1966, atravessa parte do Rio Grande do Sul e será detida no Paraná; e, como em 1967, o esboço de uma primeira base guerrilheira em Caparaó. Já agora distantes da população, e sem perspectivas imediatas claras, seriam, entretanto, estímulo e rastilho para novas iniciativas armadas. É o caso, de imediato, do foco isolado guerrilheiro que estudantes universitários e operários de Niterói tentariam criar, em 1966/67 , no sudoeste do Paraná.

A nova esquerda vive, ainda, nessa época, sua fase de gestação, sob a forma inicial das correntes contestatárias surgidas no interior do PCB e do PCdB. Por suas origens e por suas características, essas primeiras iniciativas armadas desbordam, de longe, o quadro limitado das crises internas da esquerda tradicional. Vão servir, entretanto, de acicato ao inconformismo e à inquietação que crescem em suas fileiras. O exemplo do MR-8 original, em Niteroi é apenas uma primeira mostra.

No mesmo sentido, agem influências internas e externas antigas

GK.Ø.TXT.2, P.103

Ao mesmo tempo, reivindicações ~~aliadas~~ variadas de cidadania, em faixas modestas das forças armadas. Tudo converge para a pressão comum pela execução rápida das reformas de base, pela abrangência dos direitos e por mais amplas liberdades políticas e sociais.

É um período atípico em que franjas novas da população se incorporam à prática política com suas características e formas próprias de ação. ~~E também, na fase das rebeliões~~ É a fase ~~da reia~~ em que se pleiteia a reforma agrária - na lei ou na mara. E também, o momento das rebeliões dos sargentos em Brasília - e, no Rio, das demonstrações de rua de cabos e marinheiros, articulados com certas faixas do movimento sindical. Como pano de fundo, as crises políticas sucessivas.

Essa nova abrangência das lutas populares, acumula experiências e projeta novas forças e agentes políticos. O golpe militar fecha caminhos, na época, a seus meios legais de atuação. A partir de 64/66, esses agentes vão estimular e enriquecer, sob formas variadas, a resistência à ditadura militar. Tenderão a criar organizações autônomas como o MNR e, em seguida, a REDE e o MAR (1). E estarão presentes, inclusive, entrelaçados a outras forças de oposição, em tentativas armadas ainda prematuras. Como A coluna movel que, em 1966, atravessa parte do Rio Grande do Sul e será detida no Paraná; e. como em 1967, o esboço de uma primeira base guerrilheira em Caparaó. Já agora distantes da população, e sem perspectivas imediatas claras, seriam, entretanto, estímulo e rastilho para novas iniciativas armadas. É o caso, de imediato, do foco isolado guerrilheiro que estudantes universitários e operários de Niterói tentariam criar, em 1966/67 , no sudoeste do Paraná.

A nova esquerda vive, ainda, nessa época, sua fase de gestação, sob a forma inicial das correntes contestatárias surgidas no interior do PCB e do PCdB. Por suas origens e por suas características, essas primeiras iniciativas armadas desbordam, de longe, o quadro limitado das crises internas da esquerda tradicional. Vão servir, entretanto, de acicato ao inconformismo e à inquietação que crescem em suas fileiras. O exemplo do MR-8 original, em Niteroi é apenas uma primeira mostra.

No mesmo sentido, agem influências internas e externas antigas

GK.Ø.TXT.2, P.104

A visão final, e sei escala do socialismo não nasce, como se apregoa em certos círculos, de nossa opção inicial pelo caminho armado. Nossa história recente, desde os anos 20 e 30, mostra, bem o contrário. Ela não provém, tampouco, prioritariamente, da cópia de modelos revolucionários externos. Suas raízes são outras, diversificadas e originais.

Para a juventude politicamente engajada, marcada pelo espírito de 68, ela surge, em parte, da exigência e do anseio de renovação e liberdade, que são as marcas da época;da recusa visceral ao autoritarismo cego dos governantes;e, quase como sua consequência natural, da sugestão alternativa de uma sociedade nova, aberta a mudanças e inovações e, porisso mesmo, não-opressora. A idéi de liberdade aproxima-se, confunde-se, com as teses e os caminhos da revolução.

Para ela, como para o conjunto do povo, há ainda, nesse momento toda uma caravana de estímulos e influências:as guerras nacionais e o desmoronamento virtual do colonialismo, o exemplo contagioso do Vietnam sob a iniciativa e a força criadora do povo, as grandes lutas e temas de mudanças dos estudantes, nos Estados Unidos e, sobretudo na Europa.

No Brasil, outras influências, internas e externas, agem no mesmo sentido. Antes de tudo, o éco e as sequelas das lutas populares dos anos 61/63. E, como sua sequência, as manifestações de inconformismo, sob formas variadas, face ao regime de ditadura militar.

No interior de nossas organizações armadas, a influência da vitória recente da revolução cubana, e a irradiação do modelo de socialismo em contrução na China, têm, sem dúvida, uma auréola e um espaço muito grande.[4] Não são, entretanto, influências pioneiras em nossa visão de uma alternativa socialista. Desde antes, essa perspectiva tem entre nós outras origens bem definidas. Vêm, naturalmente da mensagem central dos partidos comunistas e de suas dissidências recentes. Exprime-se, desde há alguns anos, no Programa Socialista da POLOP que, em boa parte, influencia a teoria e a prática de várias organizações armadas em formação - do MNR ao MR-8, dos COLINAS à VPR e à VAR, da REDE ao MRT. O dilema ditadura

GK-Ø-TXT.R, P.305

A visão final, e sei escala do socialismo não nasce, como se apregoa em certos círculos, de nossa opção inicial pelo caminho armado. Nossa história recente, desde os anos 20 e 30, mostra, bem o contrário. Ela não provém, tampouco, prioritariamente, da cópia de modelos revolucionários externos. Suas raízes são outras, diversificadas e originais.

Para a juventude politicamente engajada, marcada pelo espírito de 68, ela surge, em parte, da exigência e do anseio de renovação e liberdade, que são as marcas da época;da recusa visceral ao autoritarismo cego dos governantes;e, quase como sua consequência natural, da sugestão alternativa de uma sociedade nova, aberta a mudanças e inovações e, porisso mesmo, não-opressora. A idéi de liberdade aproxima-se, confunde-se, com as teses e os caminhos da revolução.

Para ela, como para o conjunto do povo, há ainda, nesse momento toda uma caravana de estímulos e influências:as guerras nacionais e o desmoronamento virtual do colonialismo, o exemplo contagioso do Vietnam sob a iniciativa e a força criadora do povo, as grandes lutas e temas de mudanças dos estudantes, nos Estados Unidos e, sobretudo na Europa.

No Brasil, outras influências, internas e externas, agem no mesmo sentido. Antes de tudo, o éco e as sequelas das lutas populares dos anos 61/63. E, como sua sequência, as manifestações de inconformismo, sob formas variadas, face ao regime de ditadura militar.

No interior de nossas organizações armadas, a influência da vitória recente da revolução cubana, e a irradiação do modelo de socialismo em contrução na China, têm, sem dúvida, uma auréola e um espaço muito grande. Não são, entretanto, influências pioneiras em nossa visão de uma alternativa socialista. Desde antes, essa perspectiva tem entre nós outras origens ben definidas. Vêm, naturalmente da mensagem central dos partidos comunistas e de suas dissidências recentes. Exprime-se, desde há alguns anos, no Programa Socialista da POLOP que, em boa parte, influencia a teoria e a prática de várias organizações armadas em formação - do MNR ao MR-8, dos COLINAS à VPR e à VAR, da REDE ao MRT. O dilema ditadura

GK-Ø-TXT.2, P.306

militar - ou - regime socialista vai aparecer, no curso de nosso combate, como seu reflexo natural.

Às vezes, essa meta é apenas sugerida. O PCBR e outras organizações abrem a escala aparentemente diversa de "um governo popular". Sua origem, seu caminho de gestação, a fonte e a composição de suas forças armadas, as raízes de classe de seus centros de decisão já são, entretanto, características definidas de uma antesala do socialismo.

E dificilmente não seria assim. Antes de tudo, há a herança recente do PCB, cuja prática política nos quarenta anos anteriores, está marcada pela visão da "revolução a curto prazo", a propaganda de"um poder revolucionário sem a definição clara das escalas necessárias de aproximação", o imediatismo na busca dos objetivos finais. A escala de pos-guerra - 1945/1947 - é uma exceção curta de apenas tres anos. As tendências radicais retomam fôlego a partir de 1948, sob os desafios da nova conjuntura internacional (1).

Sem dúvida, os modelos das últimas revolução socialistas influem profundamente na esquerda armada. No caso particular da OLAS, sua irradiação vai contagiar nossas organizações, mais particularmente quanto a certos traços específicos da revolução cubana:a crítica devastadora do papel dos partidos comunistas, a propaganda da revolução centrada, inicialmente, em áreas do campo,a direção da luta armada e do processo revolucionário por um Comando Político-Militar. E, como seu traço mais definido, um socialismoa curtíssimo prazo, segundo os traços específicos de sua experiência nacional. A idéia do socialismo tem, entretanto,já nesse momento,cores e sugestões variadas. Não por acaso, ela é, também, a meta comum de várias entidades novas de oposição que emergem recentemente,das classes e camadas médias, na cidade e no campo - e dos setores mais combativos e politicamente engajados da igreja.

GK.Ø.TXT.2, P. 107

militar - ou - regime socialista vai aparecer, no curso de nosso combate, como seu reflexo natural.

Às vezes, essa meta é apenas sugerida. O PCBR e outras organizações abrem a escala aparentemente diversa de "um governo popular". Sua origem, seu caminho de gestação, a fonte e a composição de suas forças armadas, as raizes de classe de seus centros de decisão já são, entretanto, características definidas de uma antesala do socialismo.

E dificilmente não seria assim. Antes de tudo, há a herança recente do PCB, cuja prática política nos quarenta anos anteriores, está marcada pela visão da "revolução a curto prazo", a propaganda de"um poder revolucionário sem a definição clara das escalas necessárias de aproximação", o imediatismo na busca dos objetivos finais. A escala de pos-guerra - 1945/1947 - é uma exceção curta de apenas tres anos. As tendências radicais retomam fôlego a partir de 1948, sob os desafios da nova conjuntura internacional (1).

Sem dúvida, os modelos das últimas revolução socialistas influem profundamente na esquerda armada. No caso particular da OLAS, sua irradiação vai contagiar nossas organizações, mais particularmente quanto a certos traços específicos da revolução cubana:a crítica devastadora do papel dos partidos comunistas, a propaganda da revolução centrada, inicialmente, em áreas do campo,a direção da luta armada e do processo revolucionário por um Comando Político-Militar. E, como seu traço mais definido, um socialismo a curtíssimo prazo, segundo os traços específicos de sua experiência nacional. A idéia do socialismo tem, entretanto,já nesse momento,cores e sugestões variadas. Não por acaso, ela é, também, a meta comum de várias entidades novas de oposição que emergem recentemente,das classes e camadas médias, na cidade e no campo - e dos setores mais combativos e politicamente engajados da igreja.

GK.Ø.TXT.2, P.308

Uma luta generosa feita em nome do povo mas, praticamente, ignorada pelo povo. Esse desfecho quase humilhante nada retira de sua justeza, de suas razões profundas e da consciência e generosidade de seus participantes. Abre flancos largos, no entanto, a calúnias e deformações. Sua imagem real continua, ainda hoje, desconhecida da maior parte da população. E espera o estudo acurado dos anos 60, a partir de posições de esquerda. É um desafio que só recentemente começamos a enfrentar.

Sem dúvida, nesse conjunto, há toda uma sequência de erros graves, omissões, marcas de imaturidade e despreparo, ilusões messiânicas, desvios de caminho. Mais estímulos e razões para sua pesquisa e análise aprofundadas - e, sobretudo, para a busca de suas raízes. Porque não surgem por acaso. Vêm de influências recentes e heranças antigas - e, em particular, de um PCB que, à parte sua generosidade, sua fidelidade aos trabalhadores e seu espírito de luta, lega à nova esquerda vazios profundos e deformações desfigurantes.

Lembro-me de ter vivido, essas mesmas angústias e alegrias, contrastes e surpresas semelhantes, em outros momentos. Nascem, igualmente, da confiança excessiva nas forças próprias e de uma vulnerabilidade jamais aceita ou sonhada aos golpes do adversário: como em abril de 64, também - embora em condições diversas - em julho de 35, novembro de 37, fevereiro e maio de 47, 24 de agosto de 54. O despreparo evidente e a pressa em abrir espaços às ações decisivas estão presentes, não só em 1967/69 - mas também em julho e em novembro de 35, em janeiro de 1948 e agosto de 1950 (1).

Em cada um desses episódios, um primeiro traço comum: apoiam-se em faixas ainda restritas de participação popular. Trazem, entretanto, um mesmo desejo de justiça, o mesmo patrimônio de anseios de liberdade e a mesma sede de mudanças; e a recusa inafiançável aos contrastes sociais agravados, e a regimes de arbítrio.

Eu já vira isso, sob o mesmo entusiasmo juvenil e o mesmo desafio improvisado a grupos privilegiados tradicionais e a ditaduras recentes. E a mesma confiança sem falha, levada ao absoluto, na possibilidade - e, ainda mais ainda - na proximidade da vitória. E os mes-

mos

GK.Ø.TXT.2, P. 109

Essa face negativa está ausente no painel de Toledo (1).

Sua carta tem, entre nós, por isso mesmo, um duplo efeito: estimula, em parte, o permanente anseio coletivo de um retorno em curto prazo ao Brasil; em parte, aviva as dúvidas que já despontam sobre a situação real de nossas forças, no interior.

* * *

1971 vai trazer novas surpresas e advertências. As notícias do país agora são mais freqüentes. Em contraposição, são também preocupantes. Uma a uma, elas confirmam análises e avaliações conhecidas desde tempos atrás - e em que, até o momento, eu teimava em não acreditar.

Tres semanas após nossa chegada, Renée desce no aeroporto de Argel. É da primeira turma de familiares que nos visitam. Depois de Vera Sylvia e Carlos Minc, sou o novo privilegiado.

Durante todo um mês de férias, ela vai empenhar-se, a fundo, em fazer-me compreender os momentos difíceis que vive nossa esquerda armada. Antes de tudo, tenta reduzir a euforia que encontra entre nós:

-"Vocês estão inteiramente fora da realidade" - insiste ela, com apreensão e com firmeza. - "Pior ainda: vocês não querem olhar de frente a nova situação que existe no país".

E é verdade. No interior e no exterior, é como se tivéssemos os olhos fechados para a vida e a sociedade em movimento, lá fora. Em meu caso parricular, a velha mística partidária que me acompanha desde os anos 30 estimula a recusa íntima e quase instintiva a toda análise ou testemunho que não se amolde a nos -

(1) Joaquim Câmara Ferreira, dirigente da Ação de Libertação Nacional.

gritou: "Sai da frente, que eu vou atirar". "Que é isso? Não atira, vamos domá-lo aqui mesmo" - respondeu outro.

Essa foi a primeira fase de sua tortura. A segunda fase, começou depois que você disse a eles que não adiantava torturá-lo, que eles podiam fazer o que bem quisessem, porque a Gestapo não conseguira fazê-lo falar. E eles acreditaram (o Antonio Carlos e eu também, diga-se de passagem). Isso parou inteiramente a tortura. Começamos a ouvir muito cochicho, muita conversa, a um canto da sala, e de repente, o silêncio absoluto. Subi ao beliche e vi vd é largado no chão, amarrado, todo arrebentado. Foi aí que um elemento do Cenimar entrou e disse a você que tinha interferido junto aos companheiros dele para acabar com essa violência. Iam, agora, tratar de você, dar-lhe uma injeção para reanimá-lo e dialogariam, civilizadamente. Veio um enfermeiro e ficamos especulando: "Deve ser o Pentotal. Vão aplicar nele o soro da verdade". Diziam para nós, naquela época, que o Pentotal era uma droga que derrubava todas as defesas da pessoa e relaxava o auto-controle. E, de fato, começou a conversa introdutória para desarmar o seu espírito:

-"Apolonio, soube que você gosta de futebol, é verdade?"

- "É. Gosto de futebol, desde garoto que eu jogava minhas "peladas".

- "E você jogava em que posição?"

- "Olha, até no futebol eu era ponta esquerda".

Do futebol passaram para a infância, no Mato Grosso, e quando julgaram que a droga deveria estar começando a fazer o seu efeito, um deles pôs a mão em seu ombro e disse: "Companheiro Apolonio, vamos conversar aqui sobre outros assuntos". Você então respondeu: "Você não é meu companheiro. Você é meu inimigo. Então vamos conversar nos devidos lugares". Nesse momento, vinham chegando outros oficiais e policiais civis (entre eles o major

Fontenele, o tenente Duque Estrada, o tenente Garcez) e voltaram a perguntar sobre a área de guerrilha do PCBR: quem era o responsável? E começamos a ficar nervosos, porque você começou a discorrer sobre a ideologia da luta armada, dizendo que você não era responsável por essa área e por isso só poderia discorrer teórica e ideologicamente; que a organização era estanquizada e assim,

Meses mais tarde, Jeová e Fleury (1) seriam as primeiras vítimas desse tribunal de crime e ódio. Coqueiros, Eudaldo e Cerveira, viriam pouco depois. (2)

Para Renée, nesse momento, o retorno é, portanto, um suicídio. É uma realidade que traz nos olhos e na alma, e de que,nem por sombra, arredaria pé. Por estranho que possa parecer, é entre nós a primeira divergência séria, no curso de quase trinta anos . O pomo de discórdia está fixado, antes e acima de tudo, na escolha do local de nosso próximo encontro. Para ela, deve continuar a ser no exterior. Propõe-se a deixar o trabalho, tão logo Izabel e Raul saiam da prisão - e a vir para Argel ou Paris, onde for,para ficarmos juntos. Para mim, ao contrário, os novos encontros devem fazer-se lá mesmo, no Brasil. E sem demora. Como os demais, vivo sob a idéia obssessiva de um retorno rápido que, em nosso otimismo, todos julgamos não apenas possível, mas relativamente fácil.

São posições quase irreversíveis. Apesar de todos os seus argumentos, Renée não consegue, desta vez, convencer-me.

* * *

Em poucos meses, no entanto, as notícias e os novos testemunhos que chegam vão confirmar suas críticas e ponderações.

Após a passagem pelo Chile, vários companheiros do PCBR, recém saídos da prisão - Vera, Nanci, Belluzo, Elinor, Vitório (3), Bruno, René Louis e outros, trazem a Argel uma imagem de confronto armado bem diferente do que imaginamos. Antes de tudo, uma visão nova dos seqüestros que, até agora,têm para mim, um significado extremamente alto. É certo que, em seus primeiros lances, eles guardam um cunho acentuado de amadorismo. Com a audácia e a habilidade que exibem nos episódios seguintes, passam a constituir,

GK.V.TYT.2, P.113

a meus olhos, o ponto alto de nossas ações armadas. Trazem, ainda, a imagem clara das ações eminentemente políticas, quase uma exceção em nossa prática de guerrilha. Isolado no exterior, aberto à super-avaliação fácil de nossas forças, tendo a ver, nesses episódios, demonstrações repetidas de força e amadurecimento. E a confundir êxitos parciais e localizados e momentâneos com a marca já definida de um novo equilíbrio de forças, no plano geral. Nivelo, assim, em minhas análises, a parte e o todo, o que é apenas aparente e o que é efetivo e real; os elementos determinantes da conjuntura em curso - e seus aspectos apenas transitórios e circunstanciais.

Os novos episódios permitem agora vê-los de corpo inteiro e conhecer sua face oculta, feita ainda de fraquezas e limitações. Eles tornam evidente que a nova esquerda ainda não tem fôlego para um confronto demorado - mesmo parcial - com as forças de repressão. Se a ditadura recusa nossas propostas, e reage, o êxito final torna-se incerto, a espera faz-se longa e difícil. Nos primeiros seqüestros, tudo se resolvia em poucos dias; a decisão final nascia da pressão direta e quase isolada de nossos destacamentos armados; e o govêrno preservava ao máximo a vida dos diplomatas concernidos. Na operação mais recente, as negociações arrastam-se por um mês e uma semana, de 7 de dezembro a 13 de janeiro seguinte; o govêrno busca a eliminação fria dos destacamentos guerrilheiros - e deixa ao sabor das circunstâncias a sobrevivência, ou não, do diplomata prisioneiro. Em última instância, são fatores externos, conjunturais, inprevistos mas ponderáveis, que têm o papel determinante na ruptura do bloqueio oficial.

Por si mesmas, portanto, nossas forças e iniciativas já não desempenham, hoje, o mesmo papel determinante e decisivo. Antes, o recurso ao seqüestro era o centro de nossa tática de guerrilha urbana; na situação presente, sua sorte parece previamente

GK.Ø.TXT.2, P. 114

selada - e, provavelmente, já não voltará a repetir-se.

Dilui-se, assim, a nossos olhos, sua imagem anterior: uma espécie de instrumento de miragem que ocultava e invertia, sob uma superioridade circunstancial e aparente, a correlação real das forças em presença. O seqüestro não é, apenas, no plano político e no plano técnico, o elo culminante de nossa guerra de guerrilhas; é, também, por sua presença fugaz na cena do confronto armado, sua instância final.

GK.Ø-TXT.2, P. 115

selada - e, provavelmente, já não voltará a repetir-se.

Dilui-se, assim, a nossos olhos, sua imagem anterior: uma espécie de instrumento de miragem que ocultava e invertia, sob uma superioridade circunstancial e aparente, a correlação real das forças em presença. O seqüestro não é, apenas, no plano político e no plano técnico, o elo culminante de nossa guerra de guerrilhas; é, também, por sua presença fugaz na cena do confronto armado, sua instância final.

GK.0.TXT.2, P.116

Nas condições brasileiras, a luta armada aparece assim, como a única forma possível de negar o que aí está, para criar o novo que se deseja. O confronto com a ditadura militar aproxima, assim, a idéia de liberdade e a idéia de revolução. O protesto armado é sua forma de expressão direta, sua decorrência momentânea e natural.

Já no plano restrito da esquerda armada, a opção inicial continua arraigada nas consciências pela justeza de suas origens, o calor dos compromissos assumidos, a lembrança do exemplo e do sacrifício dos companheiros caídos. Dar as costas a esse código de honra seria, simplesmente, degradar a imagem moral do revolucionário. Em outras palavras, aceitar a pecha deprimento de "desbunde" (1), segundo o implacável vocabulário da época.

Essas influências turvam a leitura dos episódios, fecham, em boa medida, os espaços à análises críticas e à pesquisa de mediações. Em algumas de nossas organizações, sob a cortina dos fatores morais e da ética revolucionáris, o purismo ideológico e a intolerância política dão seu tom conhecido. Duvidar da viabilidade do protesto armado é conciliar com os responsáveis pelo que aí está. (2)

A esquerda armada não é, entretanto, um corpo homogêneo. Está, ao contrário, cheia de contradições. Elas explicam a convivência de vetos formais e da repulsa indignada à mínima hesitação sobre a justeza do caminho iniciado, com as pesquisas e análises críticas que se cruzam e se sucedem, no interior de nossas organizações. A dureza desse confronto pode ser avaliada pela sorte que lhes é reservada, sob a forma de punições sumárias e discriminações implacáveis que, em parte, persistem ainda hoje.

À sua raiz, há um burocratismo exacerbado, que se torna típico da nova esquerda. E há a influência da velha mística partidária, estimulando o autoritarismo dos núcleos dirigentes. Tudo isso le

GK.Ø.TXT.2, P.117

varia mais tarde à cegueira dos"justiçamentos".

O PCBR teria, por suas características, um espaço próprio nessas análises críticas e na busca de alternativas e mediações. Tem um enorme potencial de contradições internas e está naturalmente aberto à luta de opiniões. O espírito de inovação e as análises críticas marcam já a imagem de alguns de seus dirigentes antes mesmo de sua criação e ainda no interior do PCB. Em 1965 e 1967, cria-se uma forte corrente contestatária à linha política em vigor. Ela vai estimular, em curto prazo, toda uma floração de propostas 'e alternativas políticas, face ao regime de ditadura militar.

No Rio Grande do Sul, com Jacob Gorender e Elói Martins, é a visão original de um caminho armado intimamente ligado à prática política de massas. Ela traz uma advertência precisa: sem articulação profunda e permanente com os movimentos populares , a luta armada não tem futuro. Em Niterói, desde 1965, quatro alternativas estão em confronto. Duas delas têm por base de partida as lutas de classes e as demonstrações populares, com seu desenvolvimento contínuo, a caminho de insurreições e choques parciais. Miguel Batista, eu e outros companheiros pugnamos por elas, ainda sob a inércia das grandes greves e lutas populares que compõem, na cidade e no campo, a situação pré-revolucionária de 1963/64. Nesse contexto, o caminho armado seria um componente necessário, possivelmente indispensável, mas complementar e talvez secundário. As duas outras alternativas preconizam o recurso imediato à luta armada. A guerrilha rural é seu objetivo direto, e deve desdobrar-se, seja em contato crescente com as lutas do povo, seja isoladamente, preparando as condições necessárias a uma futura guerra de movimento. Na Guanabara, Jover Telles e Armando

Frutuoso (1) propõem o recurso imediato à luta armada, em relação crescente com a população. Seu cenário principal é o campo.

Em Belo Horizonte, em conjunto com jovens companheiros da "Corrente" de Minas, Mário Alves recolhe, amplia e enriquece essas teses e propostas iniciais. Na época, é a mais rica e bem estruturada das propostas alternativas que se gestam no interior de nossa "Corrente" nacional. Será, assim, o ante-projeto da linha geral de orientação do PCBR, em abril de 1968.

Esse impulso, quase uma vocação, de análises e inovações continuará presente em maior ou menor medida, no período imediato. Em 1968/69, o PCBR define-se por uma ampla política de frente, embora limitada ainda ao campo da luta armada. Elabora-se uma primeira análise crítica da doutrina do "foco", à luz da experiência revolucionária recente em Cuba. Em outubro,numa nova análise da conjuntura política, alerta-se quanto à aproximação de uma fase agravada de repressão política às forças populares. No domínio da organização e da prática político-militar, modificam-se os critérios de estrutura, até aí apoiados em moldes administrativos comuns. Um documento interno redigido por Mário Alves recorda as regras fundamentais de segurança, nas condições de clandestinidade. Definem-se formas imediatas e novas de guerrilha, secundárias porém mais sensíveis ao cobtato com a população: a guerrilha suburbana, na periferia das grandes cidades; a guerrilha local (2), junto às áreas do campo marcadas por contínuas tensões sociais. No confronto interno de idéias, a produnda-se a análise da esquerda tradicional. O documento "Reencontro histórico, ou simples mistificação?" analisa as características da teoria e da prática do PC do B, e denuncia a infiltração sorrateira de alguns de seus dirigentes e militantes em nossa organização. Redigido por Mário Alves é o mais rico e profundo documento do PCBR, em toda a sua trajetória.

GK.Ø.TXT.2,P.119

A elaboração política, sob os impactos e contradições da época, a pesquisa de alternativas, e o debate de idéias são, pois, quase uma prática comum no PCBR dos primeiros tempos.Mais precisamente, de seu primeiro ano de atividade. A partir daí, estanca-se, claramente, seu impulso de inovação e criatividade. Estranhamente, as contradições internas já não intervêm, nesse período, como um estímulo à dúvida criadora e à busca de formas e caminhos alternativos. As formas novas de burocratismo, próprias da esquerda armada agravam as velhas deformações herdadas da esquerda tradicional. Esse imobilismo agrava-se após as grandes quedas de fins de 1969 e início de 1970 A pesquisa e a elaboração passarão por uma fase de eclipse parcial demorado. É assim, em 1970, quando o "Documento de Julho" (1) limita o ângulo de suas observações a aspectos da nova conjuntura econômica, e a tentativas limitadas e já ilusórias e inviáveis, no plano da prática de massas e da política de organização. E será também assim, de forma já mais contundente, em 1971, nos debates preparatórios do seu último Encontro Nacional. Sob um distanciamento profundo da população trabalhadora, a prática político-militar já não cria estímulos nem condições favoráveis a novos surtos de criatividade. Mais que antes, o PCBR parece guiar-se, em forma quase exclusiva, por dois dilemas distintos mas convergentes: o sentimento e dever de honra da continuidade do combate comum; e a visão constante da guerrilha rural, como a solução única de todos os problemas. Como na visão romântica de Câmara Ferreira, dois anos antes, tudo continua a depender do "poder convincente do exemplo", da força criadora e transformadora da ação.

GK.Ø-TYT. 2, P. 120

Essa diluição do senso crítico e do empenho de inovação reflete-se, amplamente, em nosso pequeno núcleo de banidos e exilados do PCBR, em Ban-Aknoum. Também aqui, as dúvidas e desafios continuam presentes. Apesar da distância, avaliamos o alcance das perdas e quedas que se sucedem; e os efeitos de nosso isolamento em relação à massa da população. Não nos animamos, no entanto, a trazer a debate, essas primeiras apreensões. E tampouco esboçamos qualquer análise crítica de nossa orientação política inicial. Não faltariam, no entanto, condições para isso. Há, entre nós, militantes capazes e cheios de iniciativa, integrantes de escalões de direção do período recente. A iniciativa de André é sua prova evidente.

- Por que, então, esse vazio de iniciativas, essa ausência de responsabilidade militante?

Antes de tudo, penso hoje, pela pressão de escrúpulos morais imperiosos. Estamos em liberdade, em conseqüência de iniciativas corajosas das organizações armadas, e fruimos, aqui fora, de condições privilegiadas de segurança. Em contraste, no interior do país, nossos companheiros continuam, em condições dia-a-dia mais difíceis, o combate comum. Isso legitima, bem mais que antes, a nossos olhos, suas responsabilidades e seu poder de decisão. Julgar e debater, isolados no exterior, sem qualquer consulta prévia e às costas dos militantes, a orientação geral coletivamente traçada, desde 1968, à qual os novos dirigentes continuam a dar seu aval e procuram, à sua maneira, por em prática, parece-nos inteiramente fora da ética militante. Na forma e no conteúdo, é uma opção paralisante de renúncia e omissão. Ela reflete nossa prática burocrática anterior, moldada na condição subalterna dos militantes face às instâncias de direção. Sua resultante inevitável seria a persistência, meses a fio, de uma atitude de renúncia e imobilismo, equivalente a menosprezo e indiferença em relação à sorte dos companheiros em luta e, em conseqüência, ao próprio destino de nossa organização.

GK.Ø.TXT.2,p.121

* * *

A análise crítica e o debate político já não podem, entretanto, ser adiados. A solução é transferí-los para o auditório de origem, no Brasil. Embora restrito e disperso, ele é nosso centro único de decisões.

O contato direto com o Comitê Central do PCBR passa a ser, em conseqüência, a condição-chave para qualquer iniciativa ou proposta inovadora. Mais que nunca, tudo se canaliza para a idéia da volta, a curto prazo, a nosso país.

Entre 1970 e 1973, essa idéia toma a forma de quase uma obsessão. Prima sobre as análises de conjuntura, a imagem do militante, a própria personalidade de cada um. Transferência gratuita de deveres e responsabilidade, espécie de renúncia tacitamente aceita à própria identidade pessoal, ela atrofia e paralisa, inclusive, a luta interna de opiniões. Fora das matrizes originais, isoladas na pátria distante, não há espaço para a pesquisa e a dúvida criadora, seja em relação à trajetória recente, seja quanto às opções iniciais.

Em fins de 1972, a queda do último núcleo de direção nacional, no Recife e no Rio, acelera os preparativos de regresso.

O trampolim restante é, ainda, o Chile. Dali se refazem os últimos contatos e pontos de apoio. Um ano antes, sonhava-se com uma revoada parcial de militantes. Agora, prepara-se o vôo isolado de alguns dirigentes. Seria, sem dúvida, um salto no desconhecido. O protesto armado já não é mais o arquipélago de ilhotas isoladas dos primeiros dias. É um aglomerado íntimo e reduzido de combatentes de várias organizações, em particular da VAR, da ALN, do PCBR. Fazem a luta como um apostolado. Parte deles compreende a inutilidade desse sacrifício (1). Mas persistem, já que a pequena família de combatentes não recua da ética

GK.Ø.TXT.2,Ap.122

e dos princípios adotados - e espera, com um exagero compreensível mas fora da realidade, a ajuda dos que estamos fora.

No exterior, bem ou mal, pressentimos estas dificuldades. Trata-se, no entanto, do último núcleo de direção, e de militantes que ainda esperamos, ardentemente, nossa vez de voltar.

Tentar o longo salto é, assim, acima das realidades que bem ou mal se adivinham, a decorrência natural das responsabilidades assumidas, sob o halo e o espírito da ética, isto é, com uma dose grande de confiança. Para alguns, na esperança de levar adiante o confronto armado, apesar de suas condições desiguais; para outros (eu entre eles), na firma visão de um debate de idéias buscando caminhos possíveis e novas soluções.

Em setembro de 1973, o golpe militar fecha, entretanto, os últimos horizontes. Na França, será a busca incessante, difícil e angustiosa de recontato com os companheiros dispersos. No interior, sem as reservas humanas e a ajuda ansiosamente esperada, é a luta já sem qualquer esperança, o sacrifício heróico e quase anônimo dos últimos remanescentes de nossas organizações.

O protesto armado chega à sua hora final.

Na verdade, uma derrota cercada de indiferença, quase ignorada da grande massa da população.

GK.8.TXT.2, P.129

O Boeing 747-PPVJH, da Varig, que saiu nesse dia 15 de junho de 1970, da Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro, não fazia exatamente um vôo de carreira, se bem que o Comandante Comerich que o pilotava, acompanhado do co-piloto , fosse já funcionário muito antigo da companhia. Convocado fora de sua escala normal de serviço, ele aceitara levar o PPVJH para um destino que não era o habitual. Pela primeira vez, um avião brasileiro rolaria pelas pistas do Aeroporto de Dar El Beida. Os passageiros que ele transportava não eram homens de negócios com pastas 007, nem famílias carregadas de bagagens, saindo em viagens de férias, nem imigrados em viagem de saudade à terra natal. Os passageiros pouco comuns seriam trinta e quatro homens, seis mulheres e quatro crianças, todos resgatados de diversas prisões, do Rio de Janeiro e de outros lugares do país. Esses homens e mulheres compunham a lista de presos políticos exigidos em troca de Ehrenfried Anton Theodor Ludwig von Holleben, embaixador da República Federal da Alemanha, seqüestrado cinco dias antes no cruzamento da rua com a rua , no bairro de Botafogo.

O Comunicado nº 2, assinado pelas organizações revolucionárias responsáveis por essa iniciativa, lido na televisão em edições extraordinárias, devulgava uma lista de 40 prisioneiros políticos cujos nomes nem sempre eram exatos, já que, os próprios autores do seqüestro muitas vezes só conheciam seus nomes de guerra, cognomes - ou, como diziam os órgãos de repressão, "codinomes", talvez a homenagearem a própria sigla CODI - já que esta palavra não existe no "Aurélio"...

Por exigência dos seqüestradores, as fotografias dos presos haviam sido publicadas em todos os jornais.

GK.Ø.TXT.2.P.124

Nesse mesmo dia 15, ao lado das fotos de 36 dos quarenta presos, "O Globo" publicava uma nota da agência UPI, vinda do México, assinalando que "um antigo membro da Resistência francesa durante a ocupação alemã, na Segunda Guerra mundial - Apolonio de Carvalho - figura entre os 40 presos cuja libertação foi exigida pelos terroristas brasileiros, em troca da vida do seqüestrado embaixador alemão Ehrenfried von Holleben...".

Na verdade, havia já um certo tempo que o "antigo membro da Resistência francesa" esperava um acontecimento semelhante. Joaquim Câmara Ferreira - o "Velho" - fizera chegar (através de quantos contatos?) a notícia de que ele não ficaria na prisão por muito tempo. E Renée se esforçara, numa visita ao quartel da Polícia do Exército da Vila Militar, para fazê-lo entender a mensagem. Não haveria microfones, debaixo da mesa do refeitório dos sargentos, onde se realizava a visita? Paranóia ou não, tudo era possível. Porisso, a conversa inventada por Renée, para encaminhar o assunto sem despertar o ouvido atento do cabo sentado à mesa, começara de longe:

- "Você não sente saudade, de vez em quando, de uma bebidinha alcoólica?"

- "Não. Nem penso nisso..."

Ela insistira:

- "Nem da caipirinha bem paulista, daquelas que o "Quincas" preparava, lá em casa?"

No ano que precedeu o golpe, Joaquim Câmara estivera várias vezes no apartamento do Jardim Botânico onde Apolonio e Renée viviam com os filhos. Todas as vezes Joaquim fazia questão de preparar, caprichosamente, uma caipirinha especial, machucando o limão com o açucar e dosando os ingredientes com ares de grande sacerdote preparando uma poção mágica. Renée esperava, com

GK.Ø.TXT.2,P.125

esse assunto, induzir os pensamentos do Apolonio. Ele, entregue ao prazer da visita, esquecido doambiente sinistro que reinava nas jaulas solitárias da PE da Vila Militar - onde era ainda sensível a presença de Shael, morto a pancadas, onde Dora era diariamente xingada pelos militares, privada de suas roupas e humilhada - passava em revista os "quincas" conhecidos. Seu pensamento fixou-se naquele que lutara com ele na Espanha, compartilhara dos mesmos campos de internamento e da vida em Marselha, depois da fuga. Não conseguia entrar o cumprimento de onda da Renée. Por fim, depois de muito insistir para que o cabo de guarda à mesa providenciasse um pouco de água, ela conseguira fazê-lo entender que o "Quincas" era outro, e deslizara, rápido, que este pensava no velho amigo com muito carinho e que a "coisa" seria para breve.

Assim, apesar do auto-controle e dos hábitos de disciplina que ele se impunha, a ansiedade de "algo" para acontecer vibrava no fundo do peito para romper numa onda de alegria logo contida pela razão. O principal, agora, era aproveitar a solidão e o escuro permanente da cela sem janelas para preparar a defesa em vista do julgamento que se desenrolaria dentro de alguns meses. Defesa que ele queria transformar em acusação ao regime militar, e em denúncia das torturas e do assassinato de Mário Alves, no quartel da rua Barão de Mesquisa. Ele elaborava seu depoimento, ordenava-o e repetia-o em voz baixa, para si mesmo, já que não podia escrevê-lo por falta absoluta de papel e lápis.

De súbito, dois dias antes - 13 de junho - à hora do noticiário da noite, ligando debaixo do travesseiro o radinho de pilha que entrara de contrabando na primeira e única visita que a companheira lhe fizera nesse novo quartel, ouvira a grande notícia. O embaixador von Holleben, da Alemanha Ocidental, tinha sido seqüestrado e os seus seqüestradores exigiam a libertação de

GK.Ø.TXT.2,P.126

40 companheiros. Fora difícil conciliar o sono, naquela noite. De manhã, a pesada porta da cela abriu-se para um inesperado banho de sol. Na volta desse primeiro e único contato com a luz do dia, desde que fora transferido para esse novo quartel - o 1º Batalhão de Comunicações Divisionário - e isolado de seus companheiros de partido e de processo, precipitou-se para o esconderijo do pequeno transistor. Evaporado. Difícil esconder algo num cubículo mobiliado com um catre e um magro colchão. Mas isso, agora, não tinha mais importância.

Os acontecimentos que passaram a suceder-se rapidamente naquele dia confirmavam a notícia: fotografias - frente, perfil - e o encontro com o coronel Câmara, comandante do batalhão - uma conversa estranhamente cordial.

No meio da noite, um punho batera, com força, na porta da cela e uma voz cujo timbre pareceu-lhe quase amigo, gritou: "Apolonio, de madrugada você viaja para a Argélia. Um belo país. Boa sorte".

Assim, era para a Argélia que iria. Se tivesse pensado no assunto, teria apostado num país mais próximo, da América Latina, certamente. Não teria pensado na Argélia. Mas a idéia agradou-lhe.

Ele se perguntava quais seriam seus companheiros de viagem. Os filhos, René-Louis e Raul, estariam entre eles?

Algumas horas mais tarde, num galpão da base aérea do Galeão, onde fora um dos primeiros a chegar, iria conhecer os trinta e nove companheiros, que se transformariam em quarenta e quatro, com a inclusão de uma senhora e de quatro crianças. Aos poucos, eles foram chegando: Carlos Minc, um adolescente, ainda, José Lavechia, já de cabelos brancos, Vera Sílvia, magrinha, com as pernas paralisadas pela tortura no pau-de-arara,

GK.Ø.TXT.2,P.127

Liszt, Gabeira, Daniel Aarão Reis, Tania e Domingos e os outros, todos os outros. Daniel, ele conhecia por tê-lo visto, pelo buraco da fechadura, quando se encontrava, isolado, no Batalhão de Guardas, em São Cristóvão. Sua cela fazia frente a uma saleta onde se realizavam as visitas, e seu único laço com o mundo era o buraco da fechadura que "eles" tinham esquecido de tampar. Assim, conhecera Daniel, num dia de visita conseguida pelos pais. Conhecera também Tânia, em visita ao Domingos. Os outros, mal teve tempo de conhecê-los, antes de entrar no avião. Muitos guardavam traços das torturas recentes, a palidez das celas, uma aura de sofrimento, a aparência de pessoas resgatadas de um indizível mundo de sofrimentos físicos e mentais. Mas todos confraternizavam, conhecendo-se ou reconhecendo-se nesse galpão, hesitantes, ainda, entre a sensação nova de liberdade e o receio do que ainda poderia acontecer. As ameaças feitas in extremis pela repressão, no trajeto entre os quartéis e aquele galpão, justificavam os receios. Tania e Domingos, a caminho do Galeão, tinham sido levados para a polícia do exército, na rua Barão de Mesquita, para uma nova sessão de torturas no pau-de-arara ; a "turma da pesada" oferecia-se esse último prazer, antes de deixar escapar suas presas.

* * *

Embarcamos no Boeing algemados dois a dois. Violência desnecessária, já que os agentes da repressão estão armados e nós, não.

Não conheço meu companheiro de algemas. Apenas nos abraçamos, no encontro recente, caloroso mas quase sem palavras , no galpão da Base Aérea. É muito jovem, como a quase totalidade

GK.Ø.TXT.2, P. 128

dos companheiros. Exceto Cerveira, o velho Lavecchia, a "tia" Tercina e eu, todos oscilam entre dezenove e trinta anos. Nunca os tinha visto antes. Não eram membros de minha organização, e essa nossa jovem esquerda mal iniciava algumas ações conjuntas.

Pelo corredor estreito, passam e repassam, em silêncio, alguns dos dezenove oficiais do exército e policiais federais que nos escoltam. Quando o avião dá a volta sobre a cidade, um deles avisa: "Olhem bem o Rio de Janeiro. É a última vez que o vêem". Reconheço, entre eles, um dos meus torturadores. Finge que não me vê, evita fazer-se notar. Poucos meses antes, movia a manivela do telefone de campanha, na sala de torturas, enquanto me interrogavam. Afirmara a Renée, com uma segurança inabalável, que eu seria condenado a vinte ou trinta anos de prisão - mais os sete do "processo das cadernetas" - não sairia vivo da cadeia. Ao detectar uma mentira minha, no curso do interrogatório, tinha puxado a pistola, num ódio incontido: "Não mate!" gritara um outro oficial - e ele se contivera a contragosto.

Agora, aqui estou eu, com trinta e nove de seus antigos prisioneiros, virtualmente livres - porém ainda presos às algemas; vencidos vencedores, vigiados pelos vencedores momentaneamente vencidos.

O ronronar quase silencioso das turbinas, a brancura amortecida das nuvens que se esgarçam e se reformam, tornam nossa viagem quase intemporal - passarela jogada entre o "antes" e o "depois"; terra de ninguém entre o "de onde se vem" e o "para onde se vai". Cada pulsação dos jatos, cada centímetro ganho sobre o tempo, nos aproxima da liberdade. Liberdade longe de nossa terra, de nossa luta, de nossos companheiros. Fomos nós os escolhidos mas, eles, não sofrerão retaliações? Vamos para a liberdade já com a nostalgia da volta, a necessidade da volta. A curto prazo. É a nossa dívida em relação àqueles que ficaram, à

GK.Ø.TXT.2, P.129

queles que nunca mais voltarão.

Meus filhos permaneceram presos, um no Regimento Floriano, outro no Sampaio; Izabel no Batalhão de Comunicações. Renée, minha companheira, continuará suas visitas, de quartel em quartel, através da Vila Militar. Continuará correndo visitando os advogados, as outras mães e companheiras. Lembro do nosso último encontro, no Batalhão de Comunicações Divisionário e as visitas anteriores, nos quartéis distantes - na rua Barão de Mesquita, no Batalhão de Guardas, em São Cristóvão, na PE da Vila Militar. Insensivelmente, as lembranças me levam à época e às circunstâncias da prisão, seis meses antes.

Foi no dia 13 de janeiro de 1970. Não posso dizer que tenha sido por eficiência dos órgãos de repressão - DOI-CODI - que, ironicamente fora inaugurado, festivamente, na manhã do mesmo dia (1). com discursos e banda de música, no quartel da Barão de Mesquita. O pior é que minha prisão foi conseqüência dos meus erros e das flutuações da direção de nossa organização em questão de vigilância. Na verdade, não levei em conta regras elementares de segurança - regras aprendidas e aplicadas em muitos anos de vida militante. Nessa atitude entrariam, certamente, uma boa dose de subestimação do adversário e uma análise demasiado otimista da situação. Mas creio que o fator principal foi outro, mais envolvente e mais premente. O PCBR vive um momento tenso e angustiante de discussões e divergências. Sente-se na contingência, apressadamente - a meu ver - de dar respostas definitivas a alguns dilemas que, naquele momento, se impõem ao conjunto da esquerda armada: apressar mais - ou não - a preparação final e o desencadeamento da guerrilha no campo? Imobilizar transitoriamente - ou reajustar - a atividade guerrilheira nas cidades? Deslocar o núcleo central da direção para mais perto das faixas já escolhidas como prioritárias para a guerrilha rural - ou guardá-lo,

GK.Ø.TXT.2,P.130

por enquanto, nos centros urbanos?

Em meados do mês de janeiro, uma reunião ampliada do Comitê Central do PCBR daria a última palavra sobre esses temas então vitais. Tenho posição definida sobre o assunto e sou encarregado de redigir um dos dois documentos que servirão de fio condutor dos debates que se anunciam duros e tensos, e vão opor, presumivelmente, os companheiros da direção em dois campos. O PCBR está dividido.

Nesse dia 13, ao final da tarde, com o documento já redigido no bolso, vou ao encontro do jovem Romeu. Ele se encarregaria de datilografar e multiplicar o documento que seria distribuído aos membros da direção. Romeu não apareceu no lugar combinado. Não "cobriu o ponto", como dizíamos então. Teria havido um problema sério? ou um impedimento sem maior importância? Numa situação normal, minha reação teria sido esperar até o dia seguinte. E repetir o "ponto". Essa medida se justificava ainda mais nesse momento em que vagas suspeitas já começavam a nos preocupar. O companheiro da direção mandado ao sul e que conhecia o calendário de nossas reuniões e nossa preocupação com os prazos de regresso, não dava sinais de vida. Era normal que se suspeitasse que ele tencionava deixar o PCBR e transferir-se para outra organização. Mas sem avisar-nos? Era estranho mas possível, e eu começava a desconfiar. As regras da clandestinidade impunham, nessas circunstâncias, todo um conjunto de medidas - mudar os "aparelhos" conhecidos por ele, os locais de reunião, os "pontos" de encontro, os hábitos da direção. Começamos a pô-las em prática, mas com bastante atraso. Convém lembrar que já a essa época, com o grau de organização da repressão, as mudanças de aparelho exigiam critérios e cuidados adicionais. Não obstante até o último momento hesitamos em considerar o companheiro como definitivamente afastado de nossa organização. Havia, de minha parte, motivos éti -

GK.Ø.TXT.2, P. 131

cos: presente o companheiro, permanecia o equilíbrio de forças no interior do organismo de direção. Eram conhecidas suas posições. Sua ausência faria pender a balança para o outro lado. Ética pessoal e segurança da organização em seu conjunto entravam em choque - e eu perdi a noção de seus pesos respectivos. Para tomar as medidas de precaução necessárias dispus-me a esperar que a atitude anormal do companheiro ausente fôsse reconhecida por seus companheiros de tendência. Essa espera teria conseqüências gravíssimas para o conjunto do PCBR.

A expectativa ansiosa dos debates próximos e a tensão nervosa em que vivíamos levam-me, quase que automaticamente, à casa da rua do Trabalho onde morava Romeu, "aparelho" que ele já fora encarregado de desativar e substituir por outro. Ele assinaria o contrato da nova casa no dia seguinte..(.1) No jardinzinho da casa, o ilusório sinal de que "tudo está bem" está no lugar combinado. Entro, como alguém da casa. Abro a porta...e dois canos de revólver apontam na minha direção. Dois homens à paisana me agarram, me apalpam, esvaziam os meus bolsos. Eles me enquadram e me levam para fora. Dois outros, saídos do interior da casa, seguem atrás de nós. A surpresa, a consciência do erro cometido, aguçam todas as minhas energias: "É preciso sair desta, reparar a "mancada". E viver!" Os homens não me algemaram e já no corredorzinho da casa, enquanto um deles, da rua, abre o portão, desvencilho-me dos dois que me enquadram atirando-lhes, com todas as forças do desespero meus punhos no baixo-ventre. No breve instante em que eles se dobram sob a surpresa e a dor, corro, desabalado, tentando ganhar a esquina próxima. Conheço o terreno, penso ter condições de escapar. Não advinhava que a minha chegada tinha posto em movimento todo um dispositivo policial antes camuflado. Aumento o ritmo da corrida, as balas zunem dos lados e acima de mim. Consigo chegar à esquina ileso...e caio numa

GK.Ø.TXT.2,P.132

barragem compacta. Sou agarrado de novo e enfiado num carro, ao lado de dois homens armados. Na frente, ao lado do motorista, um outro, revólver em punho. Por que não me algemaram? Senti que tinha escapado da morte, mas provisoriamente. Pensei em Marighella, morto em emboscada. Em João Lucas, morto na tortura. As minhas condições eram diferentes. Estava numa rua, não estava na cela - teria talvez a possibilidade de fazer algo. Libertar-me, não era possível; não tinha arma. Mas já que vou morrer tentarei vender caro a minha vida. ("Levar alguns nazistas na morte, quando não era possível salvar a pele" - não era assim que faziam os companheiros, na França ocupada?). Essa aceitação fria da morte,tão contrária ao que fora antes minha maneira de ser, dá-me forças para enfrentar o que vier, lutando até o fim.

O carro sai, em direção à rua Barão de Mesquita. Mas isso eu não sabia, nem tinha uma noção clara do caminho que seguíamos. O carro vai em alta velocidade e, ao lado, observo muros altos e sólidos, contra os quais a potência correspondente ao peso do carro e à sua velocidade determinaria um choque extremamente forte. Imagino um ato de surpresa. A um dado momento as condições parecem favoráveis. Preparo-me. Justamente alí, nesse instante, em sentido contrário, está passando um ônibus "via Bangú" cheio de trabalhadores voltando para casa. Logo adiante, nova oportunidade. Eu me disponho à ação e outro ônibus carregado intervém. Cerro os dentes, não desanimo. Penso que haverá novas oportunidades. De fato, novo paredão aparece. A velocidade já não é tão grande. Decido-me assim mesmo. Debruço-me, de repente, sobre o motorista, a mão direita sobre seu braço, a esquerda sobre o volante e jogo o carro para a esquerda, na direção do paredão. O choque se dá, mas bastante amortecido embaixo pela pressão instintiva sobre o freio, em cima pela redução de minha pressão,

GK.Ø.TXT.2, P.133

sob as coronhadas dos militares. A surpresa os deixa bastante atônitos. Não tenho lembrança de nenhum diálogo. Levam-me para o que penso ser um quartel, talvez à procura de comunicação ou de algemas. Retornam de mãos vaziam e rumamos para a rua Barão de Mesquita. Lá me conduzem a uma sala à esquerda do portão de entrada. Logo depois, aparece um oficial, sorriso irônico e zombeteiro:

- "Ah! Você é que é o Lima?"

Eu ja tinha previsto o que diria. Tinha aprendido no decorrer da vida militante que um comunista, um combatente, ao ser preso, deve assumir suas responsabilidades. Daria, portanto, o meu nome. Por outro lado, não tinha dúvida de que chegariam a reconhecer-me, em curto prazo. Mas havia também outro fator presente: uma certa ilusão pelo fato de ser eu um antigo oficial, filho de militar e entrava no quartel de uma unidade do exército. Conhecia o ódio e os crimes da polícia civil sobre os seus vários rótulos, e da polícia do exército: Marighella, João Lucas Alves, Shael Charles Schreidel. Apesar disso, talvez sob a lembrança de seu pai, orgulhoso de sua trajetória de cadete de Benjamin Constant, na Escola Militar da Praia Vermelha, e de sua participação quando da proclamação da República - ou de minha passagem na tropa, tinha dificuldades em aceitar inteiramente o nível de degradação das funções militares, sobretudo no plano da oficialidade, já atingido nas unidades e quartéis encarregados da repressão. Apresentei-me, portanto, na minha antiga condição de oficial de artilharia, e em minha nova condição de participante do protesto contra a ditadura militar. Houve, naturalmente, uma certa surpresa no oficial que tivera esse primeiro contato comigo - o tenente Magalhães - e eu senti que me deixava sozinho na sala, com as portas bem guardadas, e ia em procura de seus superio

GK.Ø.TXT.2,P.134

res para enfrentar essa situação diferente. Pensei ouvir sua conversa com o oficial-de-dia:

- "Parece que pegamos um peixe grande..."

O fato é que, momentos depois, passei a sentir um movimento maior de carros chegando, passos rápidos aproximando-se da sala. Sem violência, puseram-me um capuz sobre a cabeça, cobrindo o rosto. Levaram-me a um canto da sala, e senti que havia já muitas pessoas em torno de mim. A um momento dado, alguém fez-me as primeiras perguntas, um princípio de interrogatório, em tom de deboche para com a nossa luta, insultuoso para com os outros companheiros. Procurava responder com calma e com dignidade. Enunciava os motivos pelos quais havíamos tomado esse caminho quando uma bofetada na face esquerda interrompeu-me. Não aceitei a covardia e, num impulso, retirei o capuz e atirei-me contra os oficiais presentes. O revide não durou mais que alguns segundos. Quando voltei a mim, estava estirado no chão, na sala agora vazia. Apenas dois policiais ou oficiais, jovens, sentados perto de mim, tinham recolocado o capuz em cima do meu rosto. Retirei-o. Um deles o repôs no lugar. Tranqüilamente, lentamente, retirei-o de novo. Eles não insistiram.

- "Eu não seria capaz de bater nesse homem" - disse um deles, em voz baixa.

- "Por quê? - indagou o outro.

- "Eu teria a impressão de estar batendo no meu pai..."

Descobria de repente uma realidade nova à qual não tinha pensado. Talvez o corpo da repressão não fosse assim tão inteiriço como parecia. Podia também tratar-se da reação pessoal de um policial ou militar jovem. Nos dias seguintes procuraria observar e pesquisar o alcance das constatações. Iria ter surpresas, sobretudo entre os jovens soldados, no serviço de guarda, junto a nossas celas. Alguns eram cautelosos e distantes. Um companhei

GK.Ø.TXT.2, P.135

ro que me havia levado em seu carro a São Paulo, meses antes, estava agora, atirado no corredor que cercava as celas e que, por sua vez, servia de cela (a PE da Barão de Mesquita estava lotada). Ele me reconheceu, está esperando o interrogatório. Dispõe de algum dinheiro e manda comprar, pelo pessoal da guarda, chocolate e cigarros. Pede ao soldado que me faça passar um pedaço de chocolate. O soldado hesita, quase numa recusa

que, ao examinar-me, constatou que o meu coração não ia bem:

- "Se o senhor voltar para a tortura, não agüenta".

No dia seguinte voltou:

- "O senhor não pode mais passar por essas coisas. Estou dizendo isso para eles".

Na realidade não fui mais torturado. Nunca mais o vi. Soube o seu nome - Fayad - mais tarde, por duas companheiras presas no mesmo período. Talvez estivesse assustado pela morte de Mário Alves, tão odiosamente torturado, na noite de 16 para 17 de janeiro.

A minha tortura tinha sido também, de tal forma brutal, que passei dias - não sou capaz de dizer quantos - num torpor comatoso entrecortado de volta a uma semi-consciência e de novos mergulhos numa prostração esponjosa onde o tempo desaparecia. Fico muito feliz de ver que os companheiros reconhecem os seus - os nossos - torturadores, dão-lhes nomes. Para mim, era muito difícil, na situação em que me encontrava, identificar os meus algozes. Enquanto me mantivera consciente, lutara com toda a minha energia, com todas as minhas forças, disso tinha certeza. Certas passagens ficaram na minha lembrança, talvez porque foram planejadas, embora nos limites da resistência, para ganhar um pouco de tempo. Acredito que todos aqueles que passaram por essa experiência tentaram se defender pelos meios que lhes ocorreram no momento.

No segundo dia de interrogatórios, depois de horas de choques e de pancadas, pedi para falar com o comandante...

"Ah! Agora vai dar tudo, heim, seu filho ...?

A tortura parou, puseram-me de barriga para baixo para que não pudesse ver a pessoa que iria chegar. O comandante, eu presumo...Como eles estavam na expectativa de revelações impor

portantes, é possível que fosse ele.

-"Muito bem, eu estou aqui para ouvir", convidou o homem.

Pus-me, então, a fazer uma longa digressão sobre o tratamento a que têm direito os prisioneiros de guerra, segundo a Convenção de Genebra. Lembrei que havia uma guerra no interior de nosso país - uma guerra revolucionária - eles mesmo não o diziam?. Que nos considerassem, então, como prisioneiros de guerra. O Brasil não tinha assinado a Convenção de Genebra? Além disso, alguns deles podiam, amanhã, cair em nossas mãos ...

-"Façam calar esse filho da puta. Convenção de Genebra porra nenhuma. Chega de conversa. Pau de arara nele!

Quando fui transferido para o Regimento Sampaio,na Vila Militar - única prisão em que não estive isolado do convívio de outros presos - Raimundo Teixeira Mendes ajudou-me muito a recordar e ordenar as várias fases de meus interrogatórios. Preocupava-me muito com os momentos finais da tortura em que minha consciência flutuara sob o efeito das drogas que fora obrigado a ingerir e das que me foram aplicadas na veia.Nossas conversas procuravam reconstituir as circunstâncias de nossas respectivas quedas e da queda de outros companheiros:Restava sempre uma incognita : a prisão de Mario Alves.

No "celão" do Regimento Sampaio, Raimundo procurava reconstituir comigo os acontecimentos:

-"Eu estava preso desde o dia 5 de janeiro, numa cela do segundo andar, no Pelotão de Investigações Criminais - o PIC. Era justamente na cela so lado da nossa que oficiais,cabos, soldados do exercito e elementos civis, torturavam os presos políticos Por isso é que nós que estávamos alí, assistimos todo o processo de tortura de muitos companheiros - não somente o seu, Apolonio,

mas de vários outros, inclusive o da morte de Mario Alves."

-"Além da proximidade, havia ainda o fato de que a parede que separava nossa cela da sala de tortura não subia até o teto.O pé direito da sala era muito alto, mas a parede se interrompia a meio metro do teto. havia alguns beliches na cela e, em momentos mais angustiosos dos interrogatórios, tivemos o atrevimento de subir, pendurar-nos à parede e dar uma olhadela para dentro da sala. Foi assim que vimos o Mario encapuçado. Não dava para ver o rosto, mas sabíamos que era ele, em função das perguntas e das respostas, da tortura em si. E depois, na manhã seguinte, o nosso velho companheiro, Olivier (1), que estava preso conosco, foi chamado por um oficial, juntamente com o Antonio Carlos (2) - o Tonico - para fazer a limpeza da sala onde o Mario tinha sido tão bestialmente torturado na noite anterior. E lá estava ele, com o capuz levantado. Os dois se conheciam muito bem. Mario estava nos extertores, pedindo água e o soldado permitiu, inclusive, que lhe dessem água."

"Se você me perguntar o que aconteceu no interrogatório do Mario"- prosseguia Raimundo -"vou te falar apenas cinco minutos : ele não deu absolutamente nenhum dado, não "abriu" absolutamente nada para a repressão. Você também não. Ele se manteve digno e calado diante dos torturadores, declinando apenas seu nome e suas funções na organização. Não procurou usar táticas de despistamento, ganhar tempo.O teu processo de tortura foi diferente. Não sei se posso dizer que você 'adotou' uma tática de enfrentamento ... pode ter sido uma forma expontânea de reagir ... seja como for, ela surtiu efeitos.

Mas isso seria a noite de 16 para 17 de janeiro...

Na noite do dia 13, tinhamos ido jantar...(a repressão era tão incauta, naquela época, que 'eles' nos deixavam sair para o 'rancho'. Iamos do PIC, que ficava no fundo do quartel, até o refeitório dos soldados, quase na frente, para o almoço e para

GK.Ø.TXT.2,p.139

o jantar. Foi nessa época que pudemos identificar vários dos oficiais que nos torturaram, porque eles usavam os nomes nas camisas, sem o esparadrapo que eles passaram a usar depois, para camuflar-se...). Então, nessa noite do dia 13, fomos pro "rancho" e voltamos. Não me lembro exatamente da hora em que você chegou ao quartel, mas foi certamente numa hora já bastante avançada. Ouvimos barulho de carros, uma confusão muito grande, uma gritaria mais excitada lá embaixo. Logo percebemos que, como eles diziam - "tinham apanhado um peixe grande". E nós ficamos numa expectativa doida e dolorida de identificar quem é que tinha sido preso. A algazarra e o subir e descer de escadas se prolongaram ainda por alguns momentos e você foi trazido para a sala de tortura. Sim, porque então é que a gente descobriu que tinha sido você: um dos torturadores perguntou: "Ah! então você é que é o "Professor Lima"?" Você respondeu que de fato era o professor Lima. E eu conhecia o teu nome de guerra. A partir daí, um outro torturador falou que você ia agora conhecer as regras do jogo: eles queriam saber se você ia colaborar e falar. Aquilo era uma guerra e você a tinha perdido. Estava preso. Iria colaborar ou preferia "bancar o machão"?

E começaram as perguntas:

- "Onde é que você dormiu de anteontem para ontem?"

- "No ônibus da Cometa, de São Paulo para o Rio".

- "E de ontem para hoje?"

- "Bem, isso é segredo de minha organização e eu não posso revelar".

- "Bem, com isso, você está escolhendo o campo, as regras do jogo que nós colocamos. Isso quer dizer que não vai colaborar?"

Você se virou para o torturador e disse: "Você sabe muito bem, pois pertence a uma organização militar, que exis-

tem segredos que não podem ser revelados. Isso é um deles".

A partir daí começou, ou melhor recomeçou, um processo de pancadaria, socos, pontapés, gritaria, que não é preciso descrever com minúcia. Outro torturador queria saber onde se localizava a área de guerrilha e você respondia: "Mas vocês têm um serviço de informação para quê? Vêm perguntar a mim?"

Depois disso, houve várias sessões de choques elétricos no pau-de-arara. E as perguntas se repetiam sobre os assaltos, sobre os aparelhos, sobre a Renée, sobre o Mário Alves, sobre o Lamarca. Esse processo no pau-de-arara foi muito terrível para nós - do outro lado da parede, sentados no beliche - profundamente torturante. Mas, ao mesmo tempo, ficávamos felizes quando você discutia com os "caras". Mas houve um momento em que você passou muito tempo sem falar, sem gemer, sem emitir um som. E nós pensávamos: "Ele morreu". Então, eu me lembro que, num determinado momento, "eles" disseram: "Valos tirá-lo do pau-de-arara. Vamos dar um afogamento nele". E começaram a discutir o que fariam: "tira ele daí, desamarra...". Tivemos a impressão nítida - não estávamos vendo - de que você saia do pau-de-arara. Aí, aconteceu algo surpreendente que nos deixou completamente eufóricos: o silêncio baixou e logo uma correria, uma confusão: "Pega o homem, segura ele...". Nisso, Antonio Carlos ficou apavorado, correu, pulou e conseguiu segurar-se no alto do beliche, só para ver o que acontecia do outro lado. Desceu pálido: "Porra! rapaz, o Apolonio ficou louco. Está brigando com os caras. Pegou um pedaço de pau e começou a agredí-los! " Aí, é claro que eles cairam de pontapés em cima de você. E o que segurava a metralhadora

GIK.Ø.TXT.2, P.141

Realengo, aonde chega, no início de 30, e donde sai, no final de 33, Seu testemunho sobre a Escola Militar mostra um ambiente saudável, alegre polémico. A impressão de que uma academia militar teria, como marca dominante, o ranço do militarismo exacerbado, isolado do mundo civil e colocado acima da sociedade, não cabe neste período. Para ele, "nós, os cadetes da época, temos as características comuns aos jovens - e, em particular, aos estudantes. Estamos voltados para o esporte, o estudo, a alegria de viver, a visão do futuro. E, nos anos finais/ de especialização, para a formação profissional. Somos sensíveis à vida política - o "tenentismo" influiu, benéficamente, nesse sentido - mas sem propensão a integrar-nos nela. Se uma pequena parte se sente mais identificada com traços específicos da carreira, propícios a certo isolamento e a uma postura superior,em relação aos civis, outra faixa - pequena mas crescente - abre-se, amplamente, ao envolvimento das articulações políticas e ao conhecimento dos problemas sociais.

E é compreensível. No início dos anos 30, estão presentes, na Escola, a visão dos efeitos da crise econômica, as sequelas da crise política recente e o halo de liberdade articulado pelo "Tenentismo", no período anterior. Mais particularmente, o éco e o exemplo da presença política ativa dos militares, em 22, em 24/26, e, a seguir, num contexto mais amplo, no movimento político-militar de outubro de 1930. Os antigos "Tenentes" fazem parte, agora, do Poder central, são o cerne de governos nos estados, têm sua entidade política própria - o Clube 3 de Outubro". E trazem uma mensagem de liberdade e de reformas parciais. E´verdade que/ os anos 1929-30 já corroem a coesão anterior do movimento. A partir daí, os "tenentes" já não estão sós, na faixa das forças revolucionárias que, antes, monopolizavam. Agora, há a presença - e, também, a interferência - da Aliança Liberal e do PCB. São duas alternativas novas. Dentro em pouco, os "tenentes" vão dividir-se,

GK.Ø.TXT. 2,p. 142

diluir-se, em torno delas.E perder, assim, progressivamente, sua imagem própria. Em 1931-32, eles já a dividem, sem hesitação, com os novos donos do Poder. No plano estritamente profissional, o movimento militar de 1932. - e a anistia ampla, em seguida - vão mais longe: confundem, nas frentes e nos perigos - e, também, nos benefícios comuns, revolucionários de ontem e antigos legalistas. Em 1934, os Tenentes estão já assimilados pelos velhos grupos econômicos do país. O antigo "inconformismo militar" dos anos 20 cede lugar a uma adaptação sem rebuços, praticamente integral. O "exército de transição", presente de 1922 a 1932 - todo um decênio - já não tem mais espaço. É, de novo, a vez do exército tradicional, guardião do Poder, garantia da Ordem.L935, 1936 e 1937 vão confirmar essa mudança. Os dois oficiais de artilharia presos em Bagé iriam sentí-lo, dentre em pouco, na própria carne.

Na Escola do Realengo, entretanto, estamos ainda no início dos anos 30,e as primeiras dissidencias ainda não têm éco. O "tenentismo", ainda como um todo, guarda sua auréola inicial.

Mesmo assim, Apolônio não vê sua geração como herdeira, tão somente, como pretendem algusn, das lutas e dos ideais do movimento "tenentista":"Temos uma profunda simpatia por seus dirigentes, mas não estabelecemos laços particulares com eles.Os rebeldes dos anos 20 começam, já, a revelar sua face autoritária, como parte integrante das forças que, em 1930, chegam ao Poder. Demonstram uma clara hostilidade ao coronelismo e ao latifúndio, como fruto da grande caminhada, pelo interior. Entrão os contrastes sociais, sob os efeitos desse sistema de privilégios, chocam os homens da Coluna. Conservam, entretanto em comum com os senhores de terras, uma tendência manifesta à subestimação do povo, de sua força de criação, de sua capacidade para abrir caminho e fazer a própria história. Mesmo na situação nova do início dos anos 30, guardam e generalizam, ainda, sua visão anterior dos homens do campo,

GK.8.TXT.2, P.143

a estendem mesmo ao conjunto da população. Isso os impede de apreender o aprendizado que a classe operária e os trabalhadores urbanos vêm acumulando em todo esse período, sob crises econômicas e políticas sucessivas. Isso já lhes permite, agora, pleitear um lugar no debate dos problemas, trazer alternativas novas, ser um componente autônomo e organizado, na vida política do país.

Se os antigos "tenentes" subestimam essas mudanças, elas estão presentes, com clareza crescente, a nossos olhos curiosos de jóvens, na Escola Militar.

Á imagem e ao exemplo dos "tenentes" junta-se, agora, diante de nós, a imagem jovem e influente do movimento social em ascenço.

GK-Ø-TXT.2, P.144

* * *

- " Viva a Aliança Nacional Libertadora!

- Viva o general Luiz Carlos Prestes!

- Abaixo o governo de traição nacional de Getúlio Vargas!

- Abaixo o fascismo!"

Os aplausos invadem o recinto , desbordem sobre as ruas vizinhas. Os recem-chegados entreolham-se, Uma onda de calor os invade e desabrocha num sorriso. Meia hora atrás, tinham deixado o exiguo camarote do navio que os trouxera do Rio Grande. E tinham sido conduzido, ainda sob algemas a seu novo presídio. A caminho da cela, ouvem ainda a alocução final:

- "A Radio ANL, a Voz da Liberdade, encerra aqui o seu progama de hoje. Boa noite!"

Em resposta, saindo não sabem de onde, uma voz apocalíptica profetiza:

- "Não ficara pedra sobre pedra!"

Sacudidos até o mais profundo de si-mesmos, Renato e Apolonio se preparam para a sua primeira noite na Casa de Detenção.

No dia seguinte, é o encontro alegrecom um ambiente de confiança, exaltação e dinamismo. Cada um tem uma tarefa. E todo o mundo está mobilizado, participa. São sessões de ginástica, palestras, cursos, análises da realidade, debates. E é o dia inteiro.

Depois de tres dias em alto mar, imobilizados num camarote estreito e ao final de quatro meses de isolamento em Bagé, Renato e Apolonio deixam-se levar quase de roldão por esse ambiente novo e estimulante. Renato reencontra velha amizades. Envolvente, confirma sua velha imagem de "caudilho". Em Apolonio, o teimoso otimismo (muito ligeiramente abalado) volta a florescer.

CIK.Ø.TXT.2, P. 145

E´lá que, pela primeira vez, vai tomar contato com militantes e dirigentes de entidades e partidos políticos. E, mais particularmente com o PCB. Em parte, através de seus antigos colegas da Escola Militar: Leivas Otero, José Gutmann, Ivan Ramos Ribeiro, Souveral. Vai inteirar-se da existência de uma Internacional comunista, de seu Buro sul-americano e,até conhecer alguns de seus membros, como Rodolfo Ghioldi.

A atividade coletiva ocupa todas as horas. Há uma espécie de universidade atrás dos grandes portões fechados: cursos, ciclos de conferências. Assim, as horas passam de pressa, cortadas apenas pelas explosões de protesto ao retorno dos marinheiros torturados na Polícia Central. São trazidos em macas, desfigurados, às vezes quase irreconheciveis. O furor da ditadura abate-se sobre eles com uma força multiplicada, já que não ousa tocar nos inteletuais presos e nos oficiais das forças armadas.

Uma explosão maior viria em setembro quando Getúlio Vargas condena friamente à morte a Olga Benário Prestes e a Elisa Ewert, deportando-as para os campos de exterminio da Alemanha nazista. Os gritos de indigmaçãoe protesto dos presos políticos desbordam dos pavilhões do presídio para as ruas próximas, durante dois dias. Em vão. O crime está consumado (\$).

Já em abril, esse ódio de classe atingia a Renato, a Apolonio e a algumas dezenas de outros: a cassação, sem processo e sem serrem ouvidos, de suas patentes de oficiais. A vida corrigia, com frieza, a tese da velha Sinhana anos antes:"a carreira militar e a correira do pobre". E acrescentava uma condição fundamental e decisiva:"Sim. Mas desde que se sujeite a cumprir,com fidelidade, o papel de mantenedor da ordem estabelecida, por mais hostil ao povo que ela seja.

GK.Ø.TYT.2, P.146

Em setembro, o coletivo de presos é dividido. Inteletuais e oficiais do exército são transferidos à prisão vizinha - a Casa de Correção. Alí, vão encontrar jornalistas, escritores, dirigentes políticos, profissionais liberais. Apolonio entra em contato, pela primeira vez, com a direção efetiva da ANL: seu presidente, ~~o comandante Hercolino Cascardo~~ seu secretariado nacional. E tambem, com as várias forças políticas que a compõem: o Partido socialista brasileiro, a ampla faixa do "Prestismo", o setor"autônomo", sem outros vínculos político-partidários. NO contexto de um PCB que vai conhecer na intimidade, vai saber da existência de sua faixa dissidente mais definida: os trotsquistas.

E´um ambiente propício ao estudo, ao diálogo, à reflexao. Os hábitos pessoais, as preferências predominam.

- O estudo do marxismo.
- O fim da espera e da ilusão de novos levantes militares
- A nova explosão de entusiasmo: a República Espanhola
- A nova conjuntura: a visão do fim do Estado de Guerra
- A nova fase que se abre para a ANL. Terá ela, ainda forças para iniciá-la sequer?
- A aproximação mais profunda ao PCB.
- A nova mentalidade, o espirito da época e o que está no fundo da resolução de ir combater na Espanha.

O ruido da chave, do outro lado, fechando a cabine, restabelece o clima de isolamento, na nova prisão flutuante. Renato não consegue dominar as emoções recentes. Prefere deitar-se,tentar dormir:

- Amanhã, mais descançados, conversaremos melhor...

Seu companheiro concorda em silêncio, com um sorriso. Não tem sono . Está surpreso e chocado com os episódios recentes. Para ele, a postura desrespeitosa do oficial-carcereiro não indica, simplesmente, uma reação pessoal. Não é, também, constitui um fato isolado.Sugere uma realidade nova, imposta agora ao país. E refletida num novo estilo de relações internas, visiveis no seio da oficialidade do exército e, probavelmento, da marinha. Com o abandono, inclusive, de traços elementares da ética militar. Num ambiente de insegurança profissional, de medo e de pressões.

Presos e isolados, eles não sentiram essas mudanças tomarem corpo, abrirem espaço a uma época nova. Talvez porque, nesses quatro meses, surpresas compensadoras trouxessem um pouco de sol e alegria, como oasis de calor humano e de ternura, a seu isolamento. No plano pessoal, a visita da esposa de Renato, longamente afastada no seu visinho Uruguai; e a surpresa da presença de Corina e do velho Gomes, na escala do trem, em Pelotas. E ainda, já no plano político, a vitória eleitoral, radiante de cheia de promessas, da frente popular, no início de fevereiro, na Espanha.

No entanto, as duras surpresas de março trazem adevertencias e desafios muito claros. Na época, os prisioneiros não se prepcuparam em analisá-las. Na realidade, não queriam ver.

Agora, a caminho do Rio e de outras prisões, as verdades entram pelos olhos. Cham a compreender que as antigas normas e tradições vêm sendo postas de lado, e os tempos já são outros. Não por acaso, o balanço dos meses recentes nada tem de estimulante. No que se refere à ANL, põe, em dúvida, inclusive, boa parte de suas análises e propostas iniciais: em lugar de um governo fraco, isolado, hesitante, vê-se um Poder central fortalecido, armado de atribuições ilimitadas, típico de um estado de exceção. E, dentro dele, o imobilismo das forças de oposição, perplexas ante a surpresa dos levantes de novembro, a imprevizível vulnerabilidade

da ANL, o vigor e a dureza da contra-ofensiva ofial. E, ainda, o refluxo do movimento popular sob uma repressão generalizada; um noticiário sensacionalista exacerbado sobre desmantelamento de organizações clandestinas e a prisão em série de dirigentes destacados da ANL e de outras forças de esquerda.E, nas últimas semanas, a fria e amarga experiência da queda de Prestes e Olga Benário.

Na penunbra da cabina essas lembranças encadeiam-se, pouco a pouco. Elas recompõem toda uma fria operação de cerco e isolamento - planificada, contínua, visceralmente hostil. E abrem espaço,insensivelmente e quase sem resistência a incertezas e indagações: e o retorno, a curto prazo, à liberdade? à atividade profissional? A angustia difusa que que se insinua traz a iagem de Corina e com ela a dúvida nascente - e os planos de casamento? Tudo parece adiar-se, sem horizonte à vista, por trás dessa imprevista transferencia a prisões distantes, da hostilidademal dissimulada do oficial da escolta, do silência sobre o que os espera. E o amplo movimento armado de carater nacional, ao centro de uma insurreição generalizada? Estamos em fins de março, quase na data prevista. Seria ainda possível? E a sorte dos oompanheiros presos? Que seria deles, segregados e inermes, nesse clima de guerra interna, de ódio e de calúnia?

Sem respostas, asp perguntas vão e voltam, cruzam-se, combinam-se, crescem ou diluam-se. Sob a pressão dos episódios amargos que se sucedem. E sob a tentação íntima, teimosa, incoerentemente humana de não aceitar, inteiramente, essa nova realidade. Ou de atenuá-la, pelo menos, sob a esperança de uma viragem possível.

No mais íntimo dele, um conflito silencioso mais crescente entre duas influências igualmente poderosass:de um lado, a inflexivel evidência dos fatos - e, com ela, as primeiras dúvidas, ainda tímidas, sobre a situação real da ANL agora - e, inclusive, sobre seu próprio destino,amanhã. De outro lado, as marcas pessoas que o distinguem, desde a infancia. Mais particularmente, sua propensão a integrar-se, apaixonadadamente, a cada opção assumida; e, comoseu estímulo maior, um otimismo permanente, arraigado, visceral.

Nesta primeira noite de viagem, esse otimismo teimoso parece, ainda uma vez. levar a melhor.

- Afinal, pensa ele, estamos afastados de tudo e de todos. Amanhã, no Rio, vamos ter, provavelmente, contatos novos, informações seguras. E, talvez, outro tipo de surpresas. ~~Pode até ser mesmo que a situação da ANL seja bem~~ A situação da ANL pode até ser bem diferente do que, sob a censura, fazem crer os jornais. Quem sabe?

Nolim também se fez amigo da numerosa família Gomes, que passou a frequentar suas palestras e conferências. Antes de viajar ele quis formalizar o compromisso. O casamento foi marcado para o inicio de 36.

Voltemos agora a Bagé ao pátio interno do 3ºG.A.Cav., quando o comandante lhe comunica a ordem de prisão. Depois de entregar sua pistola, o tenente caminha, conformado, para a cela, procurando acreditar que alí não passaria mais que alguns dias ou semanas, como lhe assegurára o major Costa Leite após a surpresa dos levantes de novembro. Tratava-se de esperar, já que, segundo ele, o momento de passar à ação estava próximo. Um grande movimento militar, de caráter nacional, mais amplo que todos os que marcaram os anos 20, estava previsto para o segundo trimestre de 36. Ao entrar no pequeno quarto reservado à sua prisão, o jovem oficial guardava, ainda, restos da esperança que a ANL, ~~com sua~~ fazendo a ~~sua~~ imagem renovadora das frentes populares, ascendera por todo o país, no rastro de suas campanhas de mobilização. Havia, entretanto, novas surpresas no ar. Elas iriam ~~desfazer~~ esmaecer, em poucos meses, o que restava dessas ilusões: a 6 de março de 36, a prisão de Prestes; poucas semanas depois, em fins de março, a sua remoção, sob escolta, às prisões do Rio, onde se juntariam aos companheiros envolvidos no levante de novembro.

Mas não antecipemos, e voltemos ao pequeno aposento que serve de prisão ao tenante, nesse quartel em que, como jovem instrutor convivia diariamente com os soldados, cabos e sargentos, no trabalho e nos cursos de formação profissional. É claro que o prisioneiro ira usufruir de certas regalias decorrentes desse ambiente de afetividade. Não tinha ele, como oficial de dia, o

hábito de mandar para casa os soldados presos? Na verdade, encerrado o expediente da tarde, ele fazia abrir o xadrez e liberava a rapaziada presa, com o compromisso de estar de volta, no dia seguinte, às cinco da manhã. E nunca ninguem deixara de estar presente. Nesse ambiente de cumplicidade, não faltaram, às sugestões e propostas de retribuição. Logo na primeira noite, ao deixar a comida do prisioneiro, o cabo da guarda se aproxima para um dialogoconfidencial:

- Come é, tentente, quando é que vamos sair daqui? É só o senhor querer...

O tenente recusa, sorrindo, diz que logo estará em liberdade. No dia seguinte, já é o sargento da guarda que insiste. E até questiona essa ilusão de um curto período de prisão:

- Olhe bem, o senhor pode estar enganado. Pelo que eu estou ouvindo, por aí, a coisa pode ser bem diferente.O melhor mesmo é a gente fugir. Eu vou junto...

Nada disso. O prisioneiro havia mesmo embarcado, pelas mãos do major Costa Leite, nas famosas ilusões democráticas que permeavam a primeira metade dos anos 30. Depois de tres dias inomunicável em seu qualtel, ele é transferido para o 12º Regimento de Cavalaria Independente, ainda em Bagé. Lá, ele encontra o capitão de Artilharia Renato Tavares da Cunha Mello, que será seu companheiro de cárcere até março de 36. Prestista apaixonado, homem de cerca de quarenta ano, tendo experimentado o exílio, no Uruguai e na Argentina,Cunha Mello estava adido à Divisão de Cavalaria. Na verdade, ele ja chega "queimado" a Bagé, afastado que fôra do comando da Força Pública de Santa Catarina ao ser a ANL colocada na ilegalidade. Os dois prisioneiros não se conhecem, mas Apolonio busca na lembrança uma imagem conhecida das ruas de Bagé: um elegante ginete empinando, com arte, um belo cavalo baio, de crinas brancas. E vai casá-la, agora, com a figura alta e bem humorada do catarinense Renato da Cunha Mello, que

GK.Ø.TXT.2.P.152

mais tarde, na Casa de Detenção, no Rio, ficaria conhecido como o "caudilho".

Na longa espera desses três mêses, em Bagé, na intimidade propícia aos desabafos, que só a cadeia é capaz de criar, o "caudilho" abre sua vida de revolucionário. Em 30, ele está ao lado de Prestes que se recusa a participar do movimento político-militar em preparação, da Aliança Liberal. E'um momento difícil em que Prestes se torna, na prática, um "general sem exército" a imensa maioria dos seus companheiros da Coluna vai alinhar-se na estratégia e nos planos políticos ~~de Getúlio Vargas~~, (1). ~~Osvaldo Aranha e Antônio Carlos.~~ Em consequência, Prestes ~~procura~~ vai arregimentar forças, sob as bandeiras da Liga de Ação Revolucionária - a LAR. Renato, ~~a partir de então~~, ~~será~~ é um dos mais destacados participantes da LAR. E é nessa condição que ele vai ao Uruguai, retorna ao Brasil, conspira, estabelece laços políticos e retorna a Buenos Aires ~~onde a~~ já ~~se~~ encontra Prestes, numa fase de aproximação ~~crescente~~ ao movimento comunista. A rotina da cadeia é amenizada pela leitura dos jornais, as partidas de xadrez e pela visita de oficiais amigos, sobretudo os da "república", em dia de serviço. Se a incomunicabilidade ~~da prisão~~ é rigorosa no plano político, esses mesmos amigos - carcereiros improvisados - tentam, de quando em quanto, amenizá-la facilitando discretas visitas femininas, na cumplicidade da noite.

Apolônio não avisa as famílias - nem a sua, de Corumbá - nem a da noiva Corina, em Pelotas. Inicialmente, por acreditar que a prisão ~~era~~ é por pouco tempo, e não convém, assim, alarmar ninguém. Na verdade, alarmado, nem ele mesmo está.

vistos para 36 tornam-se mais difíceis e, mesmo, problemáticos, no espírito dos ~~dois~~ prisioneiros.

A partir da queda de Prestes e de Olga, e em consequência dessa remoção, novas realidades vêm, ainda, surpreendê-los. De início, o ambiente vibrante e combativo da Casa de Detenção onde centenas de presos políticos acalentam a esperança de novos levantes. Nesse ambiente, a nova agressão do governo Getúlio - a cassação de suas patentes, ~~ao lado de~~ junto a dezenas de outros oficiais - não soa como algo dramático e desolador. Ali, o estado de espírito dominante, ainda eufórico, não dá espaço a angústias e depressões.

Contraditória e movediça, a vida tem, normalmente esse colorido. Os nossos dois prisioneiros iriam sentí-lo já ao sair de Bagé, na viagem inesperada. Ao lado da violência da agressão que sofriam, nessa remoção sob escolta, a escala em Pelotas os aguardaria com um clarão de amor e solidariedade. O espírito de nosso tenente refaz esse trajeto tantas vezes percorrido nos fins de semana de visita à noiva. E, ao chegar à estação de Pelotas, quase se levanta para saltar do vagão, à procura de um taxi quando - não acredita seus olhos - vê aparecer Corina em pessoa, ao lado do velho Gomes. E não é que a noiva e o pai tinham conseguido autorização para acompanhá-lo até o Rio Grande? Apesar da natural timidez, a diligente tinha conseguido remover obstáculos e resistências. É esta a última e doce imagem que Apolonio guarda, até hoje. O gesto de sua mão direita que prolonga, no ar, o adeus, é interrompido pelo anúncio de que o carro que vai levá-los ao porto do Rio Grande já está à sua espera. Nenhuma palavra, nesse curto trajeto. O carro desliza pelas ruas da cidade em sombras e vai deixar seus passageiros no ponto de embarque.

GK.Ø.TXT.2, P.154

O oficial de escolta, o primeiro tenente de artilharia Aldo, enfia a mão em sua valisa preta, afasta papeis, e faz tilintar duas reluzentes algemas. Aproxima-se do capitão e, num esforço para parecer natural:

- São ordens que recebi. Espero que, como militares, vocês compreendam.

Esse pedido de desculpas tem sua explicação. Primeiro, porque, apenas dois anos atrás, na Escola de Realengo, o cadete Aldo fora companheiro e colega de alojamento de Apolonio. Segundo, porque os dois prisioneiros continuam a ser oficiais do exército. E, além de um duplo insulto no plano humano, constitui uma agressão flagrante à ética militar um tenente conduzir como prisioneiro e, para cúmulo, sob algemas, a um superior hierárquico: o ~~capitão~~ capitão Renato da Cunha Mello. Ambos participantes, ontem, de uma entidade política reconhecida e legal a ANL; e presos, agora, sem qualquer processo ou acusação. Algemados, são conduzidos, sob protesto, à cabine que lhes va servir de prisão, no navio de passageiros da linha Montevideo-Rio. E assim será durante toda essa viagem.